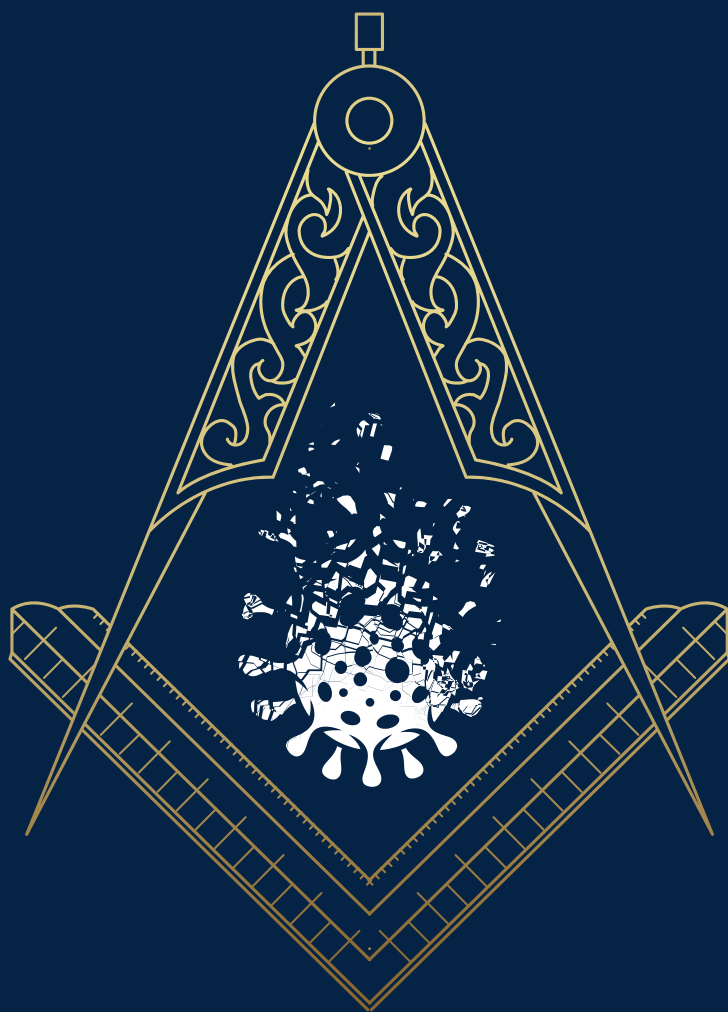


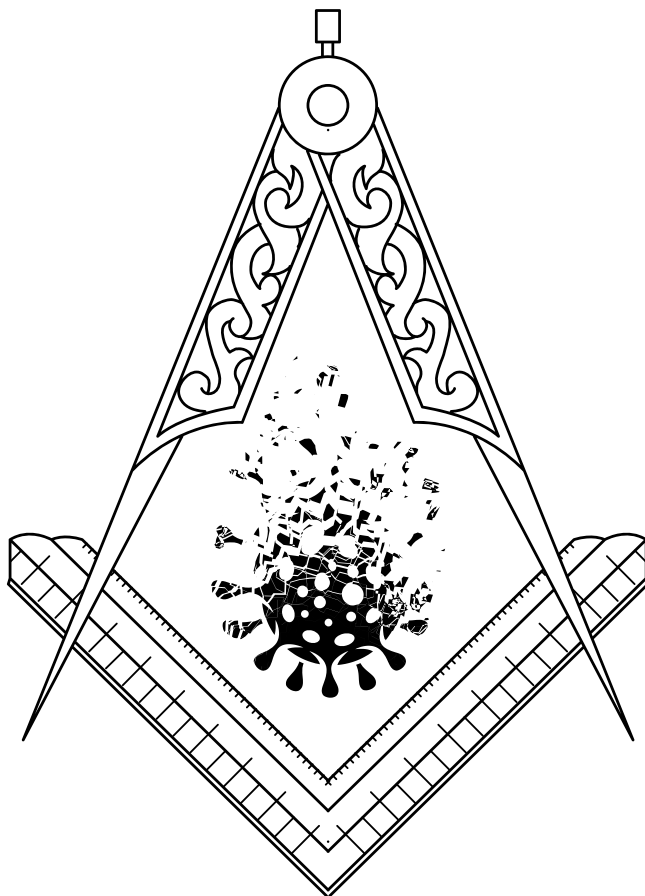
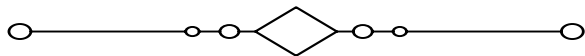
MAÇONARIA

PÓS-PANDEMIA



MAÇONARIA

PÓS-PANDEMIA



© 2021 by Editora CMSB
Todos os direitos reservados.

Ilustrações de capa:
Cássio Xavier

Organização:
Cassiano Teixeira de Moraes

Revisão:
Kennyo Ismail

Diagramação:
Helkton Gomes da Silva

Impressão: GC Fernandes Gráfica - ADE Conj. 10 Lt 15 - Samambaia Sul
Fone: 61 355-0237 / Whatsapp: 61 98576-8571 - Email: gcfernandes7@gmail.com
Instagram: gc_fernandes

Conselho Editorial:
Alexandre Modesto Braune
Geraldo Eustáquio Coelho de Freitas
Rubens Caldeira Monteiro
Wagner Augusto Andreasi (in memoriam)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M827 Moraes, Cassiano Teixeira de (Org.)
Maçonaria Pós-Pandemia / organização Cassiano Teixeira de Moraes,
-- 1. ed. -- Brasília : CMSB, 2021.
188 p. impresso em 155 x 220 cm.

ISBN 978-65-992450-1-5

1. Maçons 2. Maçonaria 3. Maçonaria - História
4. Maçonaria - Rituais 5. Pós-pandemia I. Moraes,
Cassiano Teixeira de.

21-67886

CDD-366.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Maçonaria : Sociedade secretas 366.1
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a permissão do detentor dos direitos. Nenhuma parte desta obra pode ser disponibilizada eletronicamente, em qualquer formato ou meio, sem a permissão do mesmo.



Editora CMSB
SCS Quadra 02
Edifício Anhanguera, Sala 110
Brasília – DF – CEP: 70.315-900
comunica@cmsb.org.br

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
<i>Alexandre Modesto Braune</i>	
PREFÁCIO	7
<i>Edilson de Oliveira</i>	
INTRODUÇÃO	11
<i>Cassiano Teixeira de Morais</i>	
A TECNOLOGIA NA MAÇONARIA PÓS-PANDEMIA	21
<i>Jorge Luiz Riovaldo Smargiassi</i>	
DO CANTEIRO DE OBRAS À VÍDEOCONFERÊNCIA: Como a Educação Maçônica sobrevirá à Pandemia?	47
<i>José Gabriel Pontes Baeta da Costa</i>	
A CONSTRUÇÃO SOCIAL EM TODOS OS MOMENTOS: o novo normal do novo normal e a maçonaria	59
<i>Carlos Márcio de Souza Macedo</i>	
A PANDEMIA DA COVID-19 E AS NOVAS PRÁTICAS NA MAÇONARIA CONTEMPORÂNEA	75
<i>Kleber Cavalcante de Sousa</i>	
CIRCUNSTÂNCIAS DE UMA PANDEMIA NA MAÇONARIA	95
<i>Jorge Antônio Mendes</i>	

DE ILUSÃO TAMBÉM SE VIVE	109
<i>Mario Ricardo Kowalczyk</i>	
DO EGO AO LEGO: Meu Irmão, como tal, me reconecta	119
<i>Luciano Alves da Silva</i>	
MAÇONARIA PÓS-PANDEMIA: O copo está meio cheio ou meio vazio?	139
<i>Ivan A. Pinheiro</i>	
O USO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS NA MAÇONARIA BAIANA	163
<i>Glauber Santos Soares</i>	
OS NOVOS MAÇONS: EFEITOS DA PANDEMIA NA VISÃO DE UM APRENDIZ	177
<i>Francisco Fábio dos Santos Guedes</i>	

APRESENTAÇÃO

Chegamos à 2ª Edição do compêndio que traz os artigos finalistas do Concurso Literário da Editora CMSB, mantendo vivo o escopo estatutário dessa Confederação na difusão do conhecimento maçônico. Em sendo uma escola, a maçonaria não pode se furtar a oferecer acesso a conhecimento nascido de pesquisas que visam melhorar a atuação institucional em todos os seus matizes.

O destaque desta edição reside na preocupação dos maçons em entender e propor os rumos da instituição no cenário pós-pandemia. Muitos desafios se impuseram nesse contexto pandêmico em que a RECONSTRUÇÃO se faz necessária e urgente.

Com alegria levamos a todos a compilação dos artigos destacados, em diapasão com as regras do edital do referido concurso, mas não podemos nos furtar a agradecer a todos que enviaram suas valiosas contribuições. Percebemos e constatamos como é rica a produção maçônica de qualidade em território brasileiro, sendo imperioso sua divulgação.

A Editora CMSB, indubitavelmente, é um ganho e veio para ficar. Conclamamos os autores maçônicos a conhecerem e submeterem suas obras ao nosso Conselho Editorial. Estamos prontos a recebê-las.

À Maçonaria brasileira, fica nosso incentivo à continuação dos esforços primorosos que todos vêm fazendo na busca de seu melhoramento institucional. A relevância da Maçonaria está e sempre estará na renovação íntima, que é capaz de produzir em seus obreiros e estes na sociedade em que se inserem.

Conhecimento é ferramenta de aprimoramento que age quando de sua propagação a todos os rincões; conheça, estude, se aprimore e faça a diferença que nasce de um verdadeiro esforço coletivo.

Boa leitura a todos!

Alexandre Modesto Braune

Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado de Tocantins e
Presidente da 49ª Assembleia Geral Ordinária da C.M.S.B.

PREFÁCIO

No momento em que fui distinguido com o convite para preludiar esta notável obra literária, veio-me à memória uma viagem de retorno a Belo Horizonte, procedente da cidade de Santo Antônio de Pádua/RJ, no dia 12/05/2019.

Percorrendo as estradas que cruzam a zona da mata mineira, estava em minha companhia o Irmão Cassiano Teixeira de Moraes que naquela oportunidade, na condição de ex Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Distrito Federal, cogitava a ideia de sair candidato ao cargo de Secretário Geral da CMSB - Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, na eleição que se desenvolveria no mês de julho daquele ano, em cujo pleito foi vencedor, e hoje no apagar das luzes do seu mandato, endereça-me o convite que resulta neste texto.

A razão de ser da lembrança daquela viagem, repousa no fato de que nos diversos diálogos empreendidos entre nós no decorrer dos 402 quilômetros até chegar à capital mineira, tive a oportunidade de ouvir do mencionado Irmão Cassiano as ideias e projetos que povoavam sua imaginação para elaboração do portfólio de intenções que apresentaria aos Grão-Mestres das Grandes Lojas associadas à Confederação em destaque.

Dentre outras ideias externadas pelo meu interlocutor, naquela aprazível viagem, pinço sua observação enfática no sentido de que no estatuto da CMSB, exatamente no inciso "X" do art. 3º, desde os primórdios, havia previsão de se promover impressão de obras literárias, o que na prática implicaria na instalação e operação de uma Editora, iniciativa que nos quase 54 anos de existência da Confederação à época, ainda não havia sido implementada.

Sucedeu que o plano de trabalho apresentado pelo Irmão Cassiano já na condição de Secretário-Geral eleito, contemplando a iniciativa de instalar a Editora CMSB, foi aprovado pelos Sereníssimos Grão-Mestres e logo em seguida colocado em prática pela Secretaria-Geral, mediante realização do primeiro concurso literário que forneceu

os brilhantes textos reunidos na primeira obra daquela novel estrutura de produção literária.

Agora, junho de 2021, estamos diante do lançamento da segunda obra literária que reúne dez fantásticos trabalhos, todos abordando temáticas extremamente atuais e deveras importantes, não apenas para a cultura maçônica, como também, e principalmente, para servir de verdadeiras diretrizes para as gestões institucionais que, inevitavelmente, terão a árdua tarefa de inspirar a participação dos associados e manter a estabilidade das Potências Maçônicas após este triste e tormentoso momento pandêmico vivido pelas pessoas e as corporações em todo o mundo.

Aliás, o título desta segunda obra literária – Maçonaria Pós-Pandemia –, por si só, sinaliza quão útil será o seu conteúdo para as lideranças maçônicas frente aos desafios do porvir.

No que se refere ao conteúdo deste livro, releva registrar que a exemplo da primeira obra, a Editora CMSB instaurou, na precedência, um concorrido certame que contou com dezenas de estudiosos escritores Maçons, de todas as partes do Brasil, os quais, submetidos a rigoroso processo seletivo, resultou na escolha dos dez títulos, fontes de conhecimento que os leitores terão à disposição para melhor se instruírem a partir de agora.

Todos os coautores deste magnífico projeto literário são dotados de grande saber, comprovada capacidade intelectual e indiscutíveis trajetórias maçônicas que os habilitaram a produzir textos tão pertinentes e qualitativos.

Sem dúvida alguma este produto de ensino, propagação de cultura e capacitação de gestores fornece corpo e alma às notáveis intenções daqueles idealizadores do ano de 1965 (fundação da CMSB) que previram no estatuto constitutivo a perspectiva de uma Editora, como também notabilizam, com galhardia, os personagens de agora, revelados pela contribuição à instalação dessa estrutura, isto é, os Grão-Mestres que tiveram a lucidez de aprovar o programa de ação da Secretaria-Geral e esta, por ter demonstrado competência e proatividade na consecução do objetivo estatutário, tendo à frente os Irmãos

Cassiano Teixeira de Moraes e seu adjunto, Geraldo Eustáquio Coelho de Freitas (Tataco).

Já tive a oportunidade, em outros textos da minha lavra, de consignar um posicionamento, inspirado pelo ensinamento do filósofo grego Platão, qual seja: “a coisa mais indispensável a um homem é reconhecer o uso que deve fazer do seu próprio conhecimento”. É exatamente isso que se consolida nesta obra literária; os coautores que se dedicaram à construção deste projeto, compreendido por conteúdo de altíssima qualidade intelectual e assertividade, enquadram-se na categoria de verdadeiros agentes de transformação social. Por isso, consignamos nosso respeito e admiração a todos!

Por fim, toda homenagem que for direcionada aos protagonistas deste projeto literário não atingirá a dimensão do seu merecimento, pois, uma Instituição com princípios e objetivos de alcance social, patriótico, político e cultural tão nobres como o são os da Maçonaria universal, é só mesmo por intermédio de iniciativas de ensino e proliferação de conhecimento, que os maçons estarão capacitados para exercerem seu papel de verdadeiros construtores sociais, a bem da pátria e da humanidade.

Desejo boa leitura a todos, com a certeza de que ficarão nutridos de inspirações e subsídios geradores de boas práticas maçônicas no cenário pós-pandemia.

Fraternalmente.

Edilson de Oliveira

Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica de Minas Gerais

Gestão 2018/2021

INTRODUÇÃO

Como chegamos até aqui?

As pesquisas históricas são convergentes ao dizer que a o território europeu foi o local de surgimento da Maçonaria Especulativa. Tudo leva a crer que existiu inicialmente uma Maçonaria Operativa, composta por pedreiros livres (maçom é pedreiro em francês). Esses profissionais foram responsáveis em grande medida pela construção de catedrais, castelos e fortificações do período medieval. Como o homem é um ser gregário e social, esses maçons começaram a se organizar em comunidades, guildas locais ou corporações de ofício. Essas funcionavam como associação de classe, sindicato, sistema de previdência, escola preparatória, entre outras funções. Com o tempo, começou a existir um rito para ingresso e seleção de membros, estudo por etapas, provas para subir de grau e o incremento de alguns elementos místico-religiosos, tão comuns à época, culminando em processos de iniciação, alguns muito elaborados.

Esse modelo de organização por guildas e corporações de ofício não era exclusivo dos pedreiros. Há registros históricos consistentes da existência de organizações semelhantes para carpinteiros, padeiros, barbeiros, ferreiros, dentre outras categorias profissionais. Havia símbolos, brasões e vestimentas que distinguiam os membros de cada guilda.

Outro modo peculiar de identificação eram as palavras, passos, toques e sinais secretos; revelados apenas para os membros depois de passarem por algumas etapas da formação profissional e iniciática. De posse desse conjunto identificatório, os membros das corporações de ofício se tornavam literalmente pedreiros-livres e podiam viajar a outros países, vendendo livremente sua mão-de-obra. Os modos de identificação eram como diplomas ou cartas de apresentação e garantiam empregos e boas colocações, a depender da boa reputação de cada guilda.

Além de construções magníficas e da preservação e aprimoramento de várias técnicas de arquitetura e engenharia, essa movimentação entre

os pedreiros livres também promoveu uma grande **conectividade**, pois eles eram provenientes de diferentes regiões e trabalhavam por toda Europa. Formou-se uma verdadeira rede de trocas no âmbito cultural, histórico e filosófico.

Com os movimentos do Renascimento e Iluminismo, a Maçonaria despertou o interesse de intelectuais, advogados, médicos, clérigos, nobres, comerciantes, etc., os não-maçons. Esses começaram a ser admitidos e terem permissão para estudar os mistérios da Maçonaria no campo especulativo, ou seja, estritamente teórico, sem relação com a prática da construção. Como não eram autenticamente pedreiros livres, foram denominados de aceites. Desembocamos assim em um termo utilizado até os dias atuais: maçons livres e aceites.

Após a incorporação de não-pedreiros, a Maçonaria entra em sua segunda fase, denominada Maçonaria Especulativa ou Simbólica. Os ensinamentos práticos do ofício de pedreiro começam a dar lugar para o estudo de práticas morais, regras de conduta, princípios éticos e humanitários. Permanecendo os tradicionais instrumentos de trabalho (esquadro, compasso, régua, lápis, cordel, nível, prumo, dentre outros) como figuras mnemônicas e simbólicas a recordar o maçom de suas obrigações morais, retidão, limites, aproveitamento do tempo, justiça, equidade e assim por diante.

Vale um parêntese aqui para destacar o **pioneirismo** da Maçonaria ao aceitar em um mesmo espaço, em condições de igualdade e submetidos às mesmas regras: membros da realeza, plebeus, padres, burgueses, intelectuais, escritores, profissionais liberais, além de pessoas de diferentes crenças religiosas. Isso é absolutamente normal na atualidade, mas na Europa do século XVII e XVIII, era algo assustador. E isso rendeu à Maçonaria muitos problemas e **incompreensões** por parte de governos absolutistas e do alto clero. Mas, foi justamente essa diversidade de seus membros que tornou a Maçonaria Simbólica um embrião de muitas e produtivas discussões, que culminaram em ideais liberais e arrojados como a busca livre pela verdade, a igualdade dos povos, a independência das colônias e a abolição da escravatura. Todos

esses assuntos abordados em Lojas Maçônicas e muito bem registrados em documentos históricos.

O surgimento dessa Maçonaria Simbólica, somado ao rearranjo territorial e à melhor definição de nações e chefes de estado, fez surgir os governos maçônicos, com jurisdição específica e regras comuns. Uma unidade maçônica seria uma Loja e um grupo de Lojas, em dado território, seria uma Grande Loja. O chefe de uma Loja Maçônica, um Venerável Mestre; o chefe de uma Grande Loja, um Grão-Mestre.

As Grandes Lojas passaram a respeitar as divisas territoriais dos países e muitas das vezes eram dirigidas pelos reis ou membros da realeza (o que acontece até hoje na Grande Loja Unida da Inglaterra, onde o Grão-Mestre precisa necessariamente ser membro da família real).

Apesar da nacionalização da Maçonaria, a instituição continuou promovendo a **conectividade**. Os habitantes mais abastados das colônias, quer seja na América, África ou Ásia, enviavam seus filhos para estudarem na Europa. Além dos diplomas, esses estudantes também levavam na bagagem ideias de liberdade, igualdade e fraternidade. Muitos deles foram iniciados na Maçonaria e ao regressarem às colônias, ajudaram a fundar Lojas Maçônicas, difundindo os valores liberais e humanistas, que contribuíram para o sentimento de independência, culminando em movimentos de rompimento com as metrópoles europeias.

O **pioneirismo** de muitos maçons promoveu contribuições históricas bastante relevantes. As principais bandeiras eram a independência das colônias, a abolição da escravatura e a instalação de repúblicas democráticas. Mesmo que os movimentos tenham se dado em épocas distintas nas diferentes regiões da América, alguns maçons de destaque merecem ser citados: George Washington e Benjamin Franklin, nos Estados Unidos; Louverture, no Haiti, Simon Bolívar e San Martin, na América Latina; além de José Bonifácio, Bento Gonçalves, Visconde do Rio Branco e Rui Barbosa, no Brasil.

A participação dos maçons nesses movimentos fez colar na Maçonaria a pecha de revolucionária e conspiradora. E, novamente, essas **incompreensões** fizeram a Maçonaria ser proibida, fechada ou

perseguida em vários países. Dom Pedro I, apesar se ter sido iniciado, proibiu as reuniões maçônicas no Brasil, temendo atos contrários ao seu frágil governo. Hitler perseguiu maçons e quase extinguiu a Maçonaria na Alemanha, que levou décadas para se reerguer. Stálin fez movimento semelhante na antiga União Soviética. E as ditaduras na península ibérica, de Franco na Espanha e Salazar em Portugal, não foram menos impiedosas e levaram a Maçonaria à clandestinidade por muitos anos.

Superados esses desafios e restabelecido os governos maçônicos nacionais, surgiu uma nova forma de **conectividade**: as Confederações Maçônicas. Essas são organizações estáveis, formadas por Grandes Lojas (ou potências maçônicas) autônomas e independentes, de diferentes estados ou países. Funcionam na prática como associações, defendendo os interesses comuns das associadas, promovendo a interação, a troca de experiências e executando ações conjuntas no âmbito da comunicação, educação e ajuda mútua. Também é comum que os dirigentes dessas confederações representem os seus demais integrantes perante autoridades civis, militares, religiosas ou mesmo outras organizações maçônicas.

O funcionamento dessas confederações se assemelha muito a organismos internacionais como a ONU (Organização das Nações Unidas) ou a OMS (Organização Mundial de Saúde), que articulam pesquisas e ações conjuntas entre os países com foco comum na prevenção e promoção da saúde, mas os seus membros continuam totalmente autônomos e independentes. Não existe, por exemplo, caráter de subordinação de qualquer chefe de estado em relação ao Secretário-Geral da ONU.

São exemplos de Confederações Maçônicas internacionais, a CMI (Confederação Maçônica Interamericana), a maior delas, com 86 potências de 26 países diferentes; a COMACA (Confederação Maçônica Centro Americana), que conta hoje com Grandes Lojas de 7 países; e a COGMNA (Conferência de Grão-Mestres dos Maçons na América do Norte), composta pelas Grandes Lojas dos Estados Unidos, Canadá, Porto Rico, uma da Alemanha e uma do México.

Temos também Confederações Maçônicas de âmbito nacional, como na Colômbia, no México e a nossa CMSB (Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil), fundada em 12 de Novembro de 1965, que congrega as 27 Grandes Lojas Brasileiras. As finalidades da CMSB são bem explicitadas em seu Estatuto Social, no Artigo 3º:

- I- fomentar a difusão, pelas Associadas, da doutrina e dos postulados da Maçonaria Universal e do ideal maçônico;
- II- promover a educação na formação de lideranças maçônicas e na geração de valores sociais;
- III- fortalecer a integração e o intercâmbio de experiências entre as Associadas e com outras Instituições;
- IV- sugerir e estimular a gestão da informação e do conhecimento, bem como instruções maçônicas, entre as Associadas;
- V- desenvolver e incentivar programas de responsabilidade social e ambiental;
- VI- estimular a inovação nos processos de gestão maçônica entre as Associadas;
- VII- incrementar, de forma permanente, a comunicação em âmbito interno e externo;
- VIII- estudar e coordenar medidas que possam interessar às Associadas, no sentido da ação maçônica conjunta;
- IX- **criar e manter cursos nos campos educativo**, científico e social, diretamente ou por intermédio das Associadas, podendo conceder bolsas de estudos e estimular programas sociais voltados para o indivíduo como pessoa humana útil e produtiva;
- X- **promover a impressão e edição de obras**, impressos e serviços para a comunidade maçônica ou ao público em geral;
- XI- **manter biblioteca que contenha departamentos público e maçônico**, estimulando a criação e o desenvolvimento de organismos similares nas Associadas.

Destacamos aqui as três últimas finalidades, que constam do nosso Estatuto desde 1995, com pequenas diferenças de grafia. Nas versões de

1995 e 2008, constava “manter uma unidade gráfico-industrial, visando a edição de obras”. Já em 2014, percebendo a pouca viabilidade de se manter uma gráfica, alterou-se o texto para “promover a impressão e edição de obras”. Trecho esse que se manteve inalterado na reforma estatutária de 2017.

Pois bem, coube a atual gestão da CMSB, 25 anos depois da definição estatutária de suas finalidades, colocar em prática os anseios e aspirações dos nossos antecessores, que idealizaram o **pioneirismo** da nossa Confederação em termos de produção e difusão de conhecimento maçônico.

Enquanto mineiro e apaixonado pela história do Brasil, não há como deixar de fazer um paralelo à Brasília, capital federal onde se encontra a sede da CMSB. A construção de Brasília estava prevista desde a primeira constituição da República, de 1891, mas somente teve início 65 anos depois, em 1956, graças a Juscelino Kubitschek.

A Biblioteca Digital da CMSB foi colocada no ar em novembro de 2019, antes mesmo da pandemia. Com mais de 3 mil títulos, entre livros, periódicos, revistas e artigos científicos; o que a destaca, até os dias atuais, como a maior biblioteca maçônica digital do mundo. E ao que parece acertamos em cheio, pois em 1 ano, foram mais de 50 mil acessos aos arquivos da nossa Biblioteca, demonstrando o interesse dos maçons pelo estudo e pesquisa.



Conheça a Biblioteca Digital da CMSB

O sucesso da Biblioteca e o advento da pandemia fizeram acelerar a implementação da UniCMSB, a Universidade Corporativa da CMSB. Com os trabalhos iniciados em Abril de 2020, disponibiliza cursos de curta duração, por um sistema inovador de ensino a distância. O objetivo é a Educação Maçônica, com foco na gestão e na melhor formação de lideranças. Atualmente, a UniCMSB disponibiliza 21 cursos, com as mais diferentes temáticas, desde Gestão de Pessoas à História da Maçonaria e dos Ritos, passando por Planejamento Estratégico, Gestão Financeira, Simbologia e até um Curso de Oratória. Além da difusão de conhecimento, a UniCMSB também possibilitou a **conectividade**, entre alunos e professores que são pesquisadores das temáticas maçônicas. Até o fechamento da edição deste livro, contávamos com exatos 1.854 alunos, inscritos em 2.689 cursos, o que nos dá a ideia do alcance e mostra ainda espaço para o crescimento e evolução dessa iniciativa.

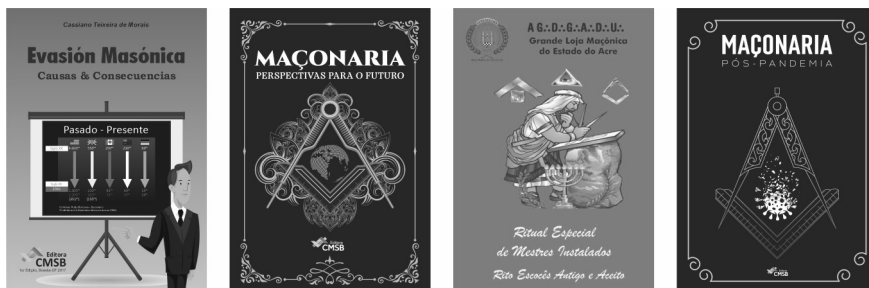


Conheça a UniCMSB

A crença de estarmos no caminho certo foi enrobustecida com a posterior criação da UniGOB e da Biblioteca Virtual do GOB, além da idealização e planejamento da UniCMI. Iniciativas essas que louvamos e apoiamos, no sentido de somarem esforços na causa comum da Educação Maçônica.

Entretanto, o trabalho não estaria completo sem a existência da Editora CMSB. Com registro na Biblioteca Nacional em Outubro de 2019, a nossa editora foi oficialmente inaugurada em março de 2020, com a

publicação do livro “Evasión Masónica: Causas & Consecuencias”, graças à parceira com a CMI. Posteriormente, foi impresso e distribuído às Lojas o livro “Maçonaria: perspectivas para o futuro”, fruto do 1º Concurso Literário da Editora CMSB, além da edição e confecção de rituais do simbolismo, por demanda da Grande Loja do Estado do Acre.



Finalmente, chegamos à presente obra, “Maçonaria: pós-pandemia”, que surge como desdobramento do 2º Concurso Literário da Editora CMSB. Concurso este que, além da difusão de conhecimento maçônico de qualidade e baseado em evidências, teve também como objetivo incentivar a pesquisa e a produção literária entre os maçons e, por que não, o surgimento de novos escritores.

Podemos afirmar, sem a menor sombra de dúvida, que ambos os objetivos foram alcançados. Os dez artigos que vocês lerão em seguida têm como predicado a qualidade e a relevância. Sua leitura e consulta certamente acrescentará informações e reflexões importantes ao cabedal de conhecimento dos irmãos e estudiosos da Maçonaria.

Além disso, tivemos a grata satisfação de constatar que o **pioneirismo** da Editora CMSB, aliado à **conectividade** proporcionada pela parceria com Grande Loja Maçônica de Minas Gerais (GLMMG), possibilitaram a revelação de que no interior do estado mineiro, na cidade de Guaxupé, existe um novo talento literário. Trata-se do Mestre Maçom Jorge Luiz Riovaldo Smargiassi, que foi o primeiro colocado no já referido concurso literário, autor do laureado artigo A TECNOLOGIA NA MAÇONARIA PÓS-PANDEMIA.



Seria injusto não destacar aqui a valiosa contribuição que a GLMMG deu à atual gestão da CMSB. Como bem lembrou o Sereníssimo irmão e amigo Edilson Oliveira, no prefácio deste livro, muitos dos projetos surgiram de agradáveis conversas e valiosas trocas de ideias. Soma-se a isso o fato de termos na equipe o Eminentíssimo irmão e amigo Tataco, que serviu de forma prestimosa como Secretário-Geral Adjunto da nossa Confederação, sempre afável, disponível e trabalhador.

Além do labor, talento e inteligência desses irmãos, institucionalmente a GLMMG foi uma grande parceira da CMSB, apoiando todos os projetos que foram implementados, incentivando o engajamento de suas Lojas e a participação de seus obreiros. Não foi coincidência o fato do estado de Minas Gerais ser aquele que mais enviou artigos para o 2º Concurso Literário da Editora CMSB. Até mesmo nas dificuldades, incompreensões e obstáculos enfrentados, a GLMMG colaborou, propondo soluções e abrindo novas perspectivas e possibilidades.

Constatamos, através da história antiga e recente, que em momento de crise e incertezas sociais, a Maçonaria se destaca pelo **pioneirismo** nas mudanças e por sua **conectividade**, capaz de aperfeiçoar e difundir ideais através de toda a sociedade. Entretanto, essas mudanças e novas ideias, via de regra e infelizmente, costumam trazer consigo **incompreensões**.

Devido a atual epidemia, atravessamos momentos difíceis e delicados para a nossa ordem. É esperado que o estado de estresse e a apreensão levem ao aumento dessas incompreensões. Entretanto, vislumbramos aqui dois antídotos imunizantes para prevenir isso. Em primeiro lugar, a **fraternidade**, que nos possibilita a melhor compreensão sobre os outros e a prática da empatia. Em segundo lugar, a busca livre e incessante pela verdade, que nos leva ao **conhecimento**. E este livro, escrito por irmãos, está repleto de antídotos e ensinamentos.

Boa imunização a todos!!!

Cassiano Teixeira de Moraes

Secretário-Geral da CMSB

Gestão 2019-2021

A TECNOLOGIA NA MAÇONARIA PÓS-PANDEMIA

*Jorge Luiz Riovaldo Smargiassi*¹

1. Introdução

Quando a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB) inovou na comunidade literária maçônica lançando o I Concurso Literário intitulado “MAÇONARIA: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO”, os seus organizadores talvez não imaginassem que sua pretensão inicialmente visionária em tão curto espaço de tempo, longe de ser uma simples quimera de prospecção de uma Maçonaria futura, tornar-se-ia uma referência para começar a compreender esta estranha realidade que tão abruptamente se instalou. Em busca do entendimento de como será a “MAÇONARIA PÓS-PANDEMIA”, a Comissão Organizadora valeu-se dessa expressão como tema deste novo certame, levado a cabo pela Editora CMSB.

Se a edição do livro inaugural em 2020 já teve o viés de provocar estudos, análises e propostas, propiciando debates e discussões dentro das Lojas e entre os Irmãos, também fora delas, em direção ao caminho que a Maçonaria deve, doravante, trilhar, a Comissão Organizadora deste II Concurso Literário demonstrou seu foco na conexão do maçom com o futuro de nossa Ordem, desta vez, diante do impacto da pandemia da Corona vírus 19 (Covid-19), que torna as perspectivas para o futuro atreladas, inexoravelmente, aos efeitos causados pelo comportamento cultural da sociedade, que se depara com as sequelas, ainda iniciais, porém já traumáticas, de uma grave crise social, sanitária, política, econômica e, porque não, para muitos, até mesmo espiritual!

O maçom, sem abandonar os princípios e todo o arcabouço esotérico e simbólico que caracteriza a Arte Real, deve estar inclinado

¹ Jorge Luiz Riovaldo Smargiassi, Placet nº 30244, Loja Simbólica Fraternidade, Justiça e Trabalho nº 37, Oriente de Guaxupé-MG, jurisdicionada à Grande Loja Maçônica de Minas Gerais. E-mail: jorgesmargiassi@terra.com.br

a procurar por diretrizes que, não descurando de toda a tradição maçônica, mantenham a Maçonaria como protagonista na árdua missão de construtora social. Vislumbrar o futuro da Maçonaria no mundo pós-pandemia, após esmiuçar os 20 trabalhos selecionados no I Concurso Literário, torna a tarefa de quem se arrisca nesta seara um caminho menos claudicante. O futuro da Maçonaria foi descortinado nesta primeira obra que, sendo um trabalho inovador, torna-se referência obrigatória para as pretensões de quem procura entender, antever e propor alternativas frente a um cenário inédito para a Maçonaria pós-pandemia, porque – uma vez analisadas na esteira de tudo o que foi pensado como perspectiva futura – devem ser aplicadas sob a óptica de um futuro pós-pandêmico. É neste viés que devem ser bens recebidas as palavras de nosso Irmão Marcelo Feliz Artilheiro: “As consequências decorrentes da ausência de um amplo debate, estudo e pronunciamento apenas acarretam desprestígio da própria comunidade” (ARTILHEIRO, 2020).

Portanto, a *contrario sensu*, entendemos ser digno de louvor o fato de a Editora CMSB, em consonância com o que pugna nossa Ordem em favor da racionalidade e liberdade de opiniões, incentivar a pesquisa e a investigação histórica e científica. O fomento da atividade intelectual voltada para a rotina maçônica, presente e futura, torna o debate democrático e intenso, tornando-se um canteiro de boas ideias, de onde serão colhidas para a aplicação em nossas Oficinas, porque a sua contínua evolução depende, do viver o presente com o olhar voltado para o futuro, sobretudo neste momento em que estamos frente a um fato novo, a pandemia que aflige toda a humanidade.

Prospectar a Maçonaria pós-pandemia, mais do que enxergar os reflexos que por certo acometerão a Ordem, é antever as alternativas que se apresentarão como formas de garantir a estabilidade de uma Maçonaria que, se não perderá nada de sua essência, por certo deparar-se-á com um contexto ditado pelo comportamento social que prezarà cada vez mais pela segurança de seus indivíduos.

O trabalho inicia-se com breves notas sobre a história da Maçonaria, tangenciando a pandemia da peste negra como um dos elementos concorrentes para a conversão da Maçonaria Operativa

em Especulativa, seguindo pelos desafios enfrentados pela Maçonaria mundial ao longo de sua existência, com foco também nas grandes pandemias, inclusive a atual da Corona vírus 19 (Covid-19); continua pela história da Maçonaria no Brasil, elencando as dissensões do passado que originaram as Potências brasileiras e a aproximação entre elas, cada vez mais vigorosa; e, chegando ao tópico central em que é dedicado à importância da tecnologia da comunicação como instrumento determinante para a integração, para a não evasão e para a inclusão na Maçonaria, para, finalmente, concluir pela imprescindibilidade da tecnologia como complemento às atividades regulares de nossa Ordem.

2. A história da maçonaria

Sem a pretensão de querer abordar as diversas teorias que tentam datar a origem da Maçonaria, definimos como período de corte a Idade Média (período inserto entre a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 e a queda do Império Romano do Oriente, em 1453), por não haver discordâncias históricas significativas a seu respeito a partir daí.

Depreende-se dos ensinamentos de (BLOSFELD, 2016) que as guildas, associações que surgiram entre os séculos XIII e XV reuniam os profissionais liberais da época, dentre os quais, pedreiros, artesãos, ferreiros, artistas plásticos e comerciantes, cujo fim precípua era a defesa de seus interesses econômicos e profissionais, guardando, inclusive, as técnicas inerentes a cada atividade.

Entretanto, vários fatores contribuíram para que outros profissionais se juntassem àqueles para fortalecer as agremiações, de forma que elas foram transformando-se de corporações que apenas se dedicavam aos interesses de classe para abranger interesses mais complexos, na medida em que o amálgama de conhecimentos trocados entre um maior número de pessoas das mais diversas formações, inclusive intelectuais, fortaleceu tais associações, dando o primeiro passo para que a Maçonaria, no século XVIII, viesse a assumir sua nova roupagem de Maçonaria Especulativa, em substituição àquela originariamente Operativa.

Assim, também embasado nas lições de (BLOSFELD, 2016) vimos que, a partir da dissolução da “Ordem dos Cavaleiros Templários”, muitos templários refugiaram-se em Portugal e na Escócia e além de incrementar os tradicionais conhecimentos na arte de construção com novos saberes aprendidos nas construções árabes, influenciaram a administração das organizações, tornando-as mais esotéricas e sofisticando o ritual de iniciação do Aprendiz e evolução para Mestre. Junte-se a isso o surgimento das primeiras Universidades da Europa no século XIII, com enfoque para o estudo de Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia e já no século XV, cursos de Medicina, Direito e Arquitetura, dentre outros, sendo que em 1500 já havia mais de 70 Universidades. Deste ambiente que foram pinçadas cabeças pensantes para frequentar aquelas corporações, que já não eram apenas de ofício, mas já havia assumido características Iniciática e Esotérica, com novas ideias calcadas na fraternidade e liberdade de pensamento, de expressão, religiosa e política.

Neste período da Baixa Idade Média (entre os séculos XI e XV) observou-se a decadência da Igreja Católica, que já não conseguia convencer a sociedade que a Religião seria a solução para todos os problemas, principalmente diante da incapacidade de superação da grande crise sanitária e econômica decorrente da peste negra, pandemia que assolou toda a Europa nesta época. Foi neste período que grandes pensadores autônomos e/ou emergentes das Universidades aderiram ao movimento de redescoberta da racionalidade da filosofia clássica, fazendo despontar um novo momento cultural, com repercussão em toda a estrutura medieval, conhecido como Renascimento, cuja pedra de toque foi encontrar no Humanismo (valorização do Homem em seus mais diversos aspectos) uma nova forma de desenvolver as potencialidades da condição humana, conduzindo o homem pelo caminho do saber crítico e racional. O Renascimento e o Humanismo atingiram seu ápice no século XVIII, agora sob a égide do Iluminismo, movimento intelectual caracterizado pela racionalidade como meio de busca das pesquisas filosóficas e científicas.

Verificou-se a forte influência do Renascimento e do Iluminismo, cujos ideais encontraram amparo na Maçonaria – que se redefinia como

uma ordem voltada não apenas à construção e atividades profissionais, mas também inclinada à participação política – para a Independência dos Estados Unidos da América, em 1776 e para a eclosão da Revolução Francesa, em 1789. O movimento Renascentista, o Iluminismo e a novel Maçonaria tinham em comum os ideais da igualdade entre as pessoas, da liberdade de expressão e da fraternidade como objetivo social.

Um pouco antes, em 1717, tivemos o grande marco da Maçonaria Moderna, ponto de origem para a atual estrutura, quando no dia 24 de junho, data do solstício de verão no hemisfério norte, em Londres, as Lojas “O Ganso e a Grelha”, “A Coroa”, a “Da Macieira” e “Caneca de Vinho” associaram-se naquela que foi a primeira Grande Loja, inaugurando o que hoje ainda denominamos de Maçonaria Especulativa.

O termo “Arte Real” originou-se da Constituição de Anderson, em 1723, em alusão à arte de edificar com o manuseio da Geometria e as regras da Arquitetura, própria dos pedreiros pertencentes às suas corporações de ofício. Na Maçonaria Especulativa, a construção abandona seu sentido denotativo da construção material para assumir a feição esotérica da reconstrução do homem espiritual, num constante labor daquele que se propõe a enaltecer seus valores e suas virtudes em sobreposição aos vícios, que devem ser extirpados da vivência do maçom (DA CAMINO, 2014).

Por sua vez, a expressão “Maçonaria Especulativa” foi cunhada com o propósito de, sem querer descolar a imagem da então recente Maçonaria que se formava daqueloutra que lhe dera origem, evidenciar que a Instituição navegaria, doravante, pelas sendas da investigação teórica em busca da construção do templo interior de seus adeptos, profundamente ligada à filosofia, ao esoterismo e à simbologia.

3. Desafios enfrentados pela maçonaria

Considerando haver diversas teorias que tentam datar a origem da Maçonaria, há unanimidade entre os doutrinadores de que a Maçonaria Operativa encontrou seu ápice na baixa Idade Média (séculos XI a XV) e a transmutação para a Maçonaria Especulativa, conforme detalhamos

no item anterior, deu-se no século XVIII, cujo marco foi a fundação da primeira Grande Loja, em Londres, em 24 de junho de 1717.

Longe de ignorar as dificuldades pelas quais a Maçonaria se deparou ao longo de sua história, desde sua embriogênese em períodos longínquos, quando ainda não gozava de nenhuma denominação específica, até o seu formato já bem delineado sob o enfoque de Maçonaria Operativa, a partir da baixa Idade Média, não foi senão pela conjunção de alguns fatos marcantes, que em muito abalaram a estrutura social da época, que ela progrediu em sua concepção e tornou-se aquela que seria uma instituição mais complexa reconhecidamente como Maçonaria Especulativa.

Pode-se citar a eclosão da pandemia da peste negra, que ceifou a vida de milhões de pessoas na Eurásia a partir de 1346, principalmente até 1353, como um grande catalisador dessa mudança de paradigma da Maçonaria. Foi nesta época a origem do Renascimento, um retorno à Antiguidade Clássica em prol da valorização do homem, que, em meados do século XIV, culminou com o Iluminismo (estendendo-se até o fim século XVI), o grande movimento deflagrador da Independência dos Estados Unidos da América, em 1776 e da Revolução Francesa, em 1789. Enfatizou-se a razão para situar o homem como o centro destinatário da igualdade, liberdade e fraternidade e o progresso científico na frenética busca pela explicação do Universo, contrapondo-se à fé que não mais explicava o mundo e nem as tragédias que vitimavam a população. Muda de mãos o prestígio, deixando a Igreja Católica de ser a detentora da verdade para tornarem-se, os intelectuais, cientistas e filósofos, os protagonistas sociais (NOGUEIRA, 2020).

A pandemia da peste negra, assim, pode ser considerada um marco na história da Maçonaria porque, não destoando de toda a sociedade medieval que teve de adaptar-se à nova situação, foi provocada a valer-se do pensamento intelectual então vigente na época que veio à reboque para evoluir e, sem perder sua essência, assumir seu perfil Especulativo.

Esta evolução da Maçonaria pautou-se também na nova dinâmica ditada pelo incipiente capitalismo e expansão da imprensa, com reflexos diretos nas corporações de ofício. A Maçonaria sempre esteve diante de grandes desafios a ameaçar sua existência, colocando em xeque a

manutenção de suas atividades ao redor do mundo. Inicialmente, as próprias corporações de ofício, representadas, principalmente, por trabalhadores manuais e artesanais, se viram enfraquecidas a partir dos primórdios da Revolução Industrial e as consequentes transformações nas relações de trabalho. Também foi protagonista deste esfacelamento a impressão de folhetos e livretos, que se tornaram muito presentes naquela sociedade, tornando fácil o acesso ao conhecimento dos ofícios e das artes operativas e isto definitivamente estremeceu a estabilidade da sociedade de pedreiros livres, no século XVIII. A confluência de todos estes fatores exigiu a transformação da Maçonaria, estabelecendo-se, então, como Maçonaria Especulativa. Esta mudança de paradigma tornou a Maçonaria mais complexa em sua simbologia e ensinamentos, avocando a nobre missão de conduzir o homem em seu aperfeiçoamento e tornar-se a instituição capaz de sonhar com uma sociedade que combatesse a tirania e defendesse novas ideias, não apenas repassando os segredos dos construtores (SOUZA, 2020).

A Igreja Católica, que antes era grande apoiadora das corporações de ofício, principalmente os pedreiros, que eram arregimentados para a construção das grandes catedrais europeias, de parceira tornou-se inimiga da nova Ordem, naquilo que se transformou numa das mais covardes e sangrentas perseguições aos maçons, tendo sido centenas deles lançados às execuções sumárias da Inquisição, cujo auge ocorreu no final do século XV e início do Século XVI.

Superado a fase da Inquisição (séculos XV e XVI) e a transição da Maçonaria Operativa para a Especulativa (século XVII), as perseguições continuaram. Prosseguindo, nas precisas palavras do irmão Kleber Cavalcante de Souza:

Outra questão enfrentada pela Maçonaria ocorreu quando a Igreja Católica proibiu seus fiéis de se tornarem maçons, através de mais de 20 bulas papais, desde o Papa Clemente XII, em 28 de Abril de 1738, com a *In Emineti Apostolatus Specula*, até a *Annun Ingressi*, em 1902, do Papa Leão XII. Este problema com a Igreja Católica prejudicou bastante a expansão e existência da Maçonaria, inclusive no Brasil, em

que diversos membros do clero, também eram maçons, e que culminou com a Questão Religiosa, no Brasil, no fim do século XIX, em que diversas lideranças Maçônicas foram perseguidas e punidas pela Igreja, por não abjurarem a Maçonaria, entre eles destacamos o padre Potiguar e líder Maçom do Rio Grande do Norte, o Irmão Bartolomeu da Rocha Fagundes (SOUZA, 2020).

Mais recentemente, a Maçonaria deparou-se com as Primeira e Segunda Guerras Mundiais (respectivamente, 1914/1918 e 1939/1945) e os reflexos de sua destruição estenderam-se também para a Maçonaria, havendo farta documentação quanto ao fechamento de muitas Lojas Maçônicas na Europa, com perseguição aos maçons, sobretudo na Itália e Alemanha. O mesmo autor afirma que a tônica do século XXI é o conflito entre gerações diferentes e a disputa pelos espaços nesta sociedade pós-moderna, uma vez verificadas a expansão do conhecimento e as grandes transformações sociais e econômicas. Foi neste palco de teatro contemporâneo, a princípio de modo preocupante, que a Maçonaria manteve-se firme em sua existência e função, porém, tendo de gerir a evasão de seus quadros e administrar muitas disputas internas e a perda de espaço em sua agenda social (SOUZA, 2020).

É neste cenário que a Maçonaria depara-se com outro gigantesco desafio: superar o trauma e a desfiguração provocada pela pandemia da Corona vírus 19 (Covid-19), em toda a sociedade, com reflexo direto em nossa Ordem.

A pandemia causou e continuará causando grandes estragos de ordem material e psicológico nas pessoas, portanto um momento ímpar para que a Maçonaria possa exercitar, em alta frequência, aquela que talvez seja a sua missão mais cara: tornar feliz a Humanidade. Se o desafio é grande, não se mostra maior que a vocação do maçom em exercer a fraternidade, em todos os seus aspectos, inclusive na reconstrução do carente espiritual, seja ele Irmão ou profano.

Desafia, também, a Maçonaria, a expectativa, a partir de agora, do comportamento do maçom, dentro de sua Loja e no convívio com seus Irmãos, a partir das novas regras impostas pela etiqueta social

da convivência pós-pandemia. Os maçons gostam de estarem juntos, gostam de confraternizar, gostam de se abraçarem. A ritualística exige toques e a Ágape pode ser visto como um complemento do Ritual.

Marcou a Maçonaria, na sua transição de Operativa para Especulativa, a pandemia da peste negra conforme explicitado acima e, agora, marca a pandemia da Corona vírus 19 (Covid-19), que permanecerá por mais algum tempo, oxalá, não muito longo. Neste ínterim, várias outras pandemias acometeram o mundo, mas não foram suficientes para abalar a existência da Maçonaria. A Maçonaria, assim como a sociedade em geral, teve seus momentos difíceis, mas não se esmoreceu diante da gripe da *influenza* entre 1918 e 1920, da varíola, entre 1896 e 1980, do tifo, entre 1918 e 1922, da tuberculose, entre 1850 e 1950 e da cólera, doença endêmica que mata entre 28000 e 122000 pessoas todos os anos (SPAGNA, 2020).

A pandemia da Corona vírus 19 (Covid-19), dentre outros aspectos, por ser uma doença recente, não permite uma projeção quanto à sua evolução. Hoje, o que temos de concreto é que a doença já vitimou milhares de pessoas distribuídas pelo mundo e que, graças aos esforços da maioria dos governos das nações e dos grandes laboratórios multinacionais, a vacinação, ainda que de forma tímida, já foi iniciada e a expectativa é que o índice de cobertura prossiga aceleradamente, porque é o alento para a humanidade, que espera dias melhores, na esperança de que o risco de morte seja dirimido na medida em que a imunização vai se incorporando à sociedade. Hoje, a população mundial vive receosa e a tônica é a cautela, tanto no que diz respeito à segurança física – o que exige uma movimentação mais discreta e, quando necessária, cercada de todos os cuidados amplamente divulgados pelas autoridades sanitárias e reverberados por praticamente todos os meios de comunicação – quanto à financeira, considerando haver reflexos diretos e indiretos na economia, em todos os setores, o que, em última análise, respinga não apenas nas empresas, mas também em cada pessoa individualmente considerada.

Neste exercício de antever os passos da pandemia, (DA SILVA, 2020) acredita que o conhecimento acumulado até o presente ainda não permite muita segurança quanto a discorrer sobre sua evolução,

mas destaca que os cenários futuros dependem do comportamento da transmissibilidade e vulnerabilidade do vírus, consoante a efetividade das medidas de controle, das quais o distanciamento social, a higienização das mãos e a proteção respiratória através das máscaras faciais compõem o portfólio obrigatório da prevenção. Soma-se a isso a cobertura vacinal, cujo índice terá melhor aferição a partir de sua efetiva distribuição universal.

Em sintonia com a atual conjuntura mundial, noticia (CASTRO, B. 2020) que o festejado e competente palestrante e professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Leandro Karnal, entrevistado pelo jornal do meio-dia da afiliada TV Globo da cidade de São Paulo/SP, afirmou que uma vez extinta a atual pandemia da Corona vírus 19 (Covid-19), o mundo pode assumir uma nova configuração, a exemplo do que ocorreu no século XIV, quando as consequências causadas pela pandemia da peste negra foram um dos estopins que suscitou o Renascimento e o Iluminismo, movimentos importantes que paulatinamente foram, de uma vez por todas, deixando para trás a sombria idade média.

O mundo novo está batendo a nossa porta. Não deixa de ser uma questão delicada o enfrentamento da humanidade a uma pandemia, mas não é inédita. Estamos diante do desconhecido, mas a sociedade e a Maçonaria, tendo passado por inúmeras situações das quais saíram com saldo positivo, terão como fatores determinantes para a superação desta crise toda a experiência adquirida diante destes reveses, o conhecimento científico cada vez maior e a vocação de uma Maçonaria sólida em suas convicções e no seu ideal de universalidade e de união entre os Irmãos.

A Maçonaria, por tratar-se de uma instituição imersa na sociedade de onde absorve os maçons e para onde difunde o produto final resultante de todo seu manancial formador de homens espiritualmente evoluídos e íntegros, também se subsume aos impactos do colapso global causado pela pandemia. Entretanto, ela continua sendo uma referência para a sociedade e a seus membros é facultado aplicar no âmbito de suas famílias, de seu trabalho e de seu convívio social, todos os ensinamentos ali adquiridos. Ato contínuo, a cada maçom é exigido

dedicação para com a Ordem, em tudo aquilo que ela necessitar para tornar-se mais forte e atuante. A Maçonaria tem o grande desafio de adaptar-se à nova realidade, em que seus membros, não diferente do que ocorre na sociedade em geral, estão expostos à contaminação pela Corona vírus 19 (Covid-19) e aos influxos negativos repercutidos na economia. E o desafio continuará no pós-pandemia, quando a conformação da Maçonaria decorrerá do acabamento que vai adquirir a partir do resultado da somatória de todos esses fatores.

4. A maçonaria no brasil: origem, dissidência e a aproximação entre as potências

No final do século XVIII, mais precisamente em 1796, o Areópago de Itambé, em Pernambuco, foi o precursor da Maçonaria brasileira, seguida pela criação da Loja Cavaleiros da Luz, na povoação da Barra, em Salvador, Bahia, em 1797 e da Loja União, em 1800, sucedida pela Loja Reunião, em 1802. Porém, foi em 17 de junho de 1822, no Rio de Janeiro, no âmbito do movimento em prol da independência do Brasil que foi criada a primeira Obediência com jurisdição nacional: O Grande Oriente Brasileiro, formado pelas Lojas do Rio de Janeiro “Commercio e Artes da Idade do Ouro”, “União e Tranquilidade” e “Esperança de Niterói” (DE CARVALHO, 2010).

A Maçonaria brasileira manteve certo grau de estabilidade até o século seguinte, quando pensamentos dissonantes tomaram corpo e de modo organizado contribuíram para a reestruturação da Instituição em nosso País, no século XX.

Com muita propriedade, ensina-nos o Irmão Valdir Gomes que:

a necessidade de inovar, (...) conforme Castellani, citado por Almeida de Carvalho (1999), acontece desde 1822, com o Grande Oriente Brasileiro. Esse vai e vem de siglas e identidades continuou com o surgimento das Grandes Lojas em 1927; (...) com a criação da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB em 1966 e

prosseguiu em 1973 quando o Colégio de Grão-Mestres foi transformado na Confederação da Maçonaria Brasileira – COMAB (...) (GOMES, 2020).

O surgimento, em 1927, das Grandes Lojas Brasileiras decorreu de uma dissidência do GOB (Grande Oriente Brasileiro), dissidência também ocorrida, em relação ao mesmo GOB, por ocasião da criação da COMAB (Confederação Maçônica do Brasil), em 1973, que passou a reunir os Grandes Orientes Independentes e congregando os Grandes Orientes Estaduais Autônomos em cada Estado da Federação (WIKIPEDIA, 2021).

Relembra-nos de modo oportuno, o mesmo autor, que as dissensões ocorridas no seio da Maçonaria restringiram-se tão-somente às questões litúrgicas e administrativas, nunca sendo suficientes para afastar os dissidentes dos princípios e leis originais da Maçonaria.

A fragmentação da Maçonaria em Potências derivadas do tronco inicial jamais foi obstáculo para a coesão existente dentro da Ordem, no que tange a sua razão de ser e à fraternidade da qual todos ali se abeberaram.

Vale dizer que o espírito de fraternidade, sempre inerente à Maçonaria, apoiado na ideia imanente da universalidade, na Constituição de Anderson e nos Landmarks, permanece intocável, de modo que a essência da Maçonaria em nada foi atingida por estes ajustes administrativos, que mais amadureceram a Ordem do que provocaram erosões. Não é por outro motivo que o Irmão Flavio Dias corrobora o entendimento de que:

no Brasil, as Grandes Lojas – GLs, o Grande Oriente do Brasil – GOB e a Confederação Maçônica do Brasil – COMAB são as três organizações maçônicas reconhecidas como regulares no território brasileiro. Estas, como em uma “Fábrica de Felicidade”, convivem, segundo ISMAIL (2012), fraternalmente entre si, promovendo em muitos Estados, e sob a liderança de seus três Grão-Mestres, tratados de convivência e colaboração (DIAS, 2020).

Se, por um lado, num passado recente a Maçonaria brasileira cindiu-se em Obediências por conta de adaptações litúrgicas e administrativas, por outro lado é notório o alargamento da convivência entre todos os Irmãos Maçônicos que encontram abrigo em cada uma destas Potências brasileiras regulares. Logo, o intercâmbio entre os maçons proporciona uma troca saudável de informações, o que faz com que haja uma formidável prosperidade de esperanças de um futuro conagração entre estas Potências maçônicas, sempre imbuídas de fazer o bem à Ordem, à Pátria e à Humanidade.

Ilustrando o esforço destas Potências em prol da unidade, destacam-se três encontros relatados por MORAIS (2019): (i) a Assembleia da Confederação Maçônica Brasileira (CMSB), em Vitória/ES, em 2018; (ii) o XIV Congresso Nacional da Ordem DeMolay, em Aracaju/SE, em 2018; e (iii) a aprovação do Tratado de Reconhecimento com os Grandes Orientes Independentes de Grandes Lojas na seda do Grande Oriente do Brasil (GOB), em Brasília/DF, no ano de 2019, de modo que o autor conclui, poeticamente, mas não menos racional: *“A Maçonaria Brasileira é uma única família com três casas”, conclui o autor (MORAIS, 2019), desejoso de que mais passos sejam dados na longa caminhada para se concretizar a União da Maçonaria Brasileira”* (DIAS, 2020).

Foi na esteira da ideia plantada nestes recentes encontros, com ênfase na aproximação entre as Obediências nacionais, que a Grande Loja Maçônica de Minas Gerais (GLMMG), participou ativamente para a reativação do Pacto da União da Maçonaria Mineira, quando se restabeleceu a Palavra de Convivência. Na medida em que se facilita o convívio entre os Irmãos, num ato contínuo de cultivo ao sentimento de fraternidade e de união, tornando-se a mais singela demonstração de respeito mútuo e absoluto entre todos, apoiado no alicerce firme dos interesses institucionais sempre em pedestal acima dos desejos pessoais, não pairam quaisquer dúvidas de que a Maçonaria de Minas Gerais mantém-se como referência naquilo que deve servir de exemplo de harmonia. Importante frisar que o Pacto já existe há aproximadamente 20 (vinte) anos, mas vislumbrou-se a necessidade de valorizar as relações de convivência fraterna, estreitando os laços de amizade, de colaboração e de socorro mútuo dos maçons do Estado.

Mais: permite-se a constante troca de conhecimentos entre os Irmãos das 03 (três) Potências e a cordialidade nas ações e no desenvolvimento de temas de interesses maçônicos e sociais.

O “Pacto de União da Maçonaria Mineira” tem a importante missão de, dentre outros:

destacar a universalidade da Maçonaria, fortalecer a Ordem em tempos de Globalização, estimular o intercâmbio permanente para a consolidação da Maçonaria mineira, com sessões conjuntas, encontros regionais, planos de ação estratégica e objetivos em comum e promover a inevitável reciprocidade nas visitas dos Irmãos entre as Potências, nas confraternizações e no socorro mútuo (REVISTA MAÇONARIA EM DESTAQUE, 2020).

A Palavra de Convivência, portanto, aproxima os Irmãos, uma vez que, franqueando a cada um o direito de participação em todas as Potências regulares do Estado, valoriza-se a atuação em Loja do maçom que se empenha em seu dever de contribuição.

Sem querer perder o passo nesta trilha da integração entre Lojas e Irmãos que a Grande Loja Maçônica de Minas Gerais, perante a necessidade de adaptação às circunstâncias atuais ditadas pela pandemia da Corona vírus 19 (Covid-19), realizou as Plenárias do 2º, 3º e 4º trimestres de 2020, respectivamente em junho, setembro e dezembro, todos em plataforma *online*, a forma mais efetiva para congregar um grande número de maçons. Desta mesma forma foi que se deu, pela primeira vez na história das Assembleias Gerais Ordinárias da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB), a sua LXIXª edição, em 16 de julho de 2020, em Palmas/TO, pela plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube.

Foi com ênfase no desejo de aproximação entre as Potências, sobretudo porque tal entendimento ganha maior dimensão neste momento crítico de pandemia, que a Loja Maçônica Fraternidade Justiça e Trabalho nº 37, no Oriente de Guaxupé-MG, da qual este autor tem orgulho de ter sido Iniciado e ser membro ativo, já havia criado, nos

primeiros anos da primeira década do século XXI – e que perdura até os dias de hoje – mecanismos de estímulo à participação dos Irmãos em nossa própria Loja e em Lojas de outras Jurisdições e Potências, através de premiação ao irmão com assiduidade de 100% em nossa Loja e ao irmão que mais tenha visitado outras Lojas, de nosso próprio Oriente ou de outro, ao longo do ano. São formas de aproximação que devem ser incentivadas e divulgadas, com os olhos voltados para o futuro, quando a Maçonaria pós-pandemia deverá estreitar os laços entre todas as Lojas e entre todos os Irmãos.

Corroborando a importância deste ideal de aproximação e integração, a Loja Maçônica Fraternidade Justiça e Trabalho nº 37 promoveu, ao longo do final do primeiro semestre e segundo semestre de 2020, 17 (dezesete) sessões virtuais, com participação média de 50% do quadro regular ativo, como medida para minimizar o distanciamento entre os Irmãos decorrente do longo período de lockdown pelo qual o Oriente de Guaxupé-MG, à semelhança de grande parte das cidades do Brasil e do mundo, passou.

5. A tecnologia: sua imprescindibilidade à maçonaria

5.1. A tecnologia como instrumento de integração

Uma vez compreendido os desafios pelos quais, em nível mundial, a Maçonaria passou, tendo a pandemia da peste negra funcionado como uma das peças da engrenagem que contribuiu para a transmutação da Maçonaria Operativa em Especulativa e, em nível nacional, aqueles outros com os quais a Maçonaria brasileira se deparou, culminando, agora, com a perspectiva de aproximação entre as Potências e entre e os Irmãos, a pandemia da Corona vírus 19 (Covid-19) é uma oportunidade para fortalecer esta ideia de integração e experimentar o uso de instrumentos tecnológicos como meio de operacionalizar uma nova forma de convivência no mundo maçônico pós-pandemia.

Já há alguns anos, desde o final do século XX e neste início do século XXI, a Maçonaria tem se valido das redes sociais disponibilizadas

pela internet como forma de comunicação. De tempos em tempos surge uma nova ferramenta que aproxima os Irmãos e fechar os olhos para o avanço da tecnologia seria caminhar retroativamente. Facebook, Instagram, Telegram, Skype e Twitter são exemplos que representam as principais formas de conexão entre os usuários. Recentemente, aulas telepresenciais e reuniões virtuais já vinham sendo realizadas em ambientes escolares e empresariais. Mas, foi justamente no ano de 2020 que a tecnologia virtual das reuniões abriu-se definitivamente e democraticamente a todos os segmentos sociais e em relação à Maçonaria isso não foi diferente. E neste ponto, valorizar a possibilidade das sessões virtuais *online* é estar em sintonia com o futuro da Maçonaria pós-pandemia, porque já se mostrou eficaz em vários ambientes e demonstrou ser uma medida assertiva que favorece a integração entre as Lojas Maçônicas e entre os Irmãos.

Brilhante a reflexão de (CASTRO, M., 2020), para quem, no mundo atual, não há uma transformação total das realidades. O que se verifica é uma aceleração no processo destas realidades no sentido de que já apontavam cenários futuros. O homem, ser emocional que é, já vem fazendo, há algum tempo, uso da tecnologia como ferramenta de amplificação de seus sentidos e de modo virtual, cada vez de modo mais intenso, está aprendendo a conviver com novas formas de estar presente e de sentir a presença. A presença está mais ligada à entrega, à percepção e ao sentimento de estar presente, ainda que virtualmente. A distância física não impede de se sentir a presença e a tendência é que aumente a percepção de que é possível e viável resolver, à distância e de forma remota, situações pessoais e emocionais.

Neste mesmo sentido, onde se volta a atenção para a questão da aplicação da evolução tecnológica sem descaracterização da Maçonaria, muita lúcida a observação dos Irmãos Izautonio da Silva Machado Junior e Vanderlei Coelho dos Santos, para quem:

Sobre a possibilidade da Maçonaria se transformar para adaptar-se à sociedade moderna, Thomas Jackson sustenta que o mundo sempre passou por constantes mudanças sociais, mas a Maçonaria invariavelmente sobreviveu a tudo

sem sacrificar seus valores fundamentais (...) e ter cautela a respeito de traçar possíveis transformações que possam descaracterizar a sua essência (MACHADO JUNIOR; DOS SANTOS, 2020).

A Maçonaria não perderá sua essência, pautada que está em toda sua história, em seus costumes, em suas lendas, em seus princípios, em seus Landmarks, em suas Constituições e em todas as suas leis. Muito do que é inerente à nossa Ordem só pode ser materializado e desfrutado presencialmente, mas é razoável entender que diante da globalização e premida pela necessidade de maior aproximação, justifica-se que a Maçonaria abra-se às possibilidades oferecidas pela tecnologia para que, de forma remota, facilite a integração em seu ambiente interno.

5.2. A tecnologia como instrumento para a diminuição da evasão

Sem descurar da observância às Ritualísticas e aos preceitos imutáveis, flexibilizar a participação virtual, em última análise, além de permitir a maior integração entre os Irmãos, também conduz à diminuição da evasão.

Descortina-se, no tempo da Maçonaria pós-pandemia, que haverá maçons idosos que, a despeito do avanço na imunização por vacinas, podem sentir-se inseguros em participar assiduamente das sessões, máxime porque conviveremos com uma nova cultura de comportamento social, marcadamente atrelada à etiqueta respiratória (proteção por meio de máscaras), ao distanciamento (restrição quanto aos toques e aos cumprimentos) e ao uso constante de álcool em gel, o que poderia, invariavelmente, levar à redução na participação presencial em Loja e à diminuição do intercâmbio entre as Lojas, através das visitas. Estes maçons, que inicialmente estariam apenas dispersos, fatalmente se afastariam em definitivo pelo quite *placet*. As sessões virtuais viriam, então, ao socorro destes irmãos mais vulneráveis, franqueando-lhes o acesso ao meio maçônico.

Neste ponto, precisa é a lição Irmão Igor Junqueira Cabral, que de forma consciente afirma que:

se a evasão maçônica é situação preocupante às potências regulares (...) a modernidade trouxe recursos tecnológicos que possibilitam melhor comunicação entre os usuários, neste aspecto aplicativos de mensagem tendem a melhorar a comunicação entre as pessoas. O constante conflito entre as condições modernas da sociedade e as relações pessoais liquidas trazem novos horizontes a maçonaria do século XXI, propor soluções afim de desconstruir essa modernidade e afastar os maçons das inovações tecnológicas em razão da construção de relações mais sólidas seria imprudente, é então importante salutar que cabe aos maçons se adaptarem ao mundo moderno e aliar as inovações decorrentes do século XXI aos preceitos maçônicos, tendo como principal preceito a busca da justiça e perfeição (CABRAL, 2020).

Certamente a Maçonaria não pode abdicar das relações pessoais diretas na busca pela justiça e perfeição, mas é crucial adaptar-se à modernidade e os recursos tecnológicos que permitem o convívio à distância, em especial o contato virtual *online*, são um passo importante para frear a evasão maçônica e permitir a maior integração entre os irmãos.

5.3. A tecnologia como instrumento de inclusão

À Maçonaria contemporânea cumpre aplicar o Landmark XVIII, pelo qual os candidatos à Iniciação (e, conseqüentemente, por questão lógica, também os já Iniciados) devem ser isentos de defeitos ou mutilações, à luz da concepção atual de respeito incondicional à dignidade do indivíduo Portador de Necessidades Especiais. Apenas seria passível de tolerância uma recusa a alguém nestas condições caso fosse totalmente incapaz de participar ativamente da Ritualística na qual está envolta a sessão

maçônica. Não haveria nenhuma razoabilidade boicotar a participação de alguém que, a despeito de ser portador de alguma deficiência, não esteja impedido de desempenhar a Ritualística maçônica.

A Declaração dos Direitos Humanos, em 1948, foi o primeiro documento que trouxe à tona a questão da necessidade do tratamento digno ao Portador de Necessidades Especiais. Outras legislações de âmbito internacional seguiram-se àquela, no intuito de cada vez mais permitir a inclusão do Portador de Necessidades Especiais e complementar todo o processo de sua integração social (OLIVEIRA, 2012).

A Maçonaria não ficou alheia a esta humanização da sociedade e na esteira da universalização dos Direitos Humanos, fiel aos seus pilares da fraternidade e justiça, está sempre pronta a acolher. Há várias Grandes Lojas internacionais que convivem com a presença de Portadores de Necessidades Especiais, numa demonstração de coerência com sua missão da busca pela felicidade da humanidade, não fazendo tábula rasa ao apelo daqueles que querem se integrar à sociedade e às suas Instituições (FARIAS NETO, 2020).

Neste mesmo passo, muitos Irmãos Portadores de Necessidades Especiais, ainda que possam participar ativamente das sessões em Loja, podem apresentar algum grau de limitação a impedir deslocamentos maiores, a exemplo de uma visita a uma Loja de outro Oriente ou até mesmo a Assembleias e Congressos. Privar o Irmão do salutar intercâmbio que nos faz crescer enquanto maçons seria dispensar um tratamento desigual injustificado.

Ratificando essa posição, socorremo-nos ao Irmão José Manoel Machado Farias Neto, que se posiciona firme no entendimento de que *“atualmente possuímos o apoio da tecnologia da informação para nos suportar com aparelhos que permitem ao PNE participar de nossas reuniões”* (FARIAS NETO, 2020).

A percepção da justiça no tratamento igualitário entre todos os Irmãos, sendo Portadores de Necessidades Especiais ou não, evidencia o amadurecimento na adaptação dos preceitos maçônicos ao cotidiano e este amadurecimento passa obrigatoriamente pela viabilização da participação mais efetiva na vida maçônica, em que, indubitavelmente, a tecnologia do mundo virtual, em especial as sessões *online*, é o ingrediente indispensável para a consecução deste fim.

A inclusão dos Portadores de Necessidades Especiais na Arte Real independe da tecnologia, porque como já elucidado, não havendo incompatibilidade entre a deficiência e o cumprimento da Ritualística, não há nenhum fator impeditivo. Entretanto, é sabidamente compreensível que se tornará mais efetiva a sua participação em podendo usufruir de todo o aparato técnico que viabilize sua presença nas atividades *lato sensu* da Maçonaria, a título de exemplo, sessões brancas, assembleias e congressos e, porque não, a depender do desenvolvimento e aperfeiçoamento da aplicação destes meios tecnológicos, das Sessões Econômicas e Magnas.

6. Conclusão

Muito preciso o Irmão Narciso Bastos Portela (PORTELA, 2020) quando observa que:

(...) versar sobre temáticas relacionadas ao futuro da Maçonaria é algo que instiga não apenas nosso imaginário, mas também nossa racionalidade. Obviamente esse é um terreno deveras espinhoso, visto que o futuro é um oceano de incertezas (...). Neste contexto, o futuro da Maçonaria passa inevitavelmente pela preservação inexorável do preceito da fraternidade, visto que (...) essa é uma pedra angular que nos diferencia do mundo profano”.

Ser clarividente é uma tarefa realmente árdua, mas o caminho já começou a ser desbastado por ocasião da obra “MAÇONARIA: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO”, que deve servir como referência para trazermos o futuro mais próximo de nós ao propormos alternativas ajustáveis para uma Maçonaria pós-pandemia que, se jamais perderá sua essência e estrutura, sofrerá os influxos da modernidade e terá de enquadrar-se ao apelo das novas tendências tecnológicas. Não é por outro motivo que fazemos coro ao ensinamento do Irmão Kleber Cavalcante de Souza, para quem a Maçonaria não precisa abandonar os

seus princípios e os seus valores para adaptar-se a esta nova sociedade, que se apresentam à luz de um novo mundo definitivamente influenciado pela pandemia da Corona vírus 19 (Covid-19) (SOUZA, 2020),

Na verdade, como bem fundamenta o Irmão Cassiano Teixeira de Moraes, Secretário Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB): *“a pandemia e seus efeitos catalisaram processos já em curso, agilizaram a informatização e (...) e expandiram sobremaneira as reuniões virtuais”* (DE MORAIS, 2020).

Desde a última década do século XX, a informatização tornou-se obrigatória para as Lojas Maçônicas e a internet tem funcionado como importante instrumento de informação e comunicação, valendo-se de inúmeros mecanismos dos quais se destacam os sites oficiais e demais páginas eletrônicas das Lojas, as redes sociais e, de modo mais intenso neste momento pandêmico e que deverá ser a tônica da Maçonaria pós-pandemia, as sessões *online*.

Já está na pauta das Lojas Maçônicas a utilização de todo aparato que a tecnologia oferece para potencializar a participação em massa de seus membros. Em sua agenda, não pode deixar de constar o estudo constante para encontrar o modo mais adequado de fazer das sessões virtuais um meio complementar de grande abrangência para a integração da Ordem, tanto entre os Irmãos, quanto entre as Lojas e entre as Potências. Encontrada a solução, que deverá vir naturalmente, tudo convergirá para a Maçonaria realmente universal.

Antevendo este movimento irreversível das sessões *online*, a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB) fez uma pesquisa com 14.892 maçons de seu quadro ativo, em abril de 2020 e com 15.369 maçons, em agosto de 2020, dos quais, respectivamente, 40,5% e 76,7% participaram das sessões *online*, o que representa um aumento significativo de mais de 50% de frequência num interregno de 04 meses. Nestas mesmas pesquisas realizadas pela Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB) mostraram que, dentre vários quesitos respondidos, respectivamente, em abril de 2020 e agosto de 2020, 10,5% e 15,9% dos maçons consideraram a evasão o maior desafio que a Maçonaria passaria após as restrições da quarentena e 26,9% e

45.2% consideraram ser o medo da volta às sessões presenciais. (DE MORAIS, 2020).

Consoante esta recentíssima pesquisa pela Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB), sentimos que não menos importante que a integração enquanto objetivo inerente à Maçonaria através da participação dos irmãos, que se mostram cada vez menos resistentes às sessões *online*, é a postura cautelosa de se seus dirigentes em evitar a evasão e garantir a segurança do maçom nas sessões presenciais. Obviamente, a evasão decorre de vários fatores, mas ela pode ser minimizada a partir da disponibilização da presença virtual àquela parcela que se sente incomodada ou impedida, ainda que momentânea e pontualmente, de frequentar presencialmente os eventos maçônicos. Ter sensibilidade em vivenciar a angústia de um Irmão, que por fatores alheios a sua vontade podem afastá-lo do convívio pessoal mais constante, torna o maçom mais fraterno. E a Maçonaria pós-pandemia tem o dever de criar um atalho que integre e aproxime, ciente de que a união deve ser o motor a impulsionar o maçom em busca de sua evolução e a Maçonaria em busca de sua maturidade definitiva.

Por sua vez, a inclusão na Maçonaria tem seguido a tendência irreversível de, uma vez por todas, colocar uma pá de cal no comportamento discriminatório e a participação dos Portadores de Necessidades Especiais em seus quadros é a demonstração sábia e digna de que a igualdade entre todos deve ser buscada, incondicionalmente. A tecnologia vem em favor dessa situação, porque, ao facilitar o acesso ao mundo maçônico, permite ao Portador de Necessidades Especiais a possibilidade de constante permanência junto aos seus irmãos.

A Maçonaria pós-pandemia, sem descaracterizar-se em sua essência e em seu tradicionalismo dos quais se reveste enquanto instituição milenar iniciática, esotérica, fraternal e filosófica, provavelmente reafirmará a necessidade imperiosa da tecnologia, em especial do sistema *online* para a congregação de seus quadros, como forma de consolidar sua vocação de universalidade, contemplando o estreitamento dos laços de irmandade, através da integração entre as Lojas e os Irmãos, a contenção da evasão e a valorização da inclusão. Nas sábias palavras do Irmão Sidnei Baumann:

o cotidiano de uma Loja Maçônica, o Planejamento Estratégico deve ser uma referência, onde a participação de todos (de aprendiz a Mestre Instalado) torna mais exitosa a implementação da estratégia, pois cada um somará com seus conhecimentos e habilidades, pelas sugestões de diagnóstico, elaboração de objetivos e metas, execução, controle, avaliação e replanejamento (BAUMANN, 2020).

Todo este planejamento estratégico, do qual todos, sem exceção, participaremos enquanto maçons ativos, norteará, em cada célula maçônica, o melhor modo de operacionalizar a aplicação de todos os modernos instrumentos que já estão a nossa disposição, deixando patente que a Maçonaria pós-pandemia não poderá tornar-se viúva da tecnologia da comunicação.

Referências Bibliográficas

ARTILHEIRO, Marcelo Feliz. Maçonaria: passado, presente e futuro. Em: Maçonaria: perspectivas para o futuro – Editora CMSB – Brasília-DF 2020, p. 160.

BAUMANN, Sidnei. MAÇONARIA & Gestão: Planejando o futuro. Em: Maçonaria: perspectivas para o futuro – Editora CMSB – Brasília-DF 2020, p. 124.

BLOSFELD, Fernando. Peça de Arquitetura “A Maçonaria Especulativa”. Ibranchier3. 2016. Disponível em: <http://iblanchier3.blogspot.com/2016/12/a-maconaria-especulativa.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

CABRAL, Igor Junqueira. Maçonaria Líquida: Panorama da maçonaria frente às modernidades contemporâneas. Em: Maçonaria: perspectivas para o futuro – Editora CMSB – Brasília-DF 2020, p. 134.

CASTRO, Beatriz. Historiador Leandro Karnal diz que pandemia pode significar uma oportunidade de crescimento. G1, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/05/05/historiador-leandro-karnal-diz-que-pandemia-pode-significar-uma-oportunidade-de-crescimento.ghnm>. Acesso em 19 de janeiro de 2021.

CASTRO, Mariana. O mundo pós-Covid 19. Uol, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/o-mundo-pos-covid-19---tecnologia-e-consumo-por-roberto-martini/index.htm#page11>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

DA CAMINO, Rizzardo. Breviário Maçônico – Editora Madras – São Paulo-SP, 6ª Edição, p. 54.

DA SILVA, Sílvio Fernandes. Artigo: Evolução da pandemia Covid-19 – análise de evidências e projeção de cenários. Conasems, 2020, disponível em: https://www.conasems.org.br/artigo-evolucao-da-pandemia-covid-19-analise-de-evidencias-e-projecao-de-cenarios/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=artigo-evolucao-da-pandemia-covid-19-analise-de-evidencias-e-projecao-de-cenarios. Acesso em 04 de fevereiro de 2021.

DE CARVALHO, William Almeida. Artigo: Pequena História da Maçonaria no Brasil. Users, 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Jorge/Downloads/Dialnet-HistoriografiaSobreLaMasoneriaEnMexicoBreve-Revisio-3268636%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/Jorge/Downloads/Dialnet-HistoriografiaSobreLaMasoneriaEnMexicoBreve-Revisio-3268636%20(5).pdf). Acesso em 07 de fevereiro de 2021.

DE MORAIS, Cassiano Teixeira. Introdução. Em: Maçonaria: perspectivas para o futuro – Editora CMSB – Brasília-DF 2020, p. 5,6 e 7.

DIAS, Flávio. Fortalecimento das ações sociais maçônicas por meio do congraçamento condominial. Em: Maçonaria: perspectivas para o futuro – Editora CMSB – Brasília-DF 2020, p. 92.

FARIAS NETO, José Manoel Machado. Portadores de necessidades especiais e maçonaria: um futuro que se aproxima. Em Maçonaria: perspectivas para o futuro – Editora CMSB – Brasília-DF 2020, p. 199.

GOMES, Valdir. Vir a ser da Maçonaria. Em: Maçonaria: perspectivas para o futuro – Editora CMSB – Brasília-DF 2020, p. 11.

MACHADO JUNIOR, Izautionio da Silva & DOS SANTOS, Vanderlei Coelho. Por que os Maçons não querem ir mais à Loja? Uma reflexão da maçonaria no Brasil. Em: Maçonaria: perspectivas para o futuro – Editora CMSB – Brasília-DF 2020, p. 184.

NOGUEIRA, André. Mortes e renovação: Como a peste negra mudou o cenário da Europa. UOL, 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/como-peste-negra-mudou-o-cenario-da-europa.phtml>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

OLIVEIRA, Luciana Estevan Cruz de. Os Princípios da Igualdade e da Não Discriminação Diante da Autonomia Privada: O Problema das Ações Afirmativas. Boletim Científico ESMPU, Brasília, a. 11 – n. 37, p. 141-168 – Edição Especial 2012. Disponível em: <http://boletimcientifico.escola.mpu.mp.br/boletins/boletim-cientifico-n-37-edicao-especial-2012-direito-a-nao-discriminacao>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2021.

PORTELA, Narciso Bastos. A maçonaria e os desafios do futuro. Em: Maçonaria: perspectivas para o futuro – Editora CMSB – Brasília-DF 2020, p. 32.

REVISTA MAÇONARIA EM DESTAQUE, ano X, nº 45. Disponível em: www.glmmg.org.br, p 26 e 27 dezembro de 2020. Acesso em 27 de janeiro de 2021.

SOUZA, Kleber Cavalcante. A educação maçônica e o futuro da maçonaria. Em: Maçonaria: perspectivas para o futuro – Editora CMSB – Brasília-DF 2020, p 21 e 22.

SPAGNA, Julia. 8 grandes epidemias da História que podem cair no ENEM e nos vestibulares. Abril, 2020. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/8-grandes-pandemias-da-historia-que-podem-cair-no-enem-e-nos-vestibulares/>. Acesso em 19 de janeiro de 2021.

WIKIPEDIA. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Oriente_do_Brasil. Acessado em 20 de janeiro de 2021.

DO CANTEIRO DE OBRAS À VÍDEOCONFERÊNCIA: Como a Educação Maçônica sobrevirá à Pandemia?

José Gabriel Pontes Baeta da Costa¹

1. Introdução

A Organização Mundial de Saúde, em 11 (onze) de março de 2020, elevou a situação de emergência de saúde pública ocasionada pela covid-19 passando a enfrentá-la como uma pandemia global. Ainda que se trate de uma questão de saúde pública, não se pode olvidar que seus impactos afetaram o cenário mundial em seus mais variados campos, com consequências econômicas, políticas, sociais e educacionais.

Inúmeros países passaram a adotar medidas de distanciamento e/ou isolamento social, no afã de tentar minorar a propagação do vírus. Neste diapasão, uma das medidas fortemente utilizadas, inclusive no Brasil, refere-se à suspensão das atividades de ensino de forma presencial, ou seja, a suspensão de aulas no modelo tradicional a que estamos acostumados.

Igualmente, em razão do necessário distanciamento social, atividades associativas, tais quais praticadas pela Maçonaria, com seus encontros, reuniões em locais fechados, ágapes etc., tiveram a indispensável paralisação, como forma de conter a propagação do novo coronavírus.

A supradita paralisação compulsória trouxe ao centro do debate maçônico a possibilidade do uso de tecnologias diversas para a

¹ Mestre Maçom da Augusta e Respeitável Loja Simbólica Acadêmica Templários da Serra de São Domingos, nº 4.164, Rito Moderno, jurisdicionado ao Grande Oriente do Brasil, GOB/MG, Oriente de Poços de Caldas/MG. E-mail para contato: baeta.advogado@gmail.com.

realização das atividades associativas de forma não presencial. Fomos, neste momento, inundados com *lives*, palestras, videochamadas e até mesmo ágapes cujos participantes brindaram virtualmente...

Contudo, em que pese tais momentos virtuais serem de grande valia, faz-se necessário aprofundar um pouco mais na celeuma e pensar, a médio e longo prazo, de que forma a Educação Maçônica irá se adaptar a estes novos tempos. Será possível ministrar instruções dos graus de forma virtual? Conseguiremos manter nossos irmãos engajados no estudo, sobretudo os Aprendizes e Companheiros? Ainda há necessidade de nos reunirmos para reuniões econômicas? Será possível conceder graus *on-line*?

Pois bem. Muitos são os questionamentos que advêm da pandemia, sobretudo acerca daquilo que será da Maçonaria (e dos Maçons) após este período. Para o presente artigo, no entanto, iremos nos ater a apenas uma dessas indagações, procurando refletir de que forma a Educação Maçônica será da pandemia. Fortalecida? Ou morta?

Para que seja possível responder a estes pontos, imprescindível que se faça um pequeno apanhado histórico e social que envolve a Maçonaria, como se verá adiante.

2. Do canteiro de obras

A Maçonaria está presente na civilização há um bom tempo, seja através de suas práticas operativas, seja com sua vertente especulativa pós 1717. Nesta senda, necessário lembrar que grande parte das cerimônias e dos rituais foram desenvolvidos nos séculos XVIII e XIX, e, mesmo em face de eventuais mudanças na dinâmica dos trabalhos, estes permanecem (ou ao menos deveriam permanecer) bem próximos do que se idealizou em tempos outros.

Vale dizer, não fora de propósito, que muitos são os maçons contemporâneos que abominam toda e qualquer forma de mudança nas práticas ritualísticas de outrora, ainda que estas mudanças sejam necessárias em face da constante evolução social e cultural.

Corroborando com a antiguidade e a tradição dos trabalhos maçônicos, Christopher Hodapp (2016) pontua que o simbolismo utilizado em Lojas maçônicas advém de fontes antigas e bíblicas, cujos métodos de transmissão de conhecimento progrediram pouco desde os dias em que eram desenhados no chão da taberna em giz.

Por sua vez, a “sociedade pandêmica”² é marcada pelo isolamento de seus indivíduos, pela dificuldade de se manter relações interpessoais, pela solidão de muitos. Christopher Hodapp (2016, p. 268), aliás, já previa situação semelhante a que ora vivenciamos, ainda que sua obra esteja situada em momento histórico bem anterior ao que ora vislumbramos, asseverando que:

A sociedade de hoje é marcada por seu isolamento. As pessoas estão mais solitárias do que nunca. Nos escritórios, mandam e-mail em vez de falar com os colegas de trabalho sentados a três metros de distância. Se você trabalha em um home-office, o máximo que você faz de manhã é andar do quarto para o computador a fim de fazer o *logon*.

Os desavisados que eventualmente lerem esse trecho sem se atentar para a data em que fora escrito, muito provavelmente acharão que Hodapp estava se referindo à situação vivenciada em 2020/2021, especialmente em face da já cotejada pandemia a que o mundo está submetido. Ocorre, contudo, que esse distanciamento das relações sociais, em que pese claramente ter se agravado com a pandemia, não é algo totalmente novo, tampouco inesperado. Sim, ninguém esperava uma pandemia nos dias atuais. Mas não é possível afirmar que o distanciamento social decorre exclusivamente da citada pandemia.

² Valendo-se de uma verdadeira liberdade poética, utiliza-se da presente denominação não apenas para referenciar o momento de pandemia pela covid-19, mas também pela pandemia nas relações sociais, cada vez mais líquidas e distantes. Conforme já idealizado por Zygmunt Bauman (2015) em sua obra, vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar, sendo patente que, na sociedade contemporânea, emergem o individualismo, a fluidez e a efemeridade das relações.

Desta feita, uma preliminar – porém importante – reflexão a ser realizada está no fato de que a Maçonaria jamais esteve preparada para mudanças em suas práticas. Por tais “mudanças” nos referimos a tudo aquilo que foge da zona de conforto do maçom em geral. Transportando para a realidade atual, pode-se reiterar os exemplos das reuniões *on-line*; instruções à distância; impossibilidade de realizar ágapes ou até mesmo do imprescindível contato físico em determinados momentos litúrgicos.

Entender as mudanças ocasionadas pela pandemia é, então, partir do pressuposto de que a Maçonaria não está preparada para significativas alterações em suas práticas e procedimentos, cunhados há séculos, como cediço. Não estar preparada, entretanto, não quer dizer que ela não possa evoluir de forma sistêmica e conseguindo manter um “núcleo duro” de seus princípios basilares. A aparente imutabilidade de tais princípios básicos, aliás, ressoa como a decisão tomada no Julgamento de Salomão narrado em I Reis 3:16-28³. Em outras palavras, é bom que os princípios não mudem; mas é igualmente ruim.

A Maçonaria Especulativa surgiu em conturbado momento social e político na Inglaterra. Ela vivenciou e sobreviveu a outros inúmeros períodos dramáticos da história da humanidade, como a Revolução Francesa; as duas Grandes Guerras Mundiais; Guerras Civis; sem contar nos fatos históricos ocorridos no Brasil dos quais a Maçonaria tomou parte ou simplesmente acompanhou (COSTA, 1993).

Aliás, a própria Maçonaria Operativa está inserida em uma base socioeconômica de crise, tendo a arquitetura se desenvolvido em razão de um excedente populacional e da necessidade de propiciar novos meios de subsistência, reflexo da crise europeia do fim do século XIV, conforme se observa das linhas inaugurais do “Poema Regius” (1390). Em resumo: a Maçonaria é uma sobrevivente (CARLOS CAMPOS, 2018).

³ I Reis 3:16-28 relata que duas mulheres que moravam na mesma casa, ambas mães de um filho pequeno, vieram a Salomão. Um dos bebês havia sido sufocado e cada uma reivindicou o garoto restante como seu. Pedindo por uma espada, o rei declarou seu julgamento: o bebê seria cortado em dois, cada mulher recebendo uma metade. Uma mãe não contestou a decisão, declarando que, se não podia ter o bebê, nenhuma delas poderia, mas a outra implorou ao rei: “dai-lhe a ela o menino que está vivo, e de modo nenhum o mateis!”

A sua sobrevivência decorre, basicamente, do fato de seus princípios basilares serem praticamente imutáveis. Seus objetivos mais simples se aplicam tanto aos nossos antepassados quanto ao momento de pandemia ora vivenciado. Da mesma forma, a aparente imutabilidade de seus princípios representa um entrave à adaptação rápida às mudanças sociais, especialmente quando se é obrigado a adaptar-se, como em uma pandemia mundial.

3. Educação maçônica

Como citado nas notas introdutórias, o cerne da questão perpassa necessariamente pelas mudanças e implicações da pandemia na Educação Maçônica.

Vale rememorar, antes de qualquer coisa, que sempre que nos referimos à palavra “educação”, vem à mente a noção de escola, faculdade, ou seja, de um local dedicado ao estudo e aperfeiçoamento. Educar envolve uma tarefa complexa e heterogênea. Não há professor sem aluno, tampouco aluno sem professor, já asseverava Paulo Freire (1996). Quem ensina aprende ao ensinar, ao passo que quem aprende, ensina ao aprender.

Falar de educação maçônica, então, é considerar a Maçonaria como uma verdadeira escola, fundada em um “belo sistema de moralidade”, tal qual preconizado por William Preston (1876)⁴.

Em seu sentido lato, tem-se a Educação Maçônica, como o ato ou ação de transmitir o conhecimento, de orientar e conduzir dentro das Lojas. Contudo, a Educação Maçônica propriamente dita traz consigo algumas peculiaridades que influenciam diretamente na construção de seus saberes.

A exemplo disso, temos que na Maçonaria o aprendizado ocorre de forma fragmentada, espalhado pelos ensinamentos de seus Graus Simbólicos e até dos Altos Graus existentes. Estes ensinamentos,

⁴ “Um sistema regular de moralidade, concebido em uma tensão de interessantes alegorias, que desdobra suas belezas ao requerente sincero e trabalhador”.

obviamente, partem do pressuposto de que seus iniciados já trazem consigo grande bagagem pretérita, ainda que eminentemente profana, relativa ao mundo não Maçônico. Assim, a Ordem Maçônica, em que pese considerar o Aprendiz como uma criança, no momento de trabalhar a sua educação própria não deve jamais desconsiderar o conhecimento já adquirido, preexistente. Desconsiderar a bagagem cultural, profissional, social de seus neófitos é um ato de autoexterminio das Lojas Maçônicas...

Ainda no que diz respeito à noção basilar de Educação Maçônica, não se pode descurar do ensinamento apresentado por Kennoy Ismail (2020), o qual sintetiza boa parte do significado de Maçonaria como sendo: a) Um sistema de moralidade; b) que é ensinado e aprendido; c) através de um método próprio de ensino – alegorias e símbolos.

De imediato, então, verifica-se que a Maçonaria, em sua acepção pura, se enquadra exatamente na terminologia do verbete “educação”, especialmente ao se apresentar como um sistema, ou seja, um método para ensinar e aprender. Este sistema, diga-se de passagem, pode variar de acordo com o Rito Praticado sem que isso retire a sua essência primordial, que é a de ser uma Escola de Moralidade.

Avançando na temática em debate, uma premissa de suma importância está na possibilidade de dividir, para fins pedagógicos, a Educação Maçônica em duas vertentes: uma interna; outra externa

Neste íterim, a Educação Maçônica externa consubstancia-se nas atitudes que os Maçons tomam em suas respectivas vidas particulares (profanas), em seus lares, trabalhos, e na sociedade em geral. Ela demonstra, então, quais os exemplos são dados; se os Maçons são bons cidadãos, se cumpre as leis, são patriotas etc.

Trata-se também, em última análise, de uma forma de educação, visto que o exemplo é inegavelmente um salutar jeito de ensinar, de educar, sobretudo às crianças e aos mais jovens. Vale dizer que tal noção se aplica totalmente aos Aprendizes e Companheiros de uma Loja Simbólica, considerados como jovens Maçons, em estágios iniciais de formação.

“A palavra convence, o exemplo arrasta”. Tal frase comumente atribuída a Confúcio demonstra de forma clara e concisa o que se pretende dizer com a educação externa.

Em que pese a Educação Maçônica externa ser de vital importância, o foco do presente estudo repousa justamente na sua forma interna, ou seja, aquela que principia nos trabalhos Maçônicos, dentro dos Templos e Lojas; em uma caminhada das trevas para a Luz, da ignorância para a sabedoria.

Em inúmeras passagens dos trabalhos Maçônicos, independente do Grau ou Rito, é exaltado o dever geral de educação: educar os aprendizes e companheiros; educarmos à nós mesmos; enfim, a prática de orientar está comprovadamente presente na Arte Real. De igual forma, o Maçom também é instado a conduzir seus irmãos, de diversas formas. Literalmente, durante as viagens simbólicas e em outros momentos litúrgicos. Simbolicamente, através de instruções, tempos de estudo e momentos afins. Em sua caminhada pela senda Maçônica, o obreiro passará por momentos mais tenebrosos e outros mais iluminados, do ponto de vista do saber. Entretanto, estará sempre em evolução, de forma cíclica e constante.

Feitas tais considerações preambulares, necessário abordar outra forma de exercício da Educação Maçônica em comento (talvez a forma mais pura do procedimento educacional tradicional), que é o ato de ensinar através das instruções em Loja. E, aqui, faz-se uma importante observação: o Maçom, em regra, sofre de dois problemas relacionados à Educação Maçônica ao ingressar nas fileiras da Ordem: ou recebe um turbilhão de informações, sem qualquer sistematização; ou recebe nenhuma.

Como anteriormente asseverado, o ensinamento maçônico ocorre de forma fragmentada, o que, repisa-se, é uma peculiaridade que torna a Maçonaria tão diferente de outras associações e de outros métodos pedagógicos. Neste diapasão, dentro dos Ritos praticados pelas três Potências Maçônicas regulares no Brasil, é possível encontrar tanto instruções sistematizadas, organizadas, preparadas para nivelar o conhecimento, assim como instruções curtíssimas, soltas, sem maior sistematização do seu conteúdo.

Independente de como as instruções estejam dispostas, certo é que elas principiam dentro do Templo ou Loja, seja pela necessidade de

repetição, seja pela observação de símbolos lá dispostos, ou seja pela simples intenção de organizar o momento instrucional.

Em sendo assim, a partir do momento que as reuniões e encontros presenciais tiveram que ser suprimidas em razão das medidas de profilaxia inerentes à pandemia, passou-se a questionar de que forma as instruções em cotejo seriam repassadas. Deveríamos aguardar o retorno das atividades presenciais? Utilizaríamos de ambientes virtuais? Abandonaríamos o estudo?

Há quem advogue em todas essas vertentes. E, sobre este ponto, necessário aprofundar um pouco mais no debate.

4. Da euforia à informação qualificada – como as videoconferências influenciam na educação maçônica tradicional

A impossibilidade de contato físico ressalta a necessidade que muitos maçons têm sentido, que é simplesmente estar entre irmãos. Assim como ocorre em toda a sociedade – e sendo a Maçonaria um fruto indelével desta – há o clamor pela insubstituível presença física nos trabalhos, inclusive nos momentos instrucionais

Desta forma, logo após as proibições e impossibilidades de encontros presenciais, restou aparente que a utilização de meios virtuais seria quase que como uma obrigação de todo Maçom, um *landmark*, um princípio imutável. Quantas *lives* assistimos sobre temas semelhantes, quicá idênticos, com os mesmos interlocutores? Se as *lives* fossem comparadas à reunião presencial, estaríamos carregando quilos de certificados de presença. Nunca fomos tão presentes em Loja quanto antes! Será mesmo?

Aliás, conforme expõe Harry Carr (2018), referindo-se obviamente ao ambiente presencial, o costume de visitar outras Lojas é uma das práticas mais antigas do Ofício, sendo certo que várias *Old Charges*, a partir de 1583, contêm uma regra sobre o assunto. Assim, não há como negar as vantagens e benefícios dos meios virtuais – nem que seja

para que se “visite” várias Lojas, ainda que virtualmente. No que toca a Educação Maçônica, contudo, necessário ressaltar o óbvio: quantidade jamais será qualidade.

A natural euforia com a “descoberta” desta nova forma de fazer Maçonaria encheu os afazeres e lotou as agendas de muitos Maçons. Com o tempo, entretanto, a aludida euforia deu espaço ao esgotamento. Isso porque, a informação qualificada prescinde a quantidade. Em outras palavras, para que os meios virtuais se afigurem como ferramentas positivas à Educação Maçônica, primeiramente, prudente que sejam trabalhados com o necessário cuidado e esmero que qualquer sistema educacional sério necessita.

Acreditamos, sem embargo de posicionamentos divergentes, que as famigeradas *lives* são um salutar espaço de entretenimento, interação e informação. Porém, a participação dos maçons em tais encontros virtuais levam a crer que para além da empolgação do momento, pouco avançou-se no cerne da discussão, especialmente no que atine ao debate de temas que tensionam o sistema educacional maçônico.

O avanço destas tecnologias de informação pode ser utilizado para transformar o processo educacional em algo mais dinâmico e eficiente. No entanto, muitos maçons ainda observam tais tecnologias com receio, temerosos de que os valores tradicionais da maçonaria sejam subvertidos. Nesta senda, contudo, não há espaço para extremismos.

Não se pode olvidar que há, de fato, uma grande barreira a ser superada. Uma reunião em Loja jamais será substituída, ou melhor, totalmente suprimida pelos ambientes virtuais. Contudo, estes ambientes certamente podem – e devem – ser utilizados como ferramentas para difusão de conteúdo de qualidade, de forma sistêmica e organizada, valendo-se, prioritariamente, da Escola Autêntica de Pesquisa.

5. (in)conclusão

Toda a situação ocasionada pela covid-19 escancarou problemas já existentes na seara maçônica, agravando-os, e, ademais, antecipou

outros, como no caso da imperiosa necessidade de se dedicar mais à Educação Maçônica e menos às fórmulas vazias. Igualmente, trouxe à lume a necessidade de que os responsáveis pela Educação Maçônica abram os olhos para esse vasto oceano que é o ambiente virtual.

Assentir para os avanços tecnológicos não representar aderir à substituição do presencial pelo virtual, tampouco sobrepujar a tradição e os valores centenários da Maçonaria. Mais do que nunca, o novo e o velho precisam dialogar para que as instruções maçônicas não sejam um espaço no qual se depositam textos inertes e por vezes até fruto do que vulgarmente apelidamos de “estelionato intelectual”, expressão que resume os “achismos” infelizmente tão presentes nos trabalhos intelectuais em geral.

Maçonaria é muito mais do que aprender para si. Há uma verdadeira transcendência entre a posição de aluno e de professor. É uma verdadeira comunidade de homens virtuosos que se relacionam, interagem, aprendem mutuamente e, de quebra, auxiliam na construção de uma sociedade mais justa e mais esclarecida.

O peculiar momento vivenciado ainda escancarou que a aprendizagem, em sentido amplo, além de envolver um planejamento competente para ser ministrada, envolve ainda a capacidade de motivar os destinatários das instruções para que estes se engajem ao processo de aprendizado.

Um primeira reflexão, talvez a primeira inconclusão (visto que não intentamos trazer conclusões sedimentadas e imutáveis nestas linhas), repousa no fato de que não basta às Lojas seguirem apenas o que está disposto nos rituais e manuais diversos. É imprescindível que se estabeleçam relações diretas entre seus membros, levando em consideração a realidade que os cerca.

A segunda inconclusão refere-se à necessidade de evolução social de determinadas práticas maçônicas. Não estamos mais reunidos em tabernas, sem luz elétrica, tampouco em canteiros de obras. Apesar dos protestos em contrário, Maçonaria não é um espaço ou invenção fruto do individualismo, mas sim a construção coletiva e cogniciente de um

grupamento social, comprometido com a evolução, determinação e felicidade do ser humano.

Uma terceira inconclusão liga-se justamente a heterogeneidade da Maçonaria. Muitos irmãos sequer possuem facilidade de acesso aos meios virtuais. Estes estarão abandonados? Nestes casos, será imprescindível avaliar se o planejamento idealizado pela Loja se mostra inclusivo ou exclusivo.

Não se objetiva reinventar a roda, tampouco apontar o óbvio, mas procurar nos recentes acontecimentos os fatores determinantes para a evolução da Maçonaria, que preservem seus princípios fundamentais, mas que realcem a sua finalidade de construção social. Pedreiros de ontem, construtores sociais de hoje.

Por todo o exposto, após as inconclusões supra, resta apenas uma única conclusão. A Educação Maçônica sobreviverá à pandemia. Essa afirmação é incontestável. Resta-nos perguntar, contudo, como ela sobrevirá. Em retalhos, inundada de achismos e invenções ou sistematizada como uma verdadeira escola de moralidade, conciliando suas tradições centenárias aos avanços sociais e tecnológicos? A resposta, parece simples. Porém, garantimos que não é.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. 9ª Ed., Austral: Paidós, 2015
- CARLOS CAMPOS, Francisco. **Tratado das origens e códigos da Franco-Maçonaria**. São Paulo: Editora Yod, 2018, v.1
- CARR, Harry. **O ofício do maçom**. São Paulo: Madras, 2018.
- COSTA, Frederico Guilherme. **Breves ensaios sobre a História da Maçonaria Brasileira**. Londrina: A Trolha, 1993
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- HODAPP, Christopher. **Maçonaria para leigos**. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2015.
- ISMAIL, Kenno. **Ordem Sobre o Caos**. Brasília: No Esquadro, 2020.
- QUEIROZ, Daniela Moura. Educação como direito fundamental de natureza social. Rev. **Brasileira de Educação Básica**. Ano 3. N 11, Dez 2018. Disponível em: <http://pensaraeducacao.com.br/rbe-ducacaobasica/wpcontent/uploads/sites/5/2018/12/Daniela-Moura-Queiroz-Educa%C3%A7%C3%A3o-como-direito-fundamentalde-natureza-social.pdf> Acesso em 09 fev. 2021.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL EM TODOS OS MOMENTOS: o novo normal do novo normal e a maçonaria

*Carlos Márcio de Souza Macedo*¹

1. Introdução

Estamos vivendo um momento de importantes mudanças em todos os aspectos, fruto dos acontecimentos advindos com a pandemia atual. Muito se tem pensado, falado e aplicado para o desenvolvimento das relações em geral, com alterações comportamentais e fáticas a todo instante. Tudo é novo para nós, porque os fatos são novos.

No entanto, e considerando que o antídoto já está sendo aplicado em todo o planeta, percebemos que se avizinha uma nova regularidade, que carinhosamente ousamos chamar de pós-pandemia. E aí, como será? Ou pelo menos, como achamos que será?

Estudando diuturnamente tal situação, tenho chamado esse momento de “novo normal do novo normal”, considerando a generalização do termo novo normal para o momento presente.

Sabedor de que tudo muda, e isso é o mote de nossa existência, é fato que as relações anteriores à pandemia já não são as mesmas, por certo, e também não o serão após o término dela.

A Maçonaria pós-pandemia também não será como antes dela e nem como agora. Por isso precisamos estar preparados, seja para superar os desafios próprios que chegam com as mudanças, seja para mostrar que, na qualidade de construtores sociais, precisamos combater a desmotivação, ter prudência e perseverar, com o único fim de manter sólido o alicerce de nossa milenar instituição.

¹ Past. Ven. M. L. L. , 33º, Placet 26.684 – GLMMG, Professor, palestrante, Juiz de Direito do Estado de Minas Gerais, e-mail: carlosmarciojd@yahoo.com.br.

Como obreiros do Templo filosófico somos chamados a continuar com os trabalhos. Não há descanso para o obreiro. O seu templo nunca se completa. A pedra bruta não fica completamente lapidada. É necessário que renasçamos e apliquemos os ensinamentos morais e espirituais que trazemos conosco.

Dessa forma, pretende-se, por meio do presente trabalho, discutir tais mudanças sob a perspectiva do futuro próximo, não tendo a pretensão de esgotar o tema, mas apenas realizar algumas reflexões.

Para tanto, procedeu-se, em um primeiro momento, a uma breve consideração acerca da Maçonaria como um todo, incluindo um pouco de sua história, bem assim as pandemias ao longo dos tempos, para realizarmos um paralelo possível.

2. Um pouco da história milenar da maçonaria – Breve pontuação sobre a construção de nosso templo interior

Vários estudiosos são categóricos em afirmar que para a construção do templo de Salomão, que para muitos é o marco da Ordem, foram necessários mais de 150.000 trabalhadores. A imensa quantidade de homens imbuídos na construção do templo levou à criação de métodos, compostos por vários códigos, para efetivação do pagamento a cada obreiro, de acordo com sua condição técnico/laborativa.

Passados alguns milênios da realização daquela suntuosa obra, tem-se que a construção do templo se verifica a cada dia, a cada instante, pois a pedra bruta é lapidada diuturnamente por todos os obreiros da ordem, sobretudo na esteira da construção do templo familiar, um dos alicerces sólidos da tríade responsável pelo sustento de todos nós.

O maçom necessita sempre estar com o maço e o cinzel, (aquele representando a força e este representando a beleza moral), prontos para lapidar a pedra bruta, esta que está localizada hipoteticamente à sua frente, dentro de todos os obstáculos que a vida nos impõe.

Desde centenas de séculos vimos estudiosos afirmando que a Maçonaria é uma das responsáveis pela continuidade da convivência

humana com as adaptações que as mudanças nos impõem. Conforme MACNULTY (2007, p. 46), “os maçons são vistos como responsáveis pelo mundo novo e perfeito construído por Deus.”

Quando de seu aparecimento, ainda em seu principiar, a Maçonaria não tinha a pretensão de influenciar diretamente pessoas e organizações, primando por estar presente em suas operações próprias e sem demonstração explícita, conforme preceitua MACNULTY (2007, p. 216):

(...) de início, a Maçonaria não foi criada para exercer influência direta sobre a sociedade; entretanto, quando a nobreza e muitos intelectuais de renome começaram a fazer parte dos quadros maçônicos, a Ordem adquiriu uma importância e uma influência filosófica desproporcionais a seu tamanho.

Há estudos que atestam que a história da Maçonaria teria se iniciado em uma taberna na cidade de Londres, em princípio do século XVIII, sendo que em menos de meio século já estaria presente em quase todos os países da Europa Ocidental. O mesmo trabalho dá conta de que, diante de seu crescimento exponencial, em pouco tempo já se encontrava presente na América do Norte Índia e China, apresentando-se, pois, e em princípio do século XIX, como uma instituição global, o que vem se desenvolvendo ao longo dos tempos até a presente data, ainda que naquela época estivesse sendo perseguida fortemente pela igreja e por muitos governos e governantes,

Diante disso, é imperioso, para o presente trabalho, que estudemos conceitos, ainda que breves, sobre ritualística, Maçonaria Operativa e Especulativa, pandemia, mudança e desafios.

2.1. Maçonaria Operativa e Maçonaria Especulativa – singela pontuação

Somos sabedores de que alguns estudiosos chamaram os primeiros Maçons de Operativos, exatamente pelo fato de se tratarem

de operosos irmãos pedreiros no desempenhar de suas funções, como oficiais, estas que demandavam pessoas livres e perfeitas para o exercício de seus misteres.

Como bem salienta QUEIROZ (2007, p. 15), “esses pedreiros mantinham segredos dos profundos conhecimentos da arquitetura, possuindo uma hierarquia e chamando-se de Irmãos entre si.”

Referida Maçonaria Operativa, ainda segundo estudiosos, estendeu-se durante a Idade Média e seguiu até o período da Renascença, com a construção, pelos seus Operários, de catedrais, suntuosos palácios, torres em geral, além de castelos e prédios públicos, entre outros. Tem-se que a Maçonaria Operativa era composta de irmãos católicos em sua imensa maioria.

Referidas características dos Maçons Operativos assim perduraram até a transição para a Maçonaria Especulativa, valendo dizer que os costumes daqueles inspiraram e inspiram estes.

Dissertando sobre o assunto, MINGARDI (2008, p. 18):

Estas são as características do maçom OPERATIVO, cujos costumes inspiraram o maçom ESPECULATIVO, que é o maçom moderno, cujos costumes foram inspirados no modelo medieval. Repito: foram apenas inspiradas; as relações entre as guildas de pedreiros e a Maçonaria moderna não guardam outro valor de relação senão o costume. A construção física do templo fora substituída pela edificação do templo social.

Com a fundação da Grande Loja Maçônica de Londres fica marcado, para a quase totalidade dos estudiosos do tema, o início da chamada Maçonaria Especulativa, como verdadeira associação civil e humanitária, com propósitos filosóficos e de construção social.

Ainda segundo QUEIROZ (2007, p. 15):

No século XVI, na Inglaterra e Escócia, as associações começaram a perder seu poder e buscaram membros

estranhos à profissão, preferindo os nobres por estarem mais perto da coroa.

A nova situação transformou as associações em um misto de operativas e especulativas, e a partir do século XVIII, acabaram tornando-se completamente especulativas.”

Os chamados maçons aceitos, ou especulativos, continuaram com os rituais trazidos pelos Operativos, reunindo-se regularmente e seguindo com os mistérios e sabedorias adquiridos de seus antecessores, o que vem se desenvolvendo até os dias hodiernos.

É preciso salientar que a manutenção de atos e procedimentos não implica dizer que a Maçonaria está paralisada no tempo. Ao contrário, o alicerce adquirido é a base sólida que permite com que os maçons consigam aperfeiçoar sua conduta a cada dia, tornando a Ordem cada vez mais sólida e contemporânea.

3. Pandemia ao longo dos tempos

A história tem nos mostrado que pandemias são mais comuns do que imaginamos. A mesma história também dá conta de que, acaso não ocorra a chamada “imunidade de rebanho”, os antídotos são obtidos e a população mundial consegue seguir seu curso, às vezes com maior perda de vidas, às vezes com menor.

Apenas para exemplificar, cito cinco pandemias ao longo dos tempos, a saber: varíola, que era transmitida pelas vias respiratórias, assim como a Sars-Cov-2 (Covid-19), já desde três milênios, e que fora erradicada no início da década de 1980, com a vacinação global; peste bubônica, que é considerada a causadora da peste negra, no século XIV, irrompeu drasticamente na Europa e matou mais de 100 milhões de pessoas, reduzindo a população mundial; cólera, ainda no início do século XIX, sendo que até a presente data a bactéria causadora vem sofrendo diversas mutações; gripe espanhola, que provocara a morte de aproximadamente 50 milhões de pessoas, já no início do século

XX, infectando mais de 25% da população do planeta, com sintomas muito parecidos com o da atual pandemia global; e, gripe suína, há pouquíssimo tempo, primeira pandemia do século XXI, espalhou-se rapidamente pelo planeta.

Mesmo diante das referidas pandemias, os maçons, e principalmente a Maçonaria, superaram os obstáculos, analisaram novas perspectivas e seguiram em frente, sempre com o olhar atento ao que melhor atendesse aos anseios da sociedade e que pudesse vislumbrar um futuro mais grandioso e promissor, fazendo das dificuldades, como não poderia ser diferente, novas viagens a trilhar.

O maçom, como construtor social que é, precisa ter cautela em suas manifestações sobre a pandemia, sobretudo porque sua fala, seu comportamento, suas atitudes, formam opiniões e repercutem na sociedade.

Diante de tal fato precisamos, nós maçons, praticar a meditação e promover o caminho da comunhão, ainda que em isolamento social, buscando sempre o lapidar da pedra bruta que existe em todos nós, com o fim único de beneficiar o próximo e, ao fim e ao cabo, a nós mesmos, notadamente do ponto de vista espiritual.

Como bem afirma CAMINO (2006, p.88), “a perfeição pode ser alcançada pelo isolamento e pela comunhão. (...) Ambos os caminhos são válidos para a busca da perfeição; no entanto, o caminho da comunhão alcança beneficiar o próximo, enquanto o caminho do isolamento satisfaz apenas um.”

4. A Maçonaria como um todo – Ritualística e Construtora Social

A maçonaria especulativa engrandece o irmão, fazendo-o compreender a real necessidade de ser um verdadeiro maçom, na completa acepção da palavra. Com ela, maçonaria especulativa, é que o irmão entende como pode fazer uso de suas joias e instrumentos de trabalho, que conheceu em Loja.

É a construção do templo, de seu próprio templo...

É sabido que o maçom trabalha em qualquer lugar, tendo como gigantesco templo todo o universo. Há que ser maçom o dia todo, por todas as horas, por todos os minutos e segundos, preservando fielmente a essência filosófica da ordem. É preciso ter consciência de que a pedra bruta não será lapidada por completo, pois sempre haverá novo local onde ela, pedra bruta, precisará ser polida. A presença do irmão em Loja é absolutamente necessária, mas precisamos estar cientes de que a Loja é todo o universo, volto a afirmar, e que o trabalho maçônico, operativo e/ou especulativo, ocorre de forma ininterrupta.

A participação ritualística do maçom tem que ser produtiva e proativa, porque estas são algumas de nossas colunas.

Dentro deste prisma, CAMINO (2006, p. 53), estabelece:

Uma vez por semana, o maçom procura a sua Loja e participa dos trabalhos, sem a preocupação da programação.

(...)

Essas Sessões, indiscutivelmente orientadas por um Ritual, têm a sua parte mística que é desenvolvida com todo cuidado (...)

Muito bons serão os momentos de meditação, quando o homem 'adentra' em si próprio, na misteriosa busca de uma resposta.

Considerando a ritualística, e dentro da própria Loja, não resta a menor dúvida de que o irmão deve seguir o que estabelece os rituais e a legislação própria, atento ao que for determinado e estabelecido, entre outros, pelo responsável por presidir os trabalhos. No entanto, não devemos nos esquecer jamais que "o maçom é um ser humano normal, idêntico aos demais; portanto, as suas reações devem ser aceitas." (CAMINO, 2006, p. 54).

Para a construção social que tanto almejamos, precisamos pensar e decidir de forma racional, dedicando com afinco para eliminar defeitos próprios que nós todos, seres humanos, carregamos conosco, tudo com o objetivo de melhorarmos a cada dia. Assim, é fato que

devemos ter participação ativa nas reuniões, mas não nos esqueçamos que também temos que agir da mesma forma, do ponto de vista moral e ético, na sociedade em que vivemos.

Consoante disserta LIMA (2012, p.151):

A instituição maçônica enfatiza a necessidade do uso da decisão racional e do empenho da vontade para a eliminação dos defeitos de personalidade, para que o homem torne-se melhor, mais ajustado e capaz de auxiliar seus irmãos humanos. Enfatiza, também, a necessidade de aprimoramento continuado, de fazer melhor, inclusive, aquilo que já é benfeito.

E dentro desta necessidade constante de aprimoramento interior, “cremos que a PARTICIPAÇÃO do maçom deve ser ativa, presente, forte, pois será o ‘conjunto’ dos Obreiros que formará a Egrégora².” (CAMINO, 2006, p. 55).

Não há descanso para o obreiro. O seu templo nunca se completa. A pedra bruta não fica completamente lapidada.

A Loja anda consigo, (*VADE MECUM*), e o trabalho deve perdurar.

O horizonte que se busca, a saber, a perfeição como ser humano, não é encontrado jamais. Quando se está próximo dele, descobre-se que novos horizontes são abertos. Construímos e escrevemos o presente. Não apenas herdamos a pedra das gerações passadas, pois também a tomamos emprestada das gerações futuras. Devemos lapidá-la com o máximo de zelo, para repassá-la aos futuros obreiros, como determina e o quer o G.:A.:D.:U.: .

² e.gré.go.ra – e' gregure, i' gregure – nome feminino – força espiritual gerada a partir da soma de energias coletivas (físicas, emocionais e mentais) de duas ou mais pessoas reunidas em grupo, assembleia ou congregação.

5. Mudanças – Desafios – (Maçonaria não é coisa; somos nós)

O momento nos impõe desafios enormes, porque toda mudança clama novos modelos. Afinal, um garimpeiro não produz uma só pepita, só remove a terra que a oculta.

É preciso salientar que é falsa a afirmativa, muito disseminada por sinal, de que somos avessos às mudanças. Não é verdade. A resistência costuma ser desculpa para justificar o fracasso do processo de mudança mal desenhado e malsucedido. Nós, como construtores sociais, devemos entender o que efetivamente pretendemos demonstrar com as mudanças que chegaram e, assim, estarmos engajados no projeto maior de nossa Ordem. É preciso analisar a mudança, detectar o problema surgido e, ao final, propor soluções que melhores se apercebam.

A Maçonaria, como instituição do terceiro setor, está sempre em mudança, porque não é coisa; somos todos nós. É preciso gerir o conhecimento trazido desde nossos antecessores Operativos, com a pedra bruta filosófica lapidada por milênios, e preparar os caminhos para superação dos novos desafios.

É gerir em conjunto, para proporcionar ideias novas e soluções adequadas, como sempre o foi, dentro da competência de cada um de nós, Especulativos. A melhor qualidade de nossos Membros impactará para assertividade do novo trecho a caminhar.

Conforme menciona MORAIS (2017, p. 68), “parece que a existência de uma Maçonaria de melhor qualidade, necessariamente, passa pela existência de maçons em boa e suficiente quantidade.”

E em tempos de pandemia, portanto em tempos de mudança, é necessário estarmos unidos e cientes de nossa responsabilidade na formação de uma sociedade melhor. Assim, precisamos impedir ao máximo a evasão dos Irmãos de nossas Oficinas, seja ela física, seja filosófica. Se a luta é grande e árdua, como é em todas as grandes mudanças ocorridas ao longo de nossa existência, necessário se faz que contemos com o maior e mais qualificado número de Obreiros possível. Somos sabedores que a evasão, na maioria das vezes, pode ser evitada.

Comentando sobre o assunto, MORAIS (2017, p. 65), afirma que “...a evasão tem importância destacada, por normalmente ser o maior motivo de saídas, bem como por ser uma causa evitável.”

Em tempos de constantes mudanças poderão ser exigidas de todos nós, Maçons, novas competências, sejam específicas, cognitivas complexas ou comportamentais, e devemos estar preparados para elas. É necessário que o Irmão encampe a nova ideia da Ordem. Devemos, todos, ser leais à instituição e zelarmos por sua imagem e boa reputação, cientes de sua história milenar e de sua suma importância na sociedade.

É preciso que saibamos realizar a comunicação de forma assertiva e não violenta.

Em sua essência podemos dizer que o objetivo da Maçonaria é simples, porque pretende o bem maior à toda humanidade, tornando-a sempre feliz com o aperfeiçoamento humano.

Sobre o tema, MORAIS (2017, p. 64), expõe:

Embora possua uma vasta história, profundas concepções filosóficas e diversos ritos, o objetivo da Maçonaria se revela com simplicidade: tornar feliz a humanidade, através do aperfeiçoamento humano. Em linhas gerais, esse aperfeiçoamento humano é enfatizado nos âmbitos: moral, no grau de Aprendiz; intelectual, no grau de Companheiro e espiritual, no grau de Mestre.

Para que consiga seu objetivo maior, a Maçonaria, e por conseguinte, nós, os Maçons, precisamos planejar de forma profissional, no melhor termo da palavra, sempre em conjunto, partindo, é claro, de cada Irmão. Tudo deve ser levado em conta. É preciso compartilhar o que deu certo e o que deu errado também. Afinal, fracasso não é antônimo de sucesso, é parte dele, é o caminho.

Bem explanando sobre o planejamento estratégico, dentro da filosofia do conhecimento, GUIMARÃES (2006, p. 37) disserta:

O Planejamento é muitas vezes realizado de forma artesanal, mas tem de ser pensado profissionalmente.

A eterna busca da perfeição implica profissionalismo individual ou em conjunto. Por outro lado, se for pensado profissionalmente não pode ser executado de modo frio, impessoal e estritamente profissional: tem de incluir todos, tem de ter compaixão. A natureza da intervenção maçônica requer sobretudo dever e comprometimento (...)

O constante desenvolvimento humano está sujeito, como consequência óbvia, a ocasionais mudanças, que podem até ser catastróficas, mas isso não impede que nós, cientes de nossas responsabilidades e de nossa qualidade de superar até mesmo o insuperável, sejamos capazes de dar prosseguimento ao engrandecimento filosófico, nosso e de nossa sociedade.

É saber que as dificuldades encontradas com as mudanças sempre nos fortalecerão, seja fisicamente, seja filosoficamente. O importante é perseverar e agir com acuidade.

6. Novo normal do novo normal (pós-pandemia)

Diante da pandemia atual, muito se tem ouvido a expressão de que estamos vivendo um “novo normal”. Ora, e ao fim dela, voltaremos ao que era antes? Claro que não. Não há volta depois de grandes acontecimentos. Isso a história fala por si só.

Dentro deste raciocínio tenho me expressado de que certamente o pós-pandemia será o novo normal do novo normal, e a Maçonaria deve se preparar diuturnamente para o momento que se avizinha, considerando o antídoto que está sendo aplicado em todo o planeta e a própria “imunidade de rebanho”.

É preciso que estejamos cientes que o nosso trabalho será mais intenso, e não podemos deixar que a nossa Fraternidade rompa qualquer de seus elos. O envolvimento do maçom é absolutamente necessário e imprescindível. As glórias de nosso passado são importantes, mas não podemos ficar apenas atrelados a elas, sendo preciso que as conheçamos e as tomemos como exemplos para o presente e para o futuro.

Segundo QUEIROZ (2007, p. 16):

A Maçonaria não pode viver dos fatos heroicos do passado com tantos problemas ocorrendo na humanidade nos dias atuais; é necessário um envolvimento, uma busca de soluções e o ressurgimento de Bandeiras para que possamos lutar pelos ideais que aprendemos.

A humanidade necessita urgentemente de uma nova ordem para restabelecer a felicidade entre os povos e cabe a sociedades como a nossa a responsabilidade de atuar. A falta de objetivos está esvaziando todos os Templos, pois a maioria dos iniciados busca nossa Ordem na esperança de poder melhorar o mundo.

E isso é de importância capital. Se a pandemia nos impôs e impõe desafios múltiplos, também assim o será no pós-pandemia, com o novo normal de um novo normal. Direcionados por nossa Ordem e cientes de nosso papel, as novas “Bandeiras” surgirão, e temos que ter consciência disso. Melhorar o mundo depende de melhorar a nós mesmos, a todo dia, a todo instante.

O trabalho para alicerçar mudanças sólidas se faz com dialética. Afinal, “quando alguém fala e todos aceitam, o assunto se encerra. Quando alguém fala e ninguém escuta, o assunto se encerra. Mas quando alguém fala e apenas alguns aceitam, está formada a polêmica que pode resultar em Luz ou terminar nas Trevas.” (QUEIROZ, 2007, p. 158).

Ademais nós, maçons, nos dirigimos ao caminho da luz, apresentando a Maçonaria como o produto de tudo o que é bom e justo, para toda a humanidade, com supedâneo no ideal a ser alcançado por cada maçom individualmente.

E no pós-pandemia precisamos aprimorar o que deu certo em tempos de própria pandemia, para permitir que tenhamos ainda mais Lojas Fortes. Aliás, nunca é demais lembrar que para que tenhamos uma Maçonaria Forte faz-se necessário termos Lojas Fortes, e vice-versa. Todos nós, ao longo dos tempos, mas sobretudo nos dias atuais

de pandemia, fomos instados a pensar em modernidade, a sabermos agir com aquilo que não conhecíamos e que não dominávamos, criando em nós um desafio interior e próprio de seres humanos. É o que nos faz romper obstáculos e pensar em novos caminhos.

O escritor HARARI (2016, p. 101), afirma que “todos os homens foram tocados pela modernidade, e somos todos membros de uma única aldeia global.”

Isso é verdade absoluta. Estamos numa mesma aldeia global, e a Maçonaria assim age ao longo de sua magnífica história, independentemente dos desafios surgidos a cada momento. No pós-pandemia a única certeza que temos, agora, é de que estaremos nessa mesma aldeia global, com desafios comuns, escrevendo nova página na história de nossa sublime instituição, aprendendo e ensinando ao mesmo tempo, fortalecendo a cada instante. É o eterno lapidar da pedra bruta espiritual!

Ainda segundo FARIA (2010, p. 32):

Loja Forte = Maçonaria forte / Loja fraca = maçonaria fraca. Essas medidas colocam a Maçonaria definitivamente no século XXI. Usar ferramentas e técnicas modernas de gestão é a única maneira de prosperar e perenizar-se. A Maçonaria é uma empresa e, como tal, deve ter lucro. O lucro que buscamos e almejamos é o bem-estar de todos, especialmente dos verdadeiros maçons, assim como de todos os homens de bem.

Para que estejamos preparados para o pós-pandemia, temos que ter consistência e lealdade, com segurança e capacidade para enfrentar o que ainda não conhecemos ao certo, mas que podemos prever parcialmente, o que já é um bom começo. Somos capazes de raciocinar com frieza e competência, em conjunto, possibilitando soluções inimagináveis.

O papel da Maçonaria no pós-pandemia Sars-Cov-2 (Covid-19) não será muito diferente do que foi no pós-pandemia daquelas outras que tivemos, agora com a certeza que estamos em uma aldeia global

tecnológica e interligada em tempo real. É possível que realizaremos nossas reuniões ritualísticas de forma que consigamos estar unidos, ainda que virtualmente, para o bem maior da Ordem e, por derradeiro, da própria humanidade.

A confiança em um futuro próspero e melhor é o nosso maior legado.

Dentro deste prisma, ZANINI (2016, p.101), escrevendo sobre consistência e lealdade, afirma que “a consistência abarca a segurança, a previsibilidade e a capacidade de julgamento que alguém demonstra diante das situações. A lealdade refere-se à disposição de proteger e defender alguém.”

E o pós-pandemia permitirá que continuemos evoluindo a cada momento, mesmo que da matéria, advinda nestes tempos com as dificuldades para lidarmos com o novo normal, para o espírito, que virá com a possibilidade de conseguirmos estabelecer novos parâmetros intrínsecos para superarmos o que ainda nem sabemos como será.

É a subida sem trégua do inconsciente para o consciente.

Neste momento, que antecede o pós-pandemia, ou melhor, o novo normal do novo normal, a Maçonaria e os maçons precisam fincar esteios sólidos na perseverança e na prudência, pois sem ambas poderemos cometer erros que nos levarão a momentos de maior dificuldade. Em conjunto e com pensamentos ligados, presencialmente ou virtualmente, ideias novas e cientes de nosso papel no contexto mundial, com um olhar atento ao passado, mas fixo no presente e antenado no futuro, é certo que não nos desfaleceremos jamais.

Ainda segundo FIGUEIREDO (2006, p. 44 e p. 66):

A própria Maçonaria pode ser considerada um modelo de perseverança, pois, apesar de todos os obstáculos e das perseguições de que foi vítima, continuou sem desfalecimento a sua marcha civilizadora.

A Fábula fez da Prudência uma divindade alegórica, às vezes representada com um cabeça de duas caras, olhando prudentemente para a frente e para trás, outras com um espelho rodeado por uma serpente, símbolo da prudência.

Portanto, continuaremos evoluindo quando do novo normal do novo normal, pois somos perseverantes e temos prudência para agirmos na hora certa e quando for o melhor momento. Seremos instados a praticar o novo e certamente assim o faremos com galhardia.

7. Conclusão

A Maçonaria no pós-pandemia, como dito ao longo deste artigo, traz-nos grandes inovações e desafios. Precisamos estar preparados. Sabemos que a nossa Sublime Instituição é uma grande escola que demanda muito e duro trabalho, sendo certo que necessitamos ter dedicação para realizarmos nosso bem maior, a melhoria da vida de toda a humanidade.

Percebemos que o pós-pandemia já ocorreu em outros tantos momentos nesses três milênios, e a Maçonaria conseguiu superar todos os obstáculos que se apresentaram. Tudo muda, e o que se mantém é apenas o padrão de mudança.

Verificou-se que com perseverança, prudência e constante evolução, o caminho a ser trilhado no pós-pandemia será feito por todos os Irmãos, que consigo levarão todos aqueles ao seu redor, do ponto de vista filosófico. A Maçonaria sempre foi e será alicerce de doutrinas morais, religiosas e filosóficas, advindas com nossos Irmãos Operativos e perpetuadas conosco, Especulativos.

Entretanto, temos muito trabalho pela frente, mas sabemos que conseguiremos sair grandiosos com as mudanças que se avizinham. Somos capazes para tal mister e a história atesta isso.

A vitória pode e será construída, porque as novas diretrizes certamente serão confiáveis e justas e serão cumpridas por nós, maçons. A estratégia se adapta às circunstâncias, por isso teremos que ser estrategistas ao máximo.

Dessa forma, está certo que não devemos fazer previsões ruins, porque podem nos desanimar. Ao contrário, temos vários motivos

intrínsecos e extrínsecos para fazermos previsões positivas, sobretudo porque somos sabedores que depois de uma grande tempestade sempre vem a bonança.

Referências Bibliográficas

CAMINO, Rizzardo da; CAMINO, Odéci Schilling da. **Vade-Mécum do Simbolismo Maçônico**. São Paulo: Editora Madras, 2006.

FARIA, Geraldo. **Os Sete Maçons Segredos e Rituais sem Mistérios**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

FIGUEIREDO, Rui Tinoco de. **Minuto Maçônico**. São Paulo: Madras, 2006.

GUIMARÃES, João Francisco. **A Filosofia do Conhecimento**. 2.ed. São Paulo: Madras, 2006.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

INFOPEDIA, **Dicionários/Língua Portuguesa: egrégora**. Porto Editora. Página inicial. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/egrégora>. Acesso em 31 de janeiro de 2021.

KNIGHT, Christopher; LOMAS, Robert. **A Máquina de Uriel As Antigas Origens da Ciência**. São Paulo: Madras, 2006.

LIMA, Walter Celso de. **Ensaio Sobre Filosofia e Cultura Maçônica**. São Paulo: Madras, 2012.

MACNULTY, W. Kirk. **A Maçonaria Símbolos, segredos, significado**. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2007.

MINGARDI, Cezar Alberto. **Sois Maçon?**. São Paulo: Madras, 2008.

MORAIS, Cassiano Teixeira de. **Evasão Maçônica Causas & Consequências**. 2.ed. Brasília – DF: DMC, 2017.

QUEIROZ, Álvaro de. **A Maçonaria Simbólica Rito Escocês**, Antigo e Aceito Aprendiz, Companheiro e Mestre. São Paulo: Madras, 2007.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra Os Treze Capítulos Originais**. São Paulo: Jardim dos Livros, 2011.

ZANINI, Marco Túlio. **Confiança O Principal Ativo Intangível de Uma Empresa**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

A PANDEMIA DA COVID-19 E AS NOVAS PRÁTICAS NA MAÇONARIA CONTEMPORÂNEA

Kleber Cavalcante de Sousa¹

1. Introdução

A história da Maçonaria demonstra que a nossa instituição sempre foi capaz de superar dificuldades e desafios, que ameaçaram a sua existência e permanência de suas atividades no mundo (SOUSA, 2020). Nos últimos 20 anos a sociedade tem enfrentado grandes transformações econômicas, políticas e sociais, que tem exigido que as pessoas desenvolvam novas competências pessoais e profissionais, assim como, tenham a capacidade de implementar mudanças e melhorias nos processos, práticas e métodos das organizações, quer sejam elas: públicas, privadas ou de interesse social.

Os avanços tecnológicos, a expansão do computador pessoal, a *internet*, as redes sociais, a educação à distância e o maior acesso da população em geral aos *smartphones* são fatores que caracterizam essa nova sociedade do conhecimento e da informação.

Castells (1999) já asseverava que a sociedade contemporânea iria vivenciar essas intensas transformações tecnológicas, em que a expansão das tecnologias impactaria de forma decisiva a sociedade, mediante uma linguagem digital comum na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida. E neste sentido, as sociedades mais capazes em dominar essas tecnologias traçariam o seu destino a ponto de ser consideradas mais competitivas e responsáveis transformações políticas, econômicas e sociais (CASTELLS, 1999).

¹ Historiador, Administrador, servidor público federal e professor de administração e gestão. Mestre Maçom Instalado da ARLS Cavaleiros DeMolay Nº 29 – GLERN. Email: kcsnat@gmail.com

Frente a esse cenário de um mundo tecnológico e globalizado emergem outros problemas de impacto global, tais como as pandemias causadas pelos vírus. Em 2020, a pandemia mundial causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2, causador de doença denominada COVID-19, obrigou os órgãos de saúde de praticamente todos os países do mundo a recomendarem o isolamento social como uma das medidas para conter o contágio da COVID-19, que possui um alto poder de propagação.

A OMS – organização mundial da Saúde (2020) destacou que a doença tem se propagado de forma muito rápida, e que até o dia 25 de dezembro de 2020 o novo Coronavírus tinha infectado, aproximadamente 78 milhões de pessoas, e levados a morte mais de 1,7 milhões de pessoas em todos o mundo (OMS, 2020).

A COVID-19 apresenta no ser humano, sintomas que são semelhantes à uma gripe: febre, tosse seca, falta de ar e fadiga. Alguns casos evoluem para a forma mais grave da doença, apresentando comprometimento pulmonar, levando as pessoas a precisar de serviços médico-hospitalares, chegando inclusive a usar respiradores mecânicos. Para o *Centers of Disease Control and Prevention* (CDC, 2020) a doença é bastante contagiosa, inclusive, há pessoas que estão infectadas e não apresentam sintomas e representam um grande foco de propagação.

Neste contexto, o “isolamento social” representa uma das políticas de prevenção utilizadas para reduzir a propagação da COVID-19, e diminuir a velocidade da transmissão da doença, e assim, tentando preservar os sistemas de saúde de todos os países, que em caso de pandemias podem colapsar. Roberts (2020) destaca que essa é melhor estratégia a ser implementada, por órgão sanitários, para diminuir a taxa de crescimento de infecções e evitar sobrecargas no sistema de assistência médica, quando não se tem vacinas ou tratamentos médicos aprovados.

Neste sentido, todas as organizações sociais, tipo igrejas e lojas maçônicas, atendendo a orientação do Ministério da Saúde e da OMS, e cumprindo decretos dos governos estaduais, suspenderam suas atividades presenciais e recomendaram a realização de reuniões virtuais, como uma alternativa para manter as lojas em atividade e seus obreiros

congregados. Contudo, essa iniciativa não foi implementada por todas as lojas maçônicas, e, as que conseguiram utilizá-la, observou-se que muitos maçons não se adaptaram a esse modelo de atividades virtuais.

Por conseguinte, alguns problemas que a maçonaria já enfrentava, se acentuaram e ficaram mais evidentes, tais como a questão da evasão, do desinteresse, da má formação, e da dificuldade de renovação de obreiros nos quadros das lojas. Ademais, surge um cenário de incerteza da volta das atividades presenciais, enquanto não houver segurança para o retorno da convivência fraterna, nos tempos e atividades sociais.

Sousa (2020) destaca que a Maçonaria enfrenta, na atualidade, pelo menos três grandes problemas: A evasão maçônica, o conflito de gerações e a falta de protagonismo social. Esses problemas maçônicos tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores, tais como De Moraes (2017), Ismail (2012, 2017, 2018), assim como já estão sendo discutidos e analisados nos fóruns de líderes maçônicos no mundo todo (SOUSA, 2020).

E, é neste contexto, que esse trabalho discute a necessidade da Maçonaria se reinventar para melhor conviver com essa nova geração, se adequar a nova realidade político-econômica e social que enfrentaremos, no período da pós pandemia, a fim de que ela, novamente, seja capaz de vencer os desafios que se apresentam e possa continuar a cumprir o seu papel, de aperfeiçoamento moral do ser humano e a formação de melhores homens e líderes para a sociedade atual.

Para embasar essa discussão foram consultadas algumas obras, dentre as quais destacamos o livro *A Maçonaria. Simbólica*, de Jules, que aborda a questão da simbologia, significados. Outra obra consultada foi *as Origens da Maçonaria: o século da Escócia, 1590 – 1710*, de David Stevenson, em que os autores discutem as origens da maçonaria. Na obra *Illustrations of the Masonry*, escrita em 1867, pelo Irmão Maçom William Preston, foi possível conhecer, desde questões históricas, filosóficas e a importância da educação e a instrução na Maçonaria. E ainda, *O ofício do Maçom*, de Harry Carr (2018) que apresenta uma compilação de vários assuntos

Com relação a Maçonaria no Brasil, os trabalhos de Cassiano Morais e Kenny Ismail que abordam os problemas atuais da Maçonaria Brasileira e o de Kleber Sousa sobre estudos maçônicos foram algumas obras que também subsidiaram o presente artigo.

A partir dessa bibliografia, formula-se o problema central desse trabalho que trata sobre a necessidade da implementação de novas práticas maçônicas, para melhorar a formação dos maçons, ter um maior protagonismo político, aumentar a fraternidade, ter maior visibilidade social e ser reconhecida como uma instituição, de fato, útil a sociedade.

Portanto, o presente artigo defende a tese, de que a Maçonaria precisará se renovar sem abandonar seus princípios e valores fundamentais. A renovação poderá ocorrer, por intermédio de novas práticas ou adaptação das atuais, por meio de uso das tecnologias, e novas metodologias que favoreçam a maior socialização e melhor formação dos seus obreiros, e por conseguinte, se manter viva, atuante e presente na sociedade da pós pandemia.

E sendo assim, as potências maçônicas implementaram novas práticas para enfrentar e manter suas lojas em atividade, durante a pandemia do covid-19, como uma estratégia de diminuir os impactos sociais da suspensão das reuniões presenciais (sessões maçônicas) das suas lojas jurisdicionadas. No Rio Grande do Norte, todas as potências maçônicas regulares, durante a pandemia da COVID-19, suspenderam as sessões maçônicas presenciais e regulamentaram uma nova prática, as reuniões virtuais, que ocorriam utilizando ferramentas de tecnologia e comunicação.

E, foi neste cenário que a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB resolveu realizar uma pesquisa para investigar como a pandemia da COVID-19 e a suspensão dos trabalhos maçônicos tinham afetado a vida dos maçons, e qual a percepção dos maçons sobre o futuro da Maçonaria, no pós-pandemia.

2. Percepções dos Maçons sobre os impactos da Pandemia da COVID-19 e sobre o futuro da Maçonaria.

A pesquisa “Maçonaria na pós-pandemia”, realizada pela CMSB, em 2020, com mais de 14 mil maçons respondentes, identificou, na perspectiva dos maçons, os impactos da Pandemia COVID-19 nas suas vidas e na Maçonaria. A pesquisa demonstrou um cenário bastante preocupante, visto que muitos maçons sentem falta da participação presencial nas reuniões, no entanto, percebem uma certa dificuldade para o retorno das atividades presenciais, em virtude dos problemas financeiros enfrentados e do medo do convívio social.

Com base na pesquisa, identificou-se que a maior parte dos maçons sentem a necessidade da presença física em suas lojas. E, para mais de 70% dos maçons respondentes, essa necessidade está relacionada ao desejo de “estretar os laços de fraternidade” com os irmãos da loja, além de “participar da ritualística”. Esta informação demonstra o papel e a importância da Maçonaria como um espaço de sociabilidade e de prática ritualística, visto que esses maçons que se mantiveram afastados, afirmam que sentiram falta e tem necessidade de voltar as atividades, para praticar a ritualística e estar no ambiente fraterno das suas lojas.

No entanto, em razão do afastamento social, e a suspensão dos trabalhos maçônicos em os maçons ficaram impossibilitados de frequentar suas lojas, mantendo-se distante dos irmãos e dificultando o fortalecimento da fraternidade. Nesse sentido, a pesquisa procurou identificar como se dava as relações de fraternidade e a frequência de contatos mantidos entre os maçons da loja, durante a pandemia. Segundo a pesquisa, aproximadamente 85% dos maçons respondentes se comunicam semanalmente, sendo 41,6% diariamente, 24,3% de até 3 vezes por semana e 18,4% apenas 1 vez por semana. Já 15,7% não conseguem manter contato semanal com nenhum maçom da loja.

Esses dados da pesquisa da CMSB demonstram que há uma comunicação semanal entre irmãos de uma mesma loja, no entanto, não se sabe se o uso das tecnologias possibilitou um aumento de interação e da fraternidade entre os maçons, durante a pandemia, visto

que a prática ritualística não era realizada, em razão das suspensões dos trabalhos presenciais.

No que se refere, a forma de comunicação escolhida pelos maçons, durante a pandemia, 43,5% afirmaram que se comunicavam pelas redes sociais, enquanto 31,1% por meio de mensagens de texto, 9,4% chamadas de telefone e apenas 8,9% pelos aplicativos de reuniões virtuais (online). Com base nesses dados pode-se inferir que as reuniões virtuais não conseguiram engajar a maior parte dos maçons, e que o principal meio de comunicação foram as redes sociais, que é o ambiente mais utilizado para que as pessoas interajam na internet, contudo, é um ambiente aberto e em que as pessoas não se concentram em uma atividade específica, e portanto, estão mais dispersas.

Ademais, é importante destacar, que aproximadamente 49% dos respondentes da pesquisa, afirmaram que recebem informações sobre a Maçonaria através de mensagens de *WhatsApp*, rede social de aplicativo de mensagens, já 20,4% responderam que se utilizam de livros físicos para se manter informados. Esse dado demonstra a força da comunicação pelo *WhatsApp*, indicando que é uma forma mais eficaz de compartilhar informação para os maçons, visto que o uso do livro físico, como fonte de acesso de informações está perdendo a força, de acordo com perfil dos respondentes da pesquisa da CMSB.

Uma outra informação identificada na pesquisa, que considero importante, foi sobre o que desagradava aos irmãos nas reuniões. Os resultados apontaram que a insatisfação ocorre principalmente:

- pelos conflitos entre as potências maçônicas (53%);
- as brigas por poder na potência (46%);
- descumprimento dos valores e princípios maçônicos, “profanos de avental” (41%);
- pessoas que agem como se a loja fosse dele, “os donos de loja” (41%);
- falta de conteúdo das reuniões (37%), e;
- o desinteresse dos irmãos (39%).

As disputas de poder e os conflitos, que são naturais em qualquer organização, se contrapõem aos princípios e valores da Ordem, em especial a questão da fraternidade e a pesquisa identificou que os maçons não se sentem satisfeitos em vivenciar e observar esses conflitos na Maçonaria, quer seja por poder na loja, na potência ou entre as potências.

A falta de conteúdo nas reuniões é um fator que demonstra que as lojas maçônicas precisam escolher bem, os seus líderes e que a loja precisa ter projetos e metas a cumprir. Para que seja montado um plano anual de atividades e que a loja seja um polo, em que os irmãos se reúnam, para trabalhar em prol desse projeto e de uma causa específica.

Para Sousa (2020) as gestões das lojas e os líderes das potências precisam planejar estratégias a fim de tornar as atividades ritualísticas, sociais e administrativas mais atrativas e harmônicas. Para tanto, é fundamental que os planos e as ações sejam idealizados e executados de forma coletiva e mais democrática possível, tendo sempre como base propósitos e projetos consensuais, deliberados coletivamente.

Esses dados da pesquisa que demonstram a desmotivação de obreiros das lojas pela falta de cumprimento dos princípios e valores por alguns Maçons, corroboram com a tese de que o despreparo filosófico, intelectual e maçônico dos maçons é um dos fatores que tem contribuído para acentuar a crise da Maçonaria no Brasil, obviamente, aliado aos problemas profissionais e econômicos que o País enfrenta, no momento atual.

O desinteresse por parte de muitos irmãos em se dedicar e participar ativamente da Maçonaria, também é um fator que gera insatisfação entre os obreiros, e certamente esse desinteresse pode estar associado, ao fato de se iniciar pessoas sem o perfil e que desconhecem o que seja a Ordem Maçônica, a sua história e filosofia, além de não ter ciência sobre as obrigações que terão que cumprir na Maçonaria. E também, por se sentir excluídos das decisões da loja, e em alguns casos, observar pessoas sem o preparo adequado para liderar e conduzir a loja e a instituição.

Em uma pesquisa realizada em 2018, a Confederação da Maçonaria Interamericana – CMI, sob a condução do pesquisador Maçom Kenno Ismail, foi identificado que “menos de 5% dos maçons brasileiros sabem o que é a Maçonaria” (ISMAIL, 2018, p. 23). Isso comprova que há uma deficiência na seleção e na educação maçônica das lojas e das potências, que não conseguem implementar estratégias a fim de melhor selecionar seus obreiros, e educa-los sobre princípios, valores, história e filosofia da Maçonaria.

Esses dados demonstram que uma expressiva parte dos maçons brasileiros não sabem o que é a Maçonaria, e certamente, terão dificuldade divulgar de convidar a candidatos à Ordem, pois não sabem explicar o que ela é, seus objetivos, princípios e qual o seu papel na sociedade.

Sousa (2020) questiona como é que a Maçonaria pode contribuir na transformação e se perpetuar para o futuro, se muitos de seus membros, hoje, não sabem qual seja a missão da nossa Ordem e qual o papel que ela deve exercer, na atualidade. Jackson (2020) assevera que a missão da Maçonaria, no passado e agora, é a formação moral e intelectual do homem, e para tanto é essencial que a Ordem implemente diversas estratégias com esse fim, em especial reforçando os princípios, objetivos, valores e filosofia maçônica, além de sempre iniciar homens de moral ilibada.

Kleber Sousa (2017) concorda com Jackson, quando defende que que a Maçonaria para permanecer forte no mundo precisa iniciar homens de qualidade moral ilibada, comprometidos com os princípios e valores da instituição. No entanto, esse é um grande desafio, pois nem todos que têm condições (tempo e dinheiro), estão dispostos a subjugar suas vontades, e buscar o aperfeiçoamento moral, através do trabalho voluntário.

Sobre os desafios a ser enfrentados pela Maçonaria, no período da pós-pandemia, a pesquisa da CMSB identificou que na percepção dos Maçons, os principais desafios serão:

- problemas financeiros (35%);
- medo do convívio social (24,3%);

- evasão maçônica (17,7%);
- maior atratividade e ser mais interessante (12,4%).

Outrossim, observa-se que na percepção dos maçons respondentes, a pandemia gerou impactos econômicos, políticos e sociais, e comprometerá de forma importante a volta das atividades das lojas maçônicas, especialmente, nos países e regiões, em que a economia tenha sido muito afetada, como é caso dos países em desenvolvimento. Essa questão é preocupante, pois os problemas financeiros impactam a vida profissional e pessoal das pessoas, e nessas situações o ser humano, dedica todo os seus esforços a buscar resolver esses problemas, e como é do conhecimento de todos, a Maçonaria precisa que seus membros estejam em situações confortáveis, para que eles se dediquem e contribuam com o fortalecimento da instituição.

Além dos problemas da evasão maçônica apontados por De Moraes (2017), conflitos de geração e o envelhecimento da maçonaria destacados por Ismail (2017), a Maçonaria da pós pandemia enfrentará também o receio de muitos maçons voltar a frequentar as suas lojas, pelo medo do convívio social, pelo perigo do contágio, problemas econômicos, além do seu desinteresse, em virtude de não identificarem mais utilidade em estar participando da Ordem, conforme observado na pesquisa da CMSB (2020).

Porquanto, acredita-se que enquanto não houver métodos de proteção cientificamente comprovados contra o contágio, para imunização ou tratamento da COVID-19, dificilmente esse cenário mudará, e uma boa parte dos maçons não perceberá segurança para frequentar as atividades presenciais, e assim o problema persistirá.

Apesar de todos esses fatores, concordo com Kemble (2019), que ao analisar o cenário da maçonaria americana e os cenários futuros, afirma que o futuro da Ordem depende do compromisso e do engajamento da geração atual de Maçons, que precisam se orgulhar da Ordem e se dedicar a compreender melhor a história e a sua filosofia, se aperfeiçoando e contribuindo com a mudança social da Maçonaria,

pois ela é um sistema de auto aperfeiçoamento moral que contribui na transformação de muitos homens em todo o mundo.

A seguir apresentamos e discutiremos os resultados dessas práticas na Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Norte.

3. Práticas maçônicas em tempos de pandemia na Grande Loja Maçônica do Rio Grande do Norte – GLERN

A Maçonaria sempre foi organizada e sua atuação regida por uma série de práticas, regulamentos e procedimentos, quer sejam ritualísticas, administrativos e sociais. Essas práticas e procedimentos organizavam a forma em que as lojas devem atuar e cumprir o seu papel de transformar o homem e conseqüentemente a sociedade.

Sendo a Maçonaria um sistema regular de moralidade, concebido em uma tensão de interessantes alegorias, que desdobra suas belezas ao obreiro sincero e estudioso (PRESTON, 1867), em que seus membros são como uma família, se mantém unidos por interesses comuns, e reforçam seus compromissos por juramentos e rituais (STEVENSON, 2005). Assim a Maçonaria é uma organização repleta de práticas que exercem um papel importante nesse processo de transformação social, indo muito além das teorias e dos estudos filosóficos.

Práticas ritualísticas, administrativas e sociais são algumas das que podemos observar na maçonaria, e em que cada tipo de práticas contemplam vários procedimentos e processos que precisam ser executados. A maioria dessas práticas e procedimentos contribuem para funcionamento das lojas maçônicas e o cumprimento dos objetivos institucionais.

Boucher (1997) afirma que a ritualística é uma das práticas mais importantes na maçonaria, pois são aquelas responsáveis pela transformação do homem, por meio dos seus rituais, alegorias e lendas. Já as práticas sociais são aquelas necessárias ao fortalecimento da fraternidade e da construção de um espaço de sociabilidade, que permita manter viva a atuação e a inter-relação dos seus membros em toda a

sociedade, como as ágapes fraternais, após os trabalhos maçônicos. Por fim, temos as práticas administrativas (emissão de *placets*, escrita e leitura de atas, envio de relatórios, emissão de certificados, propostas de admissão e sindicâncias) que são aquelas criadas para registrar e dar legitimidade as atividades maçônicas, por meio de documentos e procedimentos implantados, e regulamentados pelas potências maçônicas.

Na obra *O ofício do Maçom*, de Harry Carr (2018), é apresentado uma compilação de várias questões maçônicas, e é possível identificar várias práticas e procedimentos existentes na Maçonaria, desde a regulamentação da Maçonaria atual, no século XVIII, até os tempos atuais. Ao analisar essas práticas e procedimentos percebe-se que muitas dessas práticas tinham um objetivo ritualístico e alegórico, e serviam para construir a cultura maçônica, com base no rito praticado e nos rituais realizados. Carr (2018) discute e explica o papel de várias dessas práticas maçônicas, que no decorrer do tempo, sofreram poucas mudanças.

Com a chegada da pandemia da COVID-19 as potências maçônicas resolveram permitir que suas lojas maçônicas implementassem novas práticas em suas atividades, se utilizando de ferramentas tecnológicas que possibilitassem aos maçons estarem conectados e realizando algumas atividades, de forma virtual.

Dentre essas práticas destacam-se: reuniões administrativas, reuniões para aprovação de candidatos, reuniões remotas para ministrar instruções, palestras públicas e restritas sobre temas maçônicos, assembleias gerais deliberativas e a intensa comunicação por *e-mail* e *whatsapp*, permanecendo apenas como obrigatórias, as reuniões presenciais que exigiram procedimentos ritualísticas, tais como: iniciação, concessão de graus, filiação e regularização, eleições de diretoria e instalação oficiais.

Essas novas práticas maçônicas, durante a pandemia, foram regulamentadas pelas potências maçônicas, em seus territórios, concedendo as lojas a liberdade de manter a atuação, mesmo que de forma virtual, evitando o convívio social nos templos maçônicos, em

razão dos decretos dos governos municipais e estaduais, para evitar o risco do contágio e a sobrecarga do sistema de saúde local e regional.

Nessa perspectiva a Grande Loja Maçônica do Rio Grande do Norte – GLERN, regulamentou diversas novas práticas, por meio de treze atos do Grão Mestre, conforme quadro 1, contemplando práticas e procedimentos ritualísticos e administrativos, a fim de contribuir para que as lojas maçônicas conseguissem se adaptar e manter suas atividades, durante a pandemia da COVID-19. Ademais, os atos contemplavam procedimentos, de modo a apoiar lojas e obreiros que estivessem em dificuldades financeiras, bem como, com dificuldades de realizar os seus procedimentos protocolares para ingresso, filiação, concessão de graus e eleição e posse de oficiais.

Quadro 1 – Práticas maçônicas regulamentadas na GLERN, durante a pandemia da COVID-19

Ato	Data	Assunto
009-2020/2023	17/03/2020	AD CAUTELA, SUSPENDER A REALIZAÇÃO DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA (21/03/2020) E OUTRASS PROVIDÊNCIAS
010-2020/2023	17/03/2020	INCENTIVO A REGULARIZAÇÃO E /OU FILIAÇÃO
011-2020/2023	17/03/2020	INCENTIVO A INICIAÇÃO NA GLERN.
012-2020/2023	17/03/2020	INCENTIVO A INICIAÇÃO DE SÊNIOR DeMOLAY NA GLERN.
014-2020/2023	06/04/2020	SUSPENSÃO DOS TRABALHOS NA GLERN AD CAUTELAM.
015-2020/2023	08/04/2020	AUTORIZA REUNIÕES VIRTUAIS ADMINISTRATIVAS E OUTRAS
016-2020/2023	17/04/2020	AUXÍLIO ÀS LOJAS JURISDICIONADAS
017-2020/2023	17/04/2020	EXTINÇÃO DAS TAXAS DE TRANSFERÊNCIA E DUPLA FILIAÇÃO
018-2020/2023	28/04/2020	PRORROGAÇÃO DA SUSPENSÃO DOS TRABALHOS NA GLERN AD CAUTELAN
019-2020/2023	08/05/2020	AUTORIZA FAZER REGULARIZAÇÃO, FILIAÇÃO E REGULARIZAÇÃO/ FILIAÇÃO PROVISÓRIA.
020-2020/2023	15/05/2020	PRORROGA A SUSPENSÃO DOS TRABALHOS NA GLERN AD CAUTELAM POR TEMPO INDETERMINADO.
024-2020-2023	24/07/2020	AUTORIZA REUNIÕES VIRTUAIS ADMINISTRATIVAS FACULTATIVAS.
025-2020/2023	10/08/2020	NOMEAR COMISSÃO PARA ELABORAR PROTOCOLO DE RETORNO DAS ATIVIDADES MAÇÔNICAS PRESENCIAIS DAS AA.'. RR.'. LL.'. SS.'. DA GLERN.

Fonte: Boletim Oficial da Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Norte (mar-ago/2020)

Com relação aos novos procedimentos autorizados pela administração da Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Norte, em virtude, da pandemia da COVID-19, observa-se que foram abordados as questões sociais e econômicas, visto que havia já se tinha ciência das dificuldades que a pandemia infringira na economia do estado e na vida das pessoas.

Assim, a GLERN, em Março incentivou através de benefícios financeiros, na modalidade de dispensas e isenções no valor das taxas, para que as lojas conseguissem manter seus obreiros ativos, assim como conquistassem novos candidatos para o ingresso em seus quadros, destacando inclusive, o ato que isentava em 50% a taxa percapta dos DeMolays iniciados na GLERN, desde que se mantivessem na condição de universitários. Ademais, em abril foram isentas as taxas de transferência e de dupla filiação.

Em abril, em razão do agravamento da Pandemia da COVID-19, e das recomendações da OMS e dos decretos municipais e estaduais, foram suspensas todas as atividades maçônicas presenciais das lojas maçônicas jurisdicionadas a GLERN, e autorizada a realização das reuniões virtuais, como forma de manter as lojas e os obreiros em atividades e contato permanente.

Com relação as reuniões administrativas virtuais, a GLERN, de acordo com o ato 015-2020/2023 autorizou as lojas a realizar os seguintes procedimentos e práticas, inicialmente apenas para os membros das lojas, não autorizando visitantes conforme regras a seguir:

As reuniões serão realizadas exclusivamente por salas virtuais e não serão ritualísticas, apenas administrativas para tratar dos assuntos necessários ao prosseguimento dos trabalhos da Loja e da GLERN.

§ 1o – Nas reuniões poderão ser discutidos e votados os seguintes assuntos:

- I. Processos de Iniciação: Prévias, Propostas e Sindicâncias;
- II. Processos de Regularização, Filiação e Regularização/Filiação: Propostas, votação para realização ou não de Sindicâncias e, se for o caso, as Sindicâncias, respeitando Grau do interessado;
- III. Processos de Dupla Filiação: requerimentos de Dupla Filiação;

- IV. Processos de Transferência; requerimentos de Transferência;
- V. Processos de Licença: Requerimentos de Licenças;
- VI. Processos de Remissão: requerimentos de Remissão; e
- VII. Alteração do Estatuto e Regimento Interno da Oficina.

Nas reuniões Atos, Decretos, Pranchas, Boletins da GLERN e outros documentos de interesse da Oficina deveriam ser lidos, assim como deveriam ser confeccionados os Balaústres/Atas seguindo a sua numeração, conforme o Grau em que realizarem a sessão, fazendo o registro de tudo que for apresentado, discutido e votado, registrando tudo que ocorrer. Todos os Irmãos presentes deverão ser relacionados no Balaústre/Ata.

Por meio, do ato nº 024-2020/2023, a GLERN regulamentou novamente as reuniões virtuais, atendendo as solicitações dos veneráveis, que estavam enfrentando algumas dificuldades para manter as lojas em atividade, e neste sentido, foram flexibilizadas a quantidade e permitido a participação de maçons visitantes, desde que fossem devidamente verificados a segurança. Ou seja, percebemos o surgimento de um novo procedimento, a verificação virtual de regularidade maçônica, do irmão, demonstrando uma inovação a fim de atender as novas necessidades.

No que cerne, a educação maçônica foi implementada um projeto denominado Encontros Virtuais Maçônicos, organizado pela Grande Secretaria de Educação Maçônica, com o objetivo de possibilitar aos maçons da GLERN uma série de conferências, palestras, debates virtuais, sobre diversos temas maçônicos e problemas da maçonaria contemporânea. Os eventos virtuais contaram com uma média de mais de 60 participantes, tendo alguns eventos a contar com aproximadamente 100 maçons de todas as lojas da GLERN.

Com intuito de estudar e planejar o retorno das atividades maçônicas presenciais foi nomeada uma comissão médica científica, para o estudo e estabelecimento de protocolos para as atividades maçônicas durante flexibilização dos decretos governamentais, referentes a pandemia da COVID-19. Essa comissão definiu protocolos, e no final do ano de 2020, a GLERN regulamentou o retorno presencial de suas lojas,

contudo, as mesmas teriam que seguir todos os protocolos determinados pela comissão. Assim, 20 lojas maçônicas da GLERN voltaram a realizar reuniões presenciais, o que representou aproximadamente 68% de todas as lojas jurisdicionadas. Entretanto, algumas lojas tem trabalhado com uma baixa frequência de obreiros, nesse momento inicial.

E certamente para que os interesses comuns sejam reforçados, e lembrados é fundamental que as lojas, potências maçônicas definam projetos que consigam engajar seus membros, e para tanto, é necessário que eles estejam conscientes do seu papel e da importância desses projetos, para eles, para a Maçonaria e para a sociedade em geral.

4. Considerações finais

As transformações ocorridas na sociedade, a partir da pandemia da COVID-19, afetaram de forma decisiva todos os aspectos da vida humana. Pessoas e organizações mudaram suas rotinas e foram forçadas a buscar alternativas para superar os desafios desse momento. Nessa perspectiva, o presente artigo discutiu os impactos da pandemia na Maçonaria, as mudanças implementadas nas atividades maçônicas e quais as perspectivas para a Maçonaria na pós-pandemia.

A tese defendida é que a Maçonaria precisará renovar as suas práticas, de modo a se adequar a esse novo mundo e as novas necessidades humanas, contudo, sem abandonar seus princípios e valores fundamentais, mantendo o foco na sua missão principal, que é o trabalho de aperfeiçoamento moral e intelectual do homem, durante os séculos.

Essa renovação na Maçonaria poderá ocorrer, por intermédio de novas práticas ou adaptação das atuais, por meio do uso das tecnologias, e/ou novas metodologias, a fim de contribuir na maior socialização de seus membros, melhor formação dos seus obreiros, maior difusão do seu papel e um maior protagonismo social.

Com relação as práticas maçônicas entendo que é preciso que o papel de cada uma delas seja bem definido e esclarecido para todos.

As reuniões ritualísticas devem ser utilizadas para os momentos mais sublimes, excluindo dessas sessões todas as rotinas administrativas. Defendo que as reuniões ritualísticas no templo sejam realizadas especificamente para atender os fins do rito praticado, tais como: iniciações, concessão de graus, eleição e instalação de oficiais, instruções práticas e cerimoniais especiais, de modo a torna-las mais sublimes e assim, valorizá-las, evitando que as mesmas sejam consideradas reuniões triviais.

Neste contexto, todos os assuntos de ordem administrativa podem e devem ser resolvidos, sem formalismos ritualísticos, de maneira mais prática, embora, devem atender todas as formalidades legais, contudo, dispensadas todo e qualquer ritual, a fim de torna-las céleres e mais eficientes, permitindo, inclusive as atividades virtuais.

Os procedimentos administrativos obrigatórios das lojas precisam ser simplificados ao máximo, pelas potências maçônicas, evitando a burocratização e sobrecarga de atividades aos irmãos que dirigem a loja (venerável, secretário, tesoureiro, chanceler). Com relação aos procedimentos entendo que a maior parte possível deve ser informatizada ou digitalizada, de modo a facilitar o trabalho dos oficiais responsáveis, pois esses irmãos exercem essas funções voluntárias e em muitos casos, não dispendo de muito tempo ficam sobrecarregados, acabam prejudicando a loja e se desmotivando, em razão de se sentir improdutivos.

As reuniões ritualísticas não devem ser utilizadas, para se discutir questões administrativas ou informar atos e realizar a leitura de documentos oficiais, esses assuntos devem ser tratados exclusivamente, em reuniões com esses fins. Neste sentido, a ampla publicidade de documentos e decisões oficiais da loja e da potência podem substituir a necessidade de longas leituras durante as reuniões, deixando os irmãos cansados e desatentos, tornando as reuniões ritualísticas maçantes, desinteressantes, e inclusive atropelando as pautas ritualísticas e de formação maçônicas, previstas anteriormente.

Neste sentido, defendo que as lojas implementem de forma definitiva a utilização das reuniões virtuais, por meio de ferramentas

tecnológicas, para a realização de reuniões administrativas com objetivos e pautas determinadas, e de interesse geral, assim acredita-se que é possível conseguir o maior engajamento e garantir a maior segurança para os obreiros, frente a esse novo mundo da pós pandemia.

A fim de fortalecer o trabalho de aperfeiçoamento moral e intelectual dos maçons, deve ser implementadas em caráter permanente, a realização de atividades de formação maçônica por meio de palestras, mesas redondas e seminários virtuais, sendo convalidados pela loja e pela potência, para fins de progressão maçônica, visto que, é possível melhorar a qualidade e ampliarmos os horizontes dos nossos membros, através da diversidade de palestrantes e conferencistas que estarão disponíveis, nas plataformas virtuais. No entanto, essa é uma prática, que exigirá uma regulamentação e um melhor acompanhamento por parte das lojas.

As demais atividades, podem ser realizadas de forma virtual, remota e até presenciais, respeitando o distanciamento social, garantindo a segurança de todos. Entendo, ainda que cada loja deve definir, de forma muito clara, quais os projetos desejam executar no período administrativo, determinando os objetivos, metas e resultados a alcançar, de maneira a que todos possam se engajar e se sentir partes essenciais desses projetos.

Outra questão importante, é que as lojas maçônicas devem definir um plano de gestão, com projetos e novas práticas amplamente discutidas e compartilhadas com o grupo da loja, para a atuação maçônica, utilizando as ferramentas de tecnologia e comunicação, sem perder a missão principal da Maçonaria, que é a formação moral e intelectual do homem, por meio das instruções maçônicas e outras atividades que possam contribuir com esse fim.

Em um mundo contemporâneo, diverso e complexo, uma loja maçônica que não possui um projeto coletivo, um propósito para a sua existência ou uma missão a ser cumprida a médio ou longo prazo, tende a se dividir, e a permitir o surgimento de grupos antagônicos, disputando espaço e poder para conduzir a loja, de acordo com os seus

interesses, tornando a loja um espaço de conflitos, gerando insatisfações e constantes afastamentos de membros.

Outrossim, os processos e práticas maçônicas devem ser planejados, de modo a priorizar a seleção dos novos membros, a sua formação e o seu progresso maçônico, por meio do fortalecimento dos valores e princípios basilares da maçonaria, regras e regulamentos da potência, bem como o fortalecimento da fraternidade entre os membros da loja. Para tanto, é fundamental que os mestres maçons, em funções diretivas da loja estejam preparados, ou busquem o preparo necessários para ser os condutores dessas ações, visto que uma Gestão Participativa e voltada para projetos em uma loja maçônica, parece ser um dos principais fundamentos para o fortalecimento da maçonaria contemporânea, contudo, e que não parece ser uma prática presente em boa parte das lojas maçônicas brasileiras.

Por conseguinte, é preciso que a Maçonaria, discuta e repense o seu papel na sociedade, redefinindo o que ela quer ser, como pretende atuar e quais são os seus objetivos, a fim de que não seja considerada pelos homens de bem como uma instituição inútil e desinteressante. Pois, caso isso aconteça, além da evasão, ela não conseguirá atrair homens de bem e de valor para ingressar, não renovando seus quadros e acentuando o seu enfraquecimento. E assim, em décadas, diversas lojas maçônicas sucumbirão, deixando seus espaços físicos (templos), como memoriais, que talvez não serão compreendidos pelas futuras gerações, que não conhecerão a história da maçonaria, nem as suas realizações.

Nessa nova sociedade que emergirá, as pessoas precisam identificar alguma utilidade na Maçonaria, para desejar ingressar e depois se manter atuante, dedicando tempo e dinheiro. Ser capaz de superar desafios e conviver com conflitos internos, e mesmo assim, se manter firmes e contribuir com a maçonaria e a sociedade.

As pessoas precisam compreender e vislumbrar na Ordem Maçônica alguma utilidade, para que possam dar importância a ela, e assim se interessar em ingressar, ou se aproximar, e até mesmo combater, pois só se combate o que tem valor e atuação política e social. Acredito

que Maçons mais conscientes e dotados de mais conhecimentos sobre a ordem estarão mais comprometidos e engajados nas atividades da instituição, pois serão mais capazes de contribuir e de colaborar na construção de uma Maçonaria mais forte e atuante (SOUSA, 2020)

Portanto, entende-se que a boa formação dos aprendizes, companheiros e mestres é fundamental para tornar os maçons mais comprometidos com os princípios e valores da organização, tais como o compromisso do segredo, a boa moral e a fraternidade. Pontos que segundo a pesquisa da CMSB (2020) e da CMI (2018) são fatores que precisam ser corrigidos para que a Maçonaria volte a ter valor e motivar as pessoas a ingressar, e aos seus membros a se manter mais engajados na Ordem.

Neste cenário, entendo que as lojas precisarão manter algumas práticas e procedimentos implementados durante a pandemia da COVID-19, e concentrar suas atividades na formação maçônica, atividades administrativas e sociais.

Neste sentido, é essencial que as potências maçônicas conduzam esse processo de transformação política e social da instituição, de forma coordenada, tornando-a, novamente uma sociedade admirada e importante política e socialmente, a fim de que nossa Ordem se mantenha viva e atuante, no período da pós-pandemia.

Referências Bibliográficas

BOUCHER, Jules. A Simbólica Maçônica. São Paulo: Editora pensamento. 1997

CARR, Harry. O Ofício do Maçom. São Paulo: Madras, 2018.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CDC - Centers of Disease Control and Prevention. *Symptoms of The Covid-19*. EUA; 2020. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/symptoms-testing/symptoms.html> Acesso em 28 abr. 2020.

DE MORAIS, Cassiano Teixeira. Evasão Maçônica: causas e consequências. 1ª. Ed. Brasília: DMC, 2017.

GLERN. Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Norte. Atos do Grão Mestre. Boletim Informativo Oficial da GLERN – março/agosto, 2020.

ISMAIL, Kenyo. História da Maçonaria para adultos. Londrina/PR: Editora Maçônica "A trolha" Ltda, 2017.

ISMAIL, Kennyo. Relatório de pesquisa: – CMI – Maçonaria no século XXI, 2018. Disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/wp-content/uploads/2018/04/RELAT%C3%93RIO-CMI.pdf> Acesso: 26 DEZ 2019.

ISMAIL, Kennyo. Como a Maçonaria Operativa sucumbiu diante da Maçonaria Especulativa. NOESQUADRO, 2012. Disponível: <https://www.noesquadro.com.br/historia/historia-da-maconaria-para-adultos/> Acesso: 30 Dez. 2020.

JACKSON, Thomas W. The State of Contemporary American Freemasonry. **The craftsman – education materials masonics topics**, 2020 Disponível: <https://thecraftsman.org/wp-content/uploads/2020/01/DONE-The-State-of-Contemporary-American-Freemasonry-Tom-Jackson.pdf> Acesso em 01 Jan. 2021.

KEMBLE, Dan M. A Call to Engagement. Presentation at the 10th Annual Masonic Restoration Foundation Symposium, Lexington, Kentucky, August 17, 2019. **The craftsman – education materials masonics topics**, 2019. Disponível: <https://thecraftsman.org/wp-content/uploads/2020/01/DONE-Call-to-Engagement-D-Kembel-II.pdf> Acesso em 01 Jan. 2021.

OMS - Organização Mundial de Saúde. *Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil (06 JAN. 2021)*. Disponível: <https://www.paho.org/pt/covid19> Acesso em 06 jan. 2021.

PRESTON, William. *Illustrations of Masonry*. New York: Masonic Publishing and Manufact., 1867.

ROBERTS, S. *Flattening the Coronavirus Curve*. New York Times, 2020

SOUSA, Kleber Cavalcante de. A Maçonaria em 24 lições: introdução ao estudo maçônico. Natal: AMRA, 2017.

SOUSA, Kleber Cavalcante de. A educação maçônica e o futuro da Maçonaria. In: *Maçonaria: perspectiva para o futuro*. Brasília/DF: Editora CMSB, 2020.

STEVENSON, David. *As Origens da Maçonaria: o século da Escócia, 1590 – 1710*. Trad. Marcos MalvezziLeal. São Paulo: Madras, 2005.

CIRCUNSTÂNCIAS DE UMA PANDEMIA NA MAÇONARIA

Jorge Antônio Mendes¹

1. Introdução

Quais serão os reflexos na Maçonaria, também denominada como uma Instituição Maçônica (GLMERGS – Constituição 2019) após a pandemia originada pelo COVID-19 e quais os que realmente transformarão esta Fraternidade? Será possível identificar as causas destas transformações, caso as mesmas ocorram definitivamente, a fim de que sirvam de exemplos para situações similares?

Algumas respostas se manifestarão em algum momento, infelizmente na impossibilidade de voltar atrás, teremos uma assimilação compulsória de tudo. Na busca destas respostas encontra-se também que verificar os erros cometidos é necessário para que se aprenda a não cometê-los em novas situações semelhantes. Isto não será fácil, pois, no direcionamento das decisões erradas maçonicamente durante a pandemia, pessoas se esquivarão das responsabilidades, atenuando-as, numa retórica que sempre se deve olhar o lado positivo das coisas. Neste caso, tentar encobrir o lado negativo de algo não é lógico e um pensamento positivo em relação a tudo apenas funciona em livros de autoajuda.

Alguns reflexos desta pandemia na Fraternidade Maçônica não serão perceptíveis num primeiro momento e ficarão adormecidos, refletindo-se numa mudança de pensamento filosófico. Entendo que a mudança brusca de uma filosofia não é possível, deixando-se que o tempo a solidifique de maneira paulatina.

¹ Pós-Graduação em Maçonologia: História e Filosofia (UNINTER, 2018); Bacharel em Ciências Econômicas (UNISINOS, 1989); Mestre Maçom da Loja Namaste 172, Oriente de Esteio/RS – GLMERGS. Email: jorgemendes2017@hotmail.com

É pertinente neste momento assumir o nosso legado maçônico, num entendimento que somos culpados por nossos problemas e transferir-se as decisões internas desta Fraternidade, culpando uma pandemia, apenas reforça o caráter daqueles que buscam desculpas para tudo. Nesta busca incessante de que qualquer situação que atinja esta Fraternidade deve ser analisada, corrigida ou assimilada e apenas ignorar tudo o que aconteceu, em determinado período, não é crível porque a busca de evolução dos Irmãos, também chamados de Obreiros (GLMERGS – Constituição 2019) deve ser o propósito maçônico.

É o momento de salientar que a passividade confortadora do não-agir no momento propício, somente revela a capacidade de cada um e, sem dúvida, este conforto da omissão reflete-se mais tarde em qualquer situação. A Maçonaria teve a oportunidade de agir durante esta pandemia para consolidar alguns propósitos da Fraternidade quando da tomada de algumas decisões.

Na premência do momento atual inserido numa pandemia, ainda não controlada e desenrolando-se com algumas previsões de controle, o futuro desta Entidade Maçônica traz perspectivas que coisas boas ficarão, entretanto, outras nortearão alguns princípios filosóficos da Maçonaria.

O propósito deste artigo é identificar fatos que ficarão impregnados na Maçonaria devido à pandemia, além de salientar as causas que originaram tais fatos, pois, esta pandemia exigiu que a Fraternidade tomasse algumas decisões que poderão transformá-la quanto a alguns objetivos específicos.

2. Contextualização

O ‘acontecido’ – O Brasil foi surpreendido no início do mês de março que o Planeta Terra estava sob a ameaça de um vírus mortal também conhecido como COVID19² e que a partir daquele momento

² COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que apresenta quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves (Desafios da Maçonaria Pós-Coronavírus)

estávamos numa Pandemia³. Alguns direcionamentos para o combate deste vírus foram protocolados, entre os quais um distanciamento social, tendo em vista que isto poderia amenizar a transmissão deste vírus. Foram adotados outros procedimentos de recomendações gerais para este enfrentamento e que afetaram a todos indiscriminadamente. Entre os afetados estiveram a Fraternidade Maçônica e, principalmente, todos seus membros.

A Maçonaria até então seguia seu ritmo normal quanto ao seu propósito e objetivo em atividades pertinentes conforme a orientação e assimilação de toda a Fraternidade. Como a pandemia trouxe consigo regramentos individuais e coletivos de atuação, não houve alternativa de enfrentamento do vírus a não ser acatar algumas recomendações.

Durante o ano de 2020, a partir de março, foram tomadas decisões pela Instituição Maçônica que sem dúvida alguma influirão no seu futuro tanto positiva ou negativamente. Algumas decisões tomadas ficam aqui registradas para que as mesmas tragam parâmetros, caso aconteça algo similar, que nortearão tanto no seu propósito doutrinário e filosófico a fim de que se tenha a consciência de que qualquer atitude é decisiva quanto ao destino de uma Entidade.

Como é de praxe a Fraternidade fazia, até então, reuniões fechadas em suas Lojas Maçônicas⁴ com a presença dos Irmãos. Surgiram, então, recomendações expressas oficiais tanto dos governos estaduais e municipais proibindo as reuniões presenciais de grupos de pessoas e não houve alternativa para a Instituição Maçônica suspender, num primeiro momento, estas reuniões presenciais.

A partir deste momento surge a tomada de decisão da Instituição Maçônica em que informava a responsabilidade de cada Loja quanto a fazer ou não fazer reuniões presenciais, deixando a critério de cada Venerável Mestre⁵ a decisão final conforme prerrogativa embasada nos

³ Pandemia é uma doença infecciosa que se espalha entre a população localizada numa grande região geográfica como, por exemplo, todo o planeta Terra (Wikipédia)

⁴ Loja Maçônica é uma reunião de Maçons para uma atividade específica (GLMERGS -Docência Maçônica – p.5)

⁵ Responsável por cada Loja Maçônica específica com atribuições conforme Art. 144 do Regulamento (GLMERGS – 2019)

Art. 136º e 144º (Regulamento da GLMERS – 2019). Surge a primeira situação que afetou os Irmãos Maçônicos, entendido aqui como a transferência de responsabilidade da Instituição Maçônica para as Lojas Jurisdicionadas⁶ quanto a fazer reuniões presenciais ou virtuais.

Num entendimento particular penso que seria o momento de não recomendar, mas sim, autorizar ou desautorizar qualquer reunião presencial ou virtual que pudesse colocar em risco o sigilo maçônico apregoado e necessário, assumindo o Direito Constitucional⁷ da Instituição Maçônica.

As Lojas Maçônicas, premidas pelo momento e as recomendações oficiais, não tiveram alternativa a não ser tomar decisões particulares, em que a responsabilidade ficara a cargo do Venerável Mestre de cada Loja. Independentemente do entendimento ou não das recomendações Institucionais, quanto a decisões envolvendo o processo Instituição e Loja, entendo que faltou uma fiscalização maior para que algumas coisas não tivessem o desenrolar apresentado, principalmente quanto às reuniões virtuais on-line e suas circunstâncias.

Durante este período analisado, verificaram-se atitudes diferentes de Lojas com relação a estes momentos que, certamente, terão reflexos no futuro. É pertinente dizer, também, que alguns Veneráveis Mestres não queriam estas responsabilidades Institucionais, pois, entendem que seus cargos em Loja são mais filosóficos, doutrinários e administrativos particulares.

Entre algumas tomadas de decisões pelas Lojas Jurisdicionadas destaque, numa tentativa de caracterizar e registrar situações que trazem riscos de imagem e sigilo para toda Fraternidade, fazendo referência com possíveis implicações futuras:

- Algumas Lojas decidiram, por conta própria, fazerem reuniões on-line. Outras ficaram, durante este período analisado, sem fazer reunião on-line ou presencial. Algumas Lojas estão fazendo reuniões administrativas de forma virtual.

⁶ Lojas autorizadas o seu funcionamento após preencher requisitos da GLMERGS ((Regulamento de 2019)

⁷ Artigos 1º ao 6º – GLMERGS – Constituição de 2019

- Algumas Lojas decidiram fazer reuniões virtuais com o caráter de Instruções, Apresentação de Trabalhos e usando termos maçônicos no ambiente virtual.
- Foi constatado nestas reuniões virtuais, Irmãos com copos de bebidas alcoólicas, sendo as mesmas gravadas que ficarão para sempre em arquivos pessoais para serem divulgados caso alguém ache pertinente.
- Foram vistos crianças nas reuniões on-line, ouviu-se vozes de pessoas estranhas durante algumas reuniões, como se estas estivessem assimilando tudo o que se estava fazendo naquele momento.
- Foram vistos em reuniões virtuais, Irmãos sem camisa ou mesmo com trajes dignos de quem está em férias ou numa praia qualquer.

Relatar aqui algo que aconteceu nestes ambientes virtuais e que, no meu entendimento, não deveria ter acontecido, apenas caracteriza-se decisões erradas que não poderão mais retroagir, mas que sirvam de exemplo. Como querer que esta Fraternidade não tenha sequelas, se sua atuação veio contra os seus propósitos até então entendidos como alguns Segredos na Maçonaria⁸ que se deve ter quanto a tudo que se refere à Maçonaria?

Correu-se o risco de serem revelados procedimentos internos desta Fraternidade quando se fez algo on-line que ficou gravado na rede de computadores. Não me parece lógico que isto tenha uma desculpa de evolução, minimizando-se este fato acontecido, sem levar em conta os resultados circunstanciais destas decisões.

Destaco aqui o que diz Vieira (2001) com relação a segredos na Maçonaria e o seu objetivo:

A finalidade básica do segredo é proteger tanto a sociedade maçônica como o grupo de pessoas e as ideias que a compõem; todavia, ele extrapola esse objetivo, passando a se constituir, psicologicamente, em uma ferramenta de

⁸ Docência Maçônica – Os segredos da Maçonaria. P. 46, 47 e 48

união entre seus membros uma vez que os isola e, mais ainda, os diferencia do restante dos homens. O segredo se constitui em um elemento de fortalecimento interno, desenvolvendo o espírito de coletividade (VIEIRA, 2001, p.19).

O ‘acontecendo’ – Que caminho seguir, com relação à validade ou não de reuniões presenciais ou de reuniões virtuais num momento de pandemia? Infelizmente, neste caso, a Loja terá que decidir por si mesma. Onde fica o propósito da Instituição Maçônica, tendo conhecimento que cada Loja toma a sua decisão quanto a reuniões virtuais on-line, que podem trazer sérios riscos de divulgação de coisas internas da Maçonaria? O fato de continuar-se esta indefinição, quanto aos procedimentos de cada Loja com relação a sua atuação, agindo por conta própria, causa estranheza a alguns Irmãos, pois, isto reflete-se em toda a Instituição Maçônica.

E quando voltarmos à vida normal, depois de todos vacinados, pós-pandemia, em que não corremos mais risco de vida com relação a este vírus, será possível seguirmos a vida maçônica apagando tudo isto que passou? Podemos reclamar depois que alguns procedimentos ou termos maçônicos foram divulgados na internet e que não deveriam?

3. Conclusão

Relatar, neste momento, sobre fatos específicos de tudo que aconteceu e opinar sobre os seus reflexos, apenas exerço o direito da liberdade de expressão e, mais ainda, caracterizo que, como Irmão participante desta Fraternidade, quero o melhor para a Instituição e para seus Obreiros. Dizer que devemos apenas olhar para os reflexos positivos fica muito bem para aqueles que estão nesta Ordem buscando simpatias pessoais e elogios de sociabilidade. As coisas positivas devem ser ditas de maneira que sua antítese apenas as referendam, mostrando

que, se houveram acertos, também, os erros foram importantes e devem ser salientados para que não se repita.

Algumas coisas aconteceram por forças da pandemia e, na impotência de reverter o momento passado, apenas salienta-se aqui o que ficou de positivo e negativo e, principalmente, as prerrogativas para o enfrentamento desta pandemia, especificamente quanto alguns propósitos desta Ordem.

Destaco alguns pontos negativos e positivos, direcionando suas soluções a assimilações apenas dentro de possibilidades decisórias, que se não forem trazer as soluções, mesmo assim referendando-as para que se busquem estas soluções ou aprendizados para outras situações semelhantes.

Negativos:

- Saliento como negativo, o fato da impossibilidade física do encontro dos Irmãos, até porque dentro desta Fraternidade o termo Egrégora Maçônica⁹ faz parte do convívio de todos. Isto, infelizmente, passou e não tem como recuperar. A necessidade de contato pessoal entre Irmãos é um dos objetivos desta Entidade e faz parte do aprendizado para uma Evolução Pessoal, infelizmente, este afastamento foi por culpa da pandemia e suas circunstâncias.
- Perdeu-se também a oportunidade de se praticar uma solidariedade marcante por falta de atitudes coordenadoras Institucionais a fim de que se adaptasse a este tempo específico. Para referendar, através de um exemplo perfeitamente adaptável, cito aqui o que diz Alves (2007) sobre a Solidariedade durante a pandemia da Gripe Espanhola em Porto Alegre em 1918:

A Maçonaria de Porto Alegre, através da loja “Grande Oriente do Rio Grande do Sul”, iniciou sua atuação no combate à epidemia oferecendo, primeiramente, auxílio às

⁹ A egrégora é a mentalização da força do maçom enquanto em Loja, uma expressão de consciência grupal – Revista O buscador – 2017

famílias de maçons doentes. Porém, com o agravamento da epidemia e com o pedido de auxílio por parte de não-maçons, a entidade acabou estendendo as suas atividades para a população necessitada em geral.

O Grande Oriente passou, assim, a distribuir gratuitamente gêneros alimentícios e medicamentos à população necessitada. Para serem atendidas, bastava que as pessoas que precisassem de auxílio comparecessem ao endereço do Grande Oriente do Rio Grande do Sul. A partir do dia 15 de novembro, os jornais passam a fornecer alguns dados relativos às ações da Maçonaria. O “Correio do Povo” divulgou:

Ontem foram socorridas na sede do Grande Oriente, com gêneros de primeira necessidade, 84 famílias que recorreram àquela instituição. Pelo comissariado do Grande Oriente tinham sido atendidos, em domicílio, até ontem, 175 necessitados. (Alves p.239)

- ‘Outro fato negativo foi que, através de reuniões virtuais e on-line, revelou-se palavras maçônicas específicas e situações ritualísticas que sempre foram um sigilo maçônico. Cito como exemplos, para referendar estes pontos, os tratamentos específicos usados por Irmãos e Sinais somente usados em Loja que ficarão para sempre gravados em arquivos de Internet.

Positivos:

- Entre as coisas positivas está a de que um entendimento tecnológico foi necessário para que alguns Irmãos pudessem participar das reuniões virtuais.

Sabe-se que a média de idade dos Irmãos Maçônicos é alta e não estavam acostumados com a tecnologia. Este fato, decididamente, foi a mola propulsora de uma evolução tecnológica para alguns Irmãos. É destacável o que diz Kenyo Ismail sobre a média de idade de Irmãos quando de uma pesquisa realizada:

Como pode-se observar, a faixa etária de concentração dos participantes está entre os 38 e os 64 anos de idade, com pico aos 57 anos e idade média geral de 52. Considerando a legislação nacional vigente, que determina o status de idoso a partir dos 60 anos de idade, 37% da amostra participante desta pesquisa é de maçons idosos e, em apenas 05 anos, a maioria dos respondentes, aproximadamente 51%, será idosa. (Relatório de Pesquisa. P.5)

É pertinente destacar aqui que Irmãos vem alardeando que as reuniões devem ser virtuais de maneira geral. Numa opinião pessoal, são os Irmãos que gostariam de ficar em casa, no conforto de seus lares, apenas assistindo a tudo sem ter o compromisso responsável de aprender e ensinar outros Irmãos através do contato humano e presencial. Para estes se a Maçonaria se transformar apenas em Cursos tipo EAD¹⁰, ficariam felizes e confortáveis.

- A retomada de um debate sobre a tecnologia também pode ser um ponto positivo no entendimento da busca de adaptações ao mundo atual, entretanto, num posicionamento a fim de validar a questão de evoluções, principalmente tecnológicas, é pertinente destacar aqui o que diz o autor Kenno Ismail quando se refere, aos tempos atuais envolvendo evoluções de adaptações diversas:

Enquanto a Maçonaria nos países desenvolvidos tem procurado acompanhar e se adaptar a esses novos tempos, **utilizando redes sociais e tecnologias** (*grifo meu*) a seu favor, e incluindo o debate a temas já vencidos socialmente, como a inclusão de deficientes físicos, inclusão social, questões relativas à orientação sexual,

¹⁰ A sigla EAD significa Ensino à Distância, ou também Educação à Distância. Esta modalidade de graduação permite com que as aulas sejam realizadas à distância, seja de forma remota ou numa plataforma on-line (EAD)

etc., a Maçonaria brasileira ainda está, com raras exceções, dedicada ao seu próprio umbigo, sujeita a teimosia de poucos líderes que insistem em tirar a casquinha das feridas das cisões, proibindo intervisitação, expulsando membros e publicando atos ofensivos, mesmo quando o recado e o exemplo das obediências do exterior dizem o contrário. (Ismail, 2017, p.110)

- Também foi positivo o fato que se teve conhecimento, através de reuniões virtuais, de Irmãos distantes, geograficamente, e que tem muito a contribuir através destas reuniões on-line.

Fica aqui registrado de que não é recomendável reuniões virtuais gravadas com termos maçônicos ritualísticos, que até então somente os que estavam dentro das Lojas tinham conhecimentos, nos moldes atuais já citados.

Sim, é possível reuniões de Lojas em ambientes virtuais monitorados pela Instituição Maçônica. Por exemplo: a Grande Loja¹¹ constituir um ambiente virtual, monitorar e responsabilizar-se por ele totalmente. Isto é possível com a tecnologia e caso venha acontecer tenha-se um debate colocando-se todos os prós e contras do método.

Cito aqui um texto que possui reflexões sobre o uso da tecnologia, especialmente quando se refere ao uso da Internet na Maçonaria:

O fato é que existem riscos e oportunidades quando se trata do uso da Internet na Maçonaria. No que diz respeito às oportunidades, pode-se alegar que os trabalhos postados na rede, além de não acarretarem custos, ainda possibilitam aos profanos, pela identificação com os princípios maçônicos, uma maior aproximação com a Maçonaria, o que poderia representar num acréscimo qualitativo em seus quadros.

Ademais, a Internet possibilita uma excelente oportunidade de acesso a material maçônico de qualidade

¹¹ Grande Loja se refere à GLMERGS conforme Constituição – 2019

para quem se encontra longe dos grandes centros urbanos e também para os mais jovens, sempre mais afeitos à uma crescente cultura digital, na qual a leitura eletrônica vem ganhando espaço. Os riscos são bem conhecidos. Vão desde a divulgação de material maçônico que não deveria ser exposto publicamente, até a divulgação de conteúdo inverídico, impreciso, fantasioso, e mesmo difamatório, conduzindo o leitor menos preparado a formar uma imagem distorcida acerca da Maçonaria. O que fazer para ser prever em relação aos riscos? Algumas ações podem ser muito úteis para se identificar a veracidade de um conteúdo. Procurar identificar quem é o autor da informação é o primeiro passo. Verificar se ele tem credibilidade no meio maçônico e se a origem do conteúdo é reconhecida, são medidas de precaução indispensáveis. Outro ponto importante é saber se o conteúdo expressa apenas uma opinião pessoal ou se está balizado por alguma instituição que tenha credibilidade. (ALENCASTRO, 2018, p.11)

Atualmente, início de 2021, com reuniões presenciais têm-se o risco de contrair o vírus de pessoas que estão assintomáticas, mas, que são transmissores. Somente é possível voltar às reuniões presenciais depois de todos vacinados.

Neste momento dizer que, definitivamente, algo positivo ficará para a Maçonaria devido a esta pandemia seria imprudente, pois a positividade pontual, no caso do entendimento da tecnologia, jamais sobrepujará o que foi perdido com relação, principalmente ao sigilo maçônico que é uma das partes mais marcantes da Fraternidade.

O sigilo maçônico continua a ser importante e decisivo para a Fraternidade? As respostas devem vir respaldadas por implicações tecnológicas e suas características inerentes.

É pertinente destacar aqui este texto em que faz alusão aos segredos e sigilos na Maçonaria:

Desta forma, o segredo se tornou algo intrínseco à Ordem, sendo parte importante da Maçonaria como

instituição discreta e mística. Podemos dizer que é um dos responsáveis pelas teorias conspiratórias acerca do ritual maçônico, mas também pode ser considerado um propulsor do respeito que a sua misticidade proporciona, garantindo a Maçonaria uma categórica e subtendida obediência e um distanciamento social, essências para o prestígio da mesma. Assim, considero o segredo a parte final do ritual maçônico na constituição de sua ordem hermética e enigmática. (LUCAS, 2018, p.57)

O fato de ficarem coisas positivas, devido a este momento específico, deve-se levar em conta todos os conceitos negativos aqui salientados que ficarão em contrapartida.

Decidir o que é melhor para a Fraternidade tem que ter, necessariamente, um consenso geral. Pessoas aderem a esta Ordem por objetivos bem definidos, entre os quais destaco o secretismo de algumas coisas. Se estes objetivos estão sendo mudados, como por exemplo, a perda de alguns sigilos maçônicos por reuniões virtuais on-line sem responsabilidade alguma, então que se assuma definitivamente que isto será necessário para a Fraternidade.

Não é razoável que esta pandemia tenha servido de laboratório para a Maçonaria fazer experimentos que a tempo vem debatendo, como a validade de reuniões virtuais on-line. Não é aceitável que, por causa desta situação calamitosa planetária, tenha-se descuidado do sigilo maçônico, um dos pilares de sobrevivência desta Ordem.

Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Mário - MAÇONARIA E PÓS-MODERNIDADE – Interfaces, Novos Discursos, Desafios e Perspectivas – 2018 – Texto Curso Pós-Maçonologia: História e Filosofia – UNINTER

ALVES, GABRIELLE WERENICZ. Os braços da salvação: a mobilização de auxílio aos infectados pela Gripe Espanhola – Porto Alegre (1918). In: V Mostra de Pesquisa do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul: Produzindo História a partir de fontes primárias. Porto Alegre: Corag, 2007. p. 227-245. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/17t5FzHHeipdTvTE7nr91k5iyRKDDjvd9/view>>.

DOCÊNCIA MAÇÔNICA – GLMERGS – Porto Alegre – RS –Ed. 2015

EAD – www.ead.com.br

GLMERGS – Regulamento da Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2019.

GLMERGS –www.gloja.org.br

GLMERGS. Constituição da Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2019.

GLMERGS. Docência Maçônica, Porto Alegre. Edição 2015

GOOGLE – www.google.com.br

ISMAIL, Kennyo. História da Maçonaria Brasileira para Adultos. 1ª Ed. Londrina. Ed. Maçônica “A Tro-lha”, 2017

LUCAS, JHONATAN ROSA - A Ordem Discreta em Canguçu-RS: Maçonaria, Ritual, Segredo e Poder - Trabalho de Conclusão de Curso para Bacharel em Antropologia – Universidade Federal de Pelotas – UFPel - 2018 - p. 57

MAÇONARIA PÓS-CORONAVÍRUS – PESQUISA – Cassiano Moraes - coronavirus.saude.gov.br – 2020 – UniCMSB

RELATÓRIO DE PESQUISA: “CMI – MAÇONARIA NO SÉCULO XXI” - Pesquisador responsável: Kennyo Ismail – GLMDF - 2018 -p. 5

REVISTA O BUSCADOR/REVISTA DE CIÊNCIA MAÇÔNICA - Auto Martins da Costa - O Buscador - Campina Grande- PB Brasil Ano 2 N° 1 pag. 32 – 37 jan/jun - 2017

VIEIRA, MARIA ELISABETE. O Envolvimento da Maçonaria Fluminense no Processo de Emancipação do Reino do Brasil (1820 – 1822). 2001. 108 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

WIKIPÉDIA - <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia>

DE ILUSÃO TAMBÉM SE VIVE

Mario Ricardo Kowalczuk¹

Diante da grandeza em que vivemos em nossas Lojas tudo que nos é apresentado tem uma dinâmica surpreendente, porém, com o passar do tempo tudo isto se torna enfadonho. Quando fomos proibidos e perseguidos, encontramos outros meios de praticar nossos rituais e realizar nossas reuniões; quando fomos levados a campos de concentração nazistas encontramos maneiras de nos reunir criando painéis desenhados com carvão e criando lojas em alojamentos; quando fomos proibidos de usar nossos símbolos substituímos por flores como a miosótis utilizada pelos maçons alemães. Enfim, poderia escrever vários parágrafos sobre esta temática, porém, a exemplo de nossas reuniões também me tornaria enfadonho.

O título do presente texto pode parecer estranho, contudo, se faz deveras pertinente ao tema. Trata-se da adaptação brasileira para o título de um filme americano, *Miracle On 34th Street*. O filme foi lançado em 1947 e teve sua direção e roteiro escrito por George Seaton. No filme em questão, um senhor é atestado como insano por considerar-se o verdadeiro Papai Noel. Porém, por conta do fato de que uma das personagens – uma menininha chamada Susan Walker – acredita que aquele senhor de barbas brancas e barriga grande é, realmente, o Papai Noel verdadeiro, a trama se desenvolve no sentido de não confrontar a crença da personagem infantil.

Ainda no contexto do filme, a criança vive outra realidade, em um mundo totalmente diferente do que vivem os outros personagens do filme. E, analogamente, é assim que quando iniciamos na maçonaria nos sentimos: cheios de sonhos, fantasias, esperanças e ilusões. E nem sempre conseguimos garantir que tais sonhos se concretizem, ou

¹ Graduado em História (UNOPAR). Pós-graduado em História, Maçonaria e Filosofia (UNINTER). Membro da Loja Santuário de Hiran #93, da Grande Loja do Paraná. E-mail: marioricardo@gmail.com.

mesmo, suprir nossas expectativas criadas. Isso faz com que aconteçam frustrações e desilusões e, em consequência disso, a evasão.

Voltando à nossa realidade, mais uma vez fomos impedidos de realizar nossas reuniões, pois, a pandemia de Covid-19 nos isolou e nos confinou em casa durante o ano de 2020. Assim, mais uma vez tivemos que nos reinventar e encontrar meios de nos reunirmos. Vieram assim nossos encontros virtuais, algo que no início causou estranheza entre os Irmãos em virtude da dificuldade encontrada por muitos em relação ao mundo digital. Se analisarmos de maneira isenta, verificaremos que nossas reuniões não são atrativas para as gerações que já cresceram no mundo digital, e estes Irmãos encontram pouca ou nenhuma motivação em nossas reuniões, aliado a isto temos Irmãos que passam a reunião pensando no agape.

Com isto, a Maçonaria teve que reinventar-se em um período de pandemia e este evento marcante refletiu muito no uso das redes sociais e uso de tecnologias digitais, ou seja, são frutos da comunicação e da informação juntos. Com a pandemia de Covid-19, tivemos todos que nos adaptar a esta nova forma de reunião e com isto elas se tornaram mais dinâmicas, mais atrativas e com uma frequência enorme e muitos convidados. Além disso, peças foram apresentadas, Irmãos de vários estados puderam se encontrar, discutir e principalmente aprender. Este será um caminho sem volta, entramos em uma nova era, a da Maçonaria Digital.

Segundo Arnaut (2017), a Maçonaria significa construção. O maçom constrói o seu futuro tornando-se um homem melhor. A Maçonaria constrói o futuro da humanidade, tornando-a mais justa e perfeita. (ARNAUT, p. 17, 2017). Pode-se dizer que atualmente a Maçonaria está passando por um processo de construção, a exemplo da pandemia no ano de 2020 que assolou o mundo todo. Os maçons tiveram que reinventar-se, reconstruir-se, buscar novos meios de continuarem suas reuniões.

Arnaud (2017), traz o conceito de Maçonaria como uma construção para o futuro da humanidade e o historiador March Bloch (2002) traz o conceito de história, pois, a história estuda o homem e sua ação no tempo. (BLOCH, p. 55, 2002). Esses conceitos, podem ser utilizados para compreender as transformações que vem ocorrendo com a Maçonaria

ao longo do tempo e que estão presentes na atualidade. A pandemia de Covid-19 resultou em muitas transformações na vivência em grupos perante a sociedade, dentre uma delas as reuniões da Maçonaria.

A Maçonaria vem crescendo no mundo digital, pois, com a pandemia de Covid-19, as reuniões começaram a ser realizadas virtualmente. No artigo *Ensino Maçônico a distância: evolução e desafios*, os autores Monteiro e Ismail (2019), mencionam que:

além do apredizado presencial, em Loja ou fora dela, vem crescendo no mundo maçônico a oferta de cursos de Ensino à Distância (EaD), visando maior flexibilidade de datas e horários aos participantes, mitigação de impacto com deslocamentos e redução de custos diversos, permitindo maior alcance com menor esforço. Os cursos a distância podem ser por correspondência, alguns já bastante tradicionais, ou virtuais, oferecendo ou não avaliações e certificação (MONTEIRO; ISMAIL, 2019, p. 65).

Pode-se dizer que com a pandemia de Covid-19 houve uma transformação muito grande na tradição da Maçonaria, que foi a realização de reuniões virtualmente, via uso das Redes Sociais, teleconferências, aplicativos no celular e no computador, como o Skype, Microsoft Teams, Hangouts, WhatsApp Messenger, Facebook Messenger, Viber, JusTalk – Chamadas de vídeo, entre outros. Os autores Monteiro e Ismail (2019), dizem que:

O conhecimento é a busca do maçom. O compartilhamento, a construção e a resignificação desse conhecimento se dão de forma presencial ou a distância. De forma presencial, se dá principalmente em Loja, através da prática do Ritual nas sessões maçônicas, instruções, apresentação de trabalhos e debates, mas também fora da Loja, através de treinamentos ou conferências ministrados formalmente pelas obediências, outros irmãos ou até mesmo por pessoas que não fazem parte da Maçonaria, para trabalhar aspectos de Liderança, Ética, Gestão entre

outros. À distância, de forma remota, esse conhecimento é compartilhado por correspondência ou virtualmente, pela internet (e-learning) (MONTEIRO; ISMAIL, 2019, p. 66).

Atualmente, sabemos que as redes sociais antes da pandemia serviam para a comunicação, entreterimento, trabalho, estudos, etc., porém, a tecnologia e a comunicação estão evoluindo cada vez mais a mais de duas décadas. A geração dos anos 2000, já nasceram implantados neste mundo digital, mas a geração passada da década de 50 ou 60, a tecnologia ainda é considerada uma novidade. Por isto, quando se trata do assunto da Maçonaria Digital, estamos entrando em um mundo novo, uma ilusão praticamente para quem vem de gerações mais antigas, pois, trata-se de uma inovação.

Com a pandemia de Covid-19, mudaram alguns conceitos sobre as reuniões nos grupos da Maçonaria, porque o que antes era realizado presencialmente, agora se faz de forma virtualmente por meio do uso das redes sociais, WhatsApp, Messenger, Instagram, entre outros. Diante deste contexto, a pesquisadora Raquel Recuero (2009), define que a rede social é como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões (interações ou laços sociais) (RECUERO, 2009, p. 24).

O tema abordado sobre redes sociais não é de hoje, já vem sendo desenvolvido desde o início do século XXI. De acordo com Milton Santos (1996), as redes são virtuais, são técnicas sociais, por vezes são estáveis e as vezes dinâmicas, incluem um movimento social de dinâmicas tanto locais quanto globais (SANTOS, 1996, p. 222).

Os dois autores conceituaram que a rede social é algo criado para o uso social, que tem por meio o alcance tanto global quanto local. Percebeu-se que durante a pandemia os grupos da Maçonaria precisaram se reinventar e fazer suas reuniões de forma digital com o uso das redes sociais ou aplicativos próprios de comunicação. Com a pandemia de Covid-19 o mundo todo se conectou usando as redes sociais e graças a esta tecnologia digital as pessoas, as instituições e os grupos passaram a manter as interações e laços sociais interligados via internet.

Com a pandemia houve a necessidade de inovar a forma de fazer reuniões na Maçonaria. A comunicação faz parte da vida humana, é uma necessidade para se expressar. A busca pela disseminação de informação é uma necessidade para se relacionar com o próximo e levou as sociedades humanas promover inovações tecnológicas para que tornassem possíveis esses anseios.

Marteletto (2001), diz que mesmo as redes sociais nascendo em uma esfera informal de relações sociais, os efeitos das redes podem ser percebidos fora do seu espaço, nas interações com o Estado, a sociedade ou outras instituições representativas. (MARTELETO, 2001). Sabemos que o uso das redes sociais são muito importantes, e tornaram-se ainda mais com a pandemia, e a Maçonaria pode se beneficiar com o seu uso, poque estão se preparando para uma nova era.

O mundo mudou com a pandemia de Covid-19, e o mundo da Maçonaria também. Portanto, o uso da tecnologia na maçonaria no período da pandemia trouxe inovações e muitas reinvenções para os grupos maçons, dentre eles o acesso a cursos no EaD e reuniões virtuais, entrando em uma nova era, a da Maçonaria Digital. Ainda como exemplo de que a Maçonaria está ingressando em uma nova era, na era digital, temos a UniCMSB que oferece cursos online.

Estamos inseridos mundialmente em um novo normal, uma espécie de mundo novo, um mundo pós-pandemia, mas que ainda não está tudo ao normal. Em várias partes do mundo a vacina ainda nem chegou ou não alcançou a parcela da população, e que ainda põe a população em risco de contágio de Covid-19. Assim, para acostumarmos com este novo cenário mundial é importante discutir e traçar novas metas na Maçonaria. Os encontros que antes eram presencialmente passaram a ser realizados com aplicativos e ferramentas de teleconferência, e com isso foram realizadas as palestras e as reuniões nos dias e horários em que ocorreriam as sessões presenciais normalmente.

Novos cenários emergem diante da pandemia de Covid-19. A Maçonaria precisou se adaptar e estruturar novos caminhos para que o acesso as reuniões continuassem acontecendo. É notável que os Irmãos estão buscando novas estratégias para esse cenário, no entanto muitas são as dificuldades encontradas. Nesse cenário, a aplicação do uso das tecnologias digitais acentuou-se, visto que, as ferramentas tecnológicas

estão sendo o caminho e a alternativa. As tecnologias digitais têm colocado instáveis as antigas tradições da Maçonaria, o que antes era presencialmente agora estão sendo realizadas virtualmente.

Com a pandemia, foram criados informativos virtuais para o grupo maçom. Dentre estes informativos está o *Astreá: Informativo Virtual do Supremo Conselho*. Segundo este informativo fazem parte do grupo de risco 75% a 80%, portanto, o uso das reuniões virtuais foram benéficas para as reuniões da Maçonaria. Ausência de proximidade física e necessidade de distanciamento, tem feito com que olhamos para os outros como parte de uma mesma humanidade. Ao sair de casa em tempos de pandemia sentimos a necessidade de nos afastarmos uns dos outros pelo risco de contaminação. Por isto, é importante a realização das reuniões virtuais, para que não haja risco de contaminação de Covid-19.

A pandemia fez o mundo todo sentir a falta de algo, trouxe muitos desafios não apenas para a Maçonaria, mas falta de contato próximo com as pessoas foi sentida em todos os setores e grupos sociais. Os Irmãos sentiram a falta de contato próximo, sentiram a falta da Ritualística, da troca de ideias com os Irmãos, instruções do Ritual, Reuniões e Cerimônias, realizar filantropia, Palestras, Seminários e Congressos Maçônicos. O uso mais frequente de contato com outros maçons são via chamadas de telefone, chamadas de vídeo, mensagens de texto, uso de redes sociais (facebook, whastApp, Messenger, Instagram) e aplicativos de reuniões online. O mais utilizado é o telefone e as mensagens de texto.

Segundo uma pesquisa realizada pela UniCMSB Maçonaria Pós-pandemia 57% dos Irmãos não participaram de reunião virtual sendo lives, palestras e apresentações sobre Maçonaria e 43% participaram. Na mesma pesquisa 30,6% opinaram que as reuniões virtualmente devem continuar existindo mesmo após a quarentena e 34,4% opinaram em que as reuniões virtualmente devem existir apenas durante o período da quarentena, 11,1% opinaram dizendo que nunca deveriam existir.

Um dos maiores desafios a serem enfrentados pela Maçonaria quando acabar a quarentena, será a adequação as meios digitais e virtuais, pois, a geração mais antiga sofreu com a nova adaptação, muitos não conhecem as novas tecnologias digitais e tiveram que então buscar conhecer.

A UniCMSB, apresenta a maior biblioteca maçônica digital do mundo, são milhares de arquivos, obras maçônicas clássicas até artigos acadêmicos atuais relacionados a Maçonaria, disponíveis gratuitamente para leitura.

Em agosto de 2020, as atividades presenciais retornaram em alguns locais. O mundo pós-pandemia é um caminho novo em nossas vidas, pois nada no mundo se compara a essa pandemia e aos reflexos dela na vida das nossas famílias. O retorno das reuniões será realizado com segurança, higiene e atendimento aos procedimentos sanitários estabelecidos pelos protocolos de saúde pública.

A Maçonaria sempre foi protagonista das soluções para o desenvolvimento, crescimento e evolução da humanidade. Sobre o filme *Miracle On 34th Stree*, em questão, um senhor é atestado como insano por considerar-se o verdadeiro Papai Noel e uma menininha chamada Susan Walker acredita que aquele senhor de barbas brancas é realmente, o Papai Noel. A trama se desenvolve no sentido de não confrontar a crença da personagem infantil.

Para tanto, aborda-se a análise deste filme para uma comparação da pandemia na atualidade, pois, as reuniões que antes aconteciam de forma presencial, agora acontecem virtualmente, o que antes era algo imaginável de se acontecer e agora acontece. A tradição não pode se perder, deve continuar mesmo com a pandemia, e assim, foi no filme.

A humanidade está superando seus desafios de recuperar a confiança uns nos outros, nas relações sociais, nas relações profissionais, nas relações de amizade, etc. Esse é um novo recomeço para a Maçonaria que para existir reclama a essencialidade insubstituível da presença física e da partilha essencial e simultânea do mesmo espaço e do mesmo tempo. Será o momento de protagonizar uma nova história na comunidade com a qual estamos estabelecidos. Como nossos Irmãos do passado sempre fizeram, liderando o processo de mudança.

O que mudará na Maçonaria após a pandemia? Não vai mudar nada. E o Maçom, mudará? Sim. Mudaram no passado os Irmãos que vivenciaram as Grandes Guerras, os conflitos regionais, as pandemias anteriores, as ditaduras e todas as adequações que a vida cotidiana exige. O Covid-19 é o alimento maçônico, que pode

acelerar o ato de “esculpir-se”. É deplorável que seja preciso o “caos” para compreendermos a “ordem”.

Estamos vivendo um processo de mudança, um processo de adaptação, um processo de inovação, um mundo novo, com comportamentos diferenciados na questão social, reflexão sobre atitudes tomadas a respeito do convívio social.

A falta de reuniões e outras atividades maçônicas desencadeará em uma redução da satisfação, do envolvimento e do comprometimento. E a consequência disso será um maior absenteísmo e uma maior evasão quando do retorno dos trabalhos maçônicos pós-pandemia.

Haverá um tempo em que as Lojas estarão em funcionamento pleno e harmônico com esta nova tecnologia e nossas reuniões serão plenas, atrativas e muito mais proveitosas, unindo enfim a tradição com a normalidade. E assim, finalmente, estará tudo justo e perfeito.

Creio fielmente que um dia, esta será a nossa realidade. A atual pandemia e o reflexos do distanciamento social sobre as organizações maçônicas têm imposto a realidade e necessidade aos olhos de quem quiser ver. Afinal como escrevi no título deste artigo, **DE ILUSÃO TAMBÉM SE VIVE**.

Referências Bibliográficas

ABCHAO, O. **O Supremo Conselho e a Pandemia do Covid-19**. Informativo Virtual Astréa News, Rio de Janeiro, n°. 113, p. 02-09, Mai/2020.

ARNAUT, A. **Introdução à Maçonaria**. 1. ed. – Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MARTELETO, R. M. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação**. Ci. Inf., V.30, n°.1, Brasília, jan/abr, 2001.

MONTEIRO, R. C., ISMAIL, K. **Ensino Maçônico a Distância: evolução e desafios**. **Revista, Ciência e Maçonaria**, Brasília, Vol. 6, n°.1, p. 65-70, jan/jun, 2019.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre. Sulina, 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DO EGO AO LEGO: Meu Irmão, como tal, me reconecta

Luciano Alves da Silva¹

1. Introdução

O *Lockdown* interrompeu a rotina de ritualísticas e convivências dos Obreiros nos templos maçônicos. A pandemia mundial decorrente do coronavírus afetou a todos, em maior ou menor grau. Subitamente, tivemos que reconfigurar a vida financeira, familiar, social. Não raro, muitos tiveram também reviradas as saúdes física, mental e até a espiritual. Tudo isso, somado ao distanciamento imposto e a virtualização das relações, fez com que a parte que retorna pós-pandemia pode não é a mesma que saiu. Noutro dizer, o Obreiro de ontem não mais será o Obreiro de amanhã.

Com isso, cada Oficina, como um quebra-cabeças, é desafiada a se remontar e reconectar num momento pós-pandêmico, numa nova egrégora, formada por peças unitárias alteradas por crises de toda espécie.

Lado outro, as possibilidades de expressão maçônica alçaram proporções inimagináveis. É notório que estudos, palestras, decisões administrativas, consultas e diversas outras pautas passaram a ocorrer pela via tecnológica. Um arsenal de novas ferramentas instou o Obreiro à adaptação da fala pelas vias das redes sociais e pelos aplicativos de reuniões virtuais.

Todavia, essa ampliação açodada de recursos não é garantia de qualidade na escuta do lado oposto. Se os potenciais comunicativos de cada Obreiro se expandiram de um lado, noutro ângulo, a capacidade de escuta foi desafiada na mesma medida.

¹ Luciano Alves da Silva – Placet: 31.436 – M.M. da A.R.L.S. Jacques DeMolay nº 22 da GLMMG. email: gotoluciano@gmail.com

Dois aspectos emergem desse contexto. De um lado, está o Irmão dotado de maiores recursos de expressividade. Por outro, suas demandas pessoais foram reconfiguradas pela crise, em maior ou menor grau, a depender de cada caso específico.

Metaforicamente, se as peças de um brinquedo ficaram alteradas quando separadas do todo, por certo, o conjunto final a ser formado posteriormente também será diferente. Para as Oficinas, cada qual com sua particularidade e autonomia, não se pode cravar qual será esse “novo todo”.

Como fator geral, todavia, é imperioso reconhecer que, no turbilhão da velocidade virtual, com tantas manifestações de opiniões e convicções expostas, tem o Iniciado o dever de desacelerar, prestar atenção e identificar os desafios de um futuro cada vez mais complexo e imprevisível.

Este trabalho espousa a tese de que a qualidade da maçonaria pós-pandêmica depende diretamente da competência de escuta individual e coletiva. Para tanto, recorre ao potencial ímpar do Iniciado de acessar o simbólico. A Oficina, como um Lego, foi desmontada pelo *Lockdown*, em razão da pandemia mundial. Nessa interrupção, muitas de suas peças unitárias se adaptaram ao novo cenário, outras, infelizmente restaram perdidas. Urge então reconectar tantas partes alteradas. Para essa empreitada, aproveita-se da “Teoria U”², de Otto Scharmer (2020), em cotejo com o amplo cabedal de recursos de transformação humana, oferecidos pela Sublime Ordem.

No meio virtual, o ego se arvora em se mostrar de variadas formas e mídias, afastando o indivíduo de sua essência. A exposição constante de nossas opiniões, posições e convicções pela via virtual traz consigo o risco de atuarmos em sociedade somente pela nossa face convexa. Deve o Iniciado ser capaz de transcender a esses impulsos, para ofertar seu lado côncavo. A empatia e o acolhimento, físico ou virtual, pode reconectar, pela escuta, o Irmão impactado pelas crises sanitária, financeira, social, familiar e até espiritual.

² Scharmer, Otto. **O Essencial da Teoria U – Princípios e aplicações fundamentais**. 1ª Edição. Curitiba: Editora Voo. 2020.n.p.

Isso porque as Escolas Iniciáticas são espaços históricos de entrega e de entendimento. Nelas se consagrou o triângulo “mestre-palavra-aprendiz” ou “emissor-fala-receptor”. O encaixe entre o côncavo e o convexo de duas peças individuais é amalgamado pela confiança, para, ao final, formar um coletivo justo e perfeito.

Por pressuposto lógico, a escuta maçônica de vanguarda nada mais representa do que um retorno à gênese das antigas Escolas de Mistérios, qual seja, abrir aos Iniciados as portas da percepção e da visão integral do mundo que os cerca.

Ocorre que o individualismo e o fanatismo também se revelam nas redes, o que pode ter sido potencializado pelos efeitos do isolamento social e dos momentos de incerteza que a humanidade atravessa. Novos problemas exigem então novas soluções. Como um Lego desmontado e perdido no chão da sala, há Oficinas a serem remontadas a partir de potenciais humanos imanentes no Iniciado. Questiona-se então como dar conta dessa reconstrução.

Este trabalho aposta num recurso simples, mas crucial à coexistência humana, ou seja, nas crises, é pela escuta que meu Irmão, como tal, me reconecta.

2. Oficinas Desmontadas

2.1. O Grande Geômetra em tudo se manifesta.

Carl G. Jung (2016) reconheceu que costumamos resistir ao desconhecido. O “misoneísmo”³ é o medo profundo e supersticioso do novo. Perante mudanças desagradáveis, o inconsciente ergue barreiras à inovação e aos novos cenários. É exatamente esse o contexto das medidas imperativas e urgentes, necessárias para o enfrentamento da pandemia mundial: tudo é muito novo, imperativo e desagradável.

³ JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 3ª Ed. Especial. Rio de Janeiro. Editora Harper Collins Brasil. 2016. p. 31.

Na tentativa de evitar o novo, inconscientemente geramos uma profusão de imagens e impressões temporariamente ocultas, mas que perturbam nossa atenção. Esse estado de negação das mudanças entorpece os sentidos e, para Jung, também impede o autoconhecimento: *“um homem desatento ou ‘distráido’ pode atravessar uma sala para buscar alguma coisa. Ele para, parecendo perplexo; esqueceu o que buscava”*⁴.

A referida sala é o próprio mundo perceptível, enquanto nós, perplexos, tentamos tudo compreender. A única chance desse *“homem distraído”* lembrar do seu objetivo principal é encarar seus medos e tatear aleatoriamente pelos objetos da sala, na esperança de um *insight* qualquer. É o inconsciente tentando guiar o homem em sua busca.

Alguns, todavia, são dotados de recursos interpretativos para acessar o *“interior do seu interior”* (V.I.T.R.I.O.L.). Esses buscadores de sentido se atualizam constantemente, acessando outros níveis conscienciais pela via do simbólico. Nessa missão, um simples contato com um símbolo tem o poder de reativar imagens oníricas enterradas no profundo inconsciente. São gatilhos simples que fazem emergir pensamentos aparentemente novos.

A dialética entre o homem e o objeto rompe os limites de tempo e espaço, reativando um *“motor interpretativo”*, imanente em cada um que busca sua transcendência. Mesmo atuando esse poderoso *software evolutivo* em segundo plano, no inconsciente, é preciso respeitá-lo e dar-lhe vazão. Como pontua Orlandi (1996), *“o homem não pode, assim, evitar a interpretação, ou ser indiferente a ela. Mesmo que ele nem perceba que está interpretando – e como está interpretando – é esse um trabalho contínuo na sua relação com o simbólico”*.

Ante o símbolo, buscamos recursos para atingir o sentido e o alcance da nova realidade que se impõe para depois agir. Noutro dizer, as pedras que se entregam ao golpe do cinzel estão, de certa forma, *“condenadas a significar”*. Dessa forma, o Iniciado está apto a produzir e atribuir sentidos. Sua missão, entre tantas outras, é interpretar.

⁴ JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 3ª Ed. Especial. Rio de Janeiro. Editora Harper Collins Brasil. 2016. p. 35.

O símbolo, quando mais sentido que racionalizado, aponta para o Sagrado. Se o Iniciado expande coração, mente e vontade, seu templo interior também se amplia. Nessa expansão, o próprio mundo é uma estrada, percorrida pela interpretação, mas sinalizada pelo simbólico. Onde quer que esteja sua atenção, ali o Iniciado reconhece que o Grande Geômetra em tudo se manifesta e, por reflexo, sua Geometria Sagrada também.

Logo, até mesmo um brinquedo, um Lego desmontado no meio da sala, pode denotar prováveis saídas desse entorpecimento de estímulos virtuais e da perplexidade quanto às novas formas de interação humana decorrente da pandemia mundial.

2.2. O Virtual e o V.I.T.R.I.O.L.

O *Lockdown* trancou as portas do Templo. O súbito distanciamento social imprimiu mudanças nas formas de nos comunicarmos. Sem pausas, nosso “templo interior” nunca foi tão exigido. A adaptação simultânea aos novos cuidados de proteção de nossas famílias, às novas formas de trabalho, de recreação e de comunicação não é tarefa simples.

Não raro, emergências contingenciais de toda espécie impediram uma melhor preparação desse templo interior. Pode faltar-lhe o Guardião, a impedir a entrada dos pensamentos profanos. Se ausentes os Vigilantes, não há chamamento sadio, ora ao trabalho, ora à recreação. Nessa oficina mental de urgência, pode não haver um Venerável Mestre a me conceder o momento adequado à palavra. A fala pode até ficar mesmo descuidada, ao sabor das polaridades e dualidades do mundo. Sem saber se é meio-dia ou meia-noite, o virtual nos seduz, retira-nos a noção de tempo e de espaço. As dimensões de casa e de trabalho, de ofício e de repouso fundiram-se, dificultando, por reflexo, o crivo para discernir também o que é virtude e o que é vício.

Fechados os Templos, abriram-se os aplicativos.

Essa fatura de meios comunicativos facilitou também navegações aleatórias e paralelas ao cumprimento de nossos deveres. Tal desafio, por certo, não surgiu com a pandemia, mas com ela foi potencializado. Muitas vezes, nem mais navegação é, mas sucessivos naufrágios, num

mar de estímulos audiovisuais. O Irmão sem diligência digital pode virar nau sem rumo, ao sabor das marés das polarizações, dualidades e polêmicas inúteis. Envolvidos no fetiche da velocidade, esse “*homem distraído*” de Jung esquece o que procurava, não percebendo que mergulhou numa inércia improdutiva e procrastinadora.

O poder de compartilhar as experiências alheias aumentou exponencialmente. Todavia, Harari (2018) preconiza que, “*talvez, as pessoas precisem mesmo é de ferramentas para se conectarem com suas próprias experiências*”⁵.

Mesmo quando a navegação vira naufrágio, o símbolo não desaparece. Está ele sempre ali, à nossa frente, como um colete salva-vidas a socorrer o naufrago.

Noutro ângulo, as incertezas e as tensões decorrentes da pandemia elevaram a “Era dos Extremos” à sua última potência. A escuta regrediu ao nível medieval, ou seja, cada qual anseia por reconfirmações de suas próprias convicções. Essa escuta apressada e egóica é desagregadora, fecha mentes e corações e é classificada pela “Teoria U” como de nível primário.

Soma-se ainda a virtualização das relações e nosso lado convexo tende a se manifestar pela via das opiniões de toda ordem. Política, religião, estratégias de prevenção e combate ao vírus e tantos outros temas que tomaram conta das nossas *timelines* fazem desse “*homem distraído*” uma presa fácil para os algoritmos que o cerca enquanto navega ou naufraga pela internet.

Se nenhuma parte oferta seu lado côncavo, não há escuta, não há reconexão. O *Lockdown* interrompeu o convívio físico e o posicionamento funcional “em Loja” e as “peças restaram espalhadas pela sala (ou pelo mundo). O risco de polarizações paralisantes é enorme, induzindo cada um a revelar de forma açodada sua face convexa, esperando que o “outro” se adapte às suas convicções.

Nesse contexto, todos falam, mas ninguém ouve. Por reflexo, nenhum conjunto se ergue, nenhuma Oficina se perfaz justa e perfeita.

⁵ HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. 1ª Edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2018. p. 120.

Sem o providencial V.I.T.R.I.O.L., o virtual nos apressa. Sem desacelerar, “*passamos*” pelo outro sem qualquer empatia e, desatentos, nada mais se encaixa.

3. Peças presentes, peças ausentes.

Como água invadindo um barco furado, a tecnologia adentrou em nossas vidas. A evolução tecnologia nos obriga a lidar com ela enquanto seu ritmo de inundação acelera cada dia mais. Soluções passadas já não garantem o mesmo êxito ou, pior ainda, podem ser obstáculos para aceitar a realidade que se impõe. Mesmo nessa inundação, é preciso calma para recuperar os sentidos e observar o que emerge e o que ficará submerso. A pandemia também não criou esse desafio, mas diminuiu nosso tempo para reagir adequadamente às mudanças.

As abelhas se organizam em colmeias por uma inteligência coletiva. Entretanto, não mudam rapidamente seu padrão de comunicação e organização assimilados em milhões de anos de exposição ao ambiente.

Já os humanos têm mais recursos nesse aspecto. Nosso campo de possibilidades futuras é proativo e não reativo, como o instinto animal. Aprendemos a nadar enquanto o nível da água sobe cada vez mais rápido. Ao contrário das abelhas, observamos e absorvemos novos ambientes com incrível criatividade, para assim direcionar nossas ações.

Trata-se da comunicação em seu sentido amplo: aprender a partir da ação, dos erros, dos *feedbacks* recebidos. Quanto mais rápido agir, errar e escutar os envolvidos, mais próxima está a solução. Otto Scharmer, em sua “Teoria U”, cunhou a expressão “*presencing*”, como a capacidade humana de sentir imediatamente o próprio presente (*presence + sensing*).

O construtor social, além de estar **presente**, deve **sentir** qual forma de organização melhor servirá ao coletivo transformado pelas crises. Seus sentidos, quando aguçados, qualifica também sua escuta. Noutra dizer, a forma segue a consciência. Com as novas dinâmicas de interação e comunicação, há novas formas de se confundir os vícios e as virtudes.

Já na escala planetária, a pandemia do coronavírus se antecede a outras tragédias, que podem vir a ser tão ou mais impactantes que a atual. Crises econômicas costumam acelerar abismos sociais. Negócios se fecham, uniões se dissolvem, irmãos adormecem. Por via de consequência, os abismos espirituais também se aprofundam.

A assustadora previsão da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2004) é a de que os transtornos depressivos assumam a primeira posição do *ranking* das patologias até 2030. Antes da pandemia, eram estimados 800.000 suicídios por ano no globo⁶. Noutro dizer, já ocorria um autoextermínio a cada quarenta segundos. Como estarão esses números no mundo pós-coronavírus, com tantas crises deflagradas? Quantos próximos de nós, infelizmente, engrossarão essas estatísticas?

Na sociedade do desempenho, a empatia foi atropelada pela performance. Nossa atenção se dissipa facilmente, com tantas solicitações materiais. As notificações nos atropelam, seja pela via dos *smarthphones*, dos *tablets* ou dos *notebooks*. Isso sem falar das “notificações” em nosso próprio âmbito familiar, a nos lembrar de posturas básicas que, por descuido ou distração, foram esquecidas. Insta ressaltar que não há aqui nenhuma demonização da tecnologia. Deve-se ter apenas a noção de que seu mau uso pode drenar toda nossa atenção e energia.

Como presságios de uma crise de saúde mental que se avizinha, mais mentes e corações estão se fechando. Provocar reaberturas é ousar reaprender a escutar e, pela escuta, abraçar o outro, de forma verdadeiramente tríplice e fraternal.

Quanto menos oferecemos essa escuta qualificada, mais difícil fica a reconexão. E não havendo encaixes de qualidade, aumentam-se as chances de se perder mais importantes partes, espalhadas por essa grande sala que temporariamente ocupamos e que chamamos de Planeta Terra. Com mais peças ausentes, aumenta o desafio de remontar Oficinas.

⁶ WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global burden disease report**. Geneva: WHO, 2004.

4. O Irmão que se expande para o futuro que emerge

Com o mundo focado em ferramentas que nos deixam mais rápidos, mais úteis, mais funcionais, a visão do que seja valor humano se confunde com o imediatismo e o individualismo. O desencantamento com o mundo é reflexo de uma crise simbólica que se instaurou antes mesmo da pandemia, mas que agora é mais perceptível.

A hipertrofia do que é veloz, útil e lucrativo, ocultou mais ainda o que é de fato importante. Se o Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupery alertou que *“o essencial é invisível aos olhos”*, ciente deve estar o Iniciado de que o Sagrado é invisível aos que dormem. Quem desperta sai da crise simbólica, sente as demandas alheias e, pela escuta, reconecta o outro para se expandir a partir do futuro que emerge.

Consideremos então as fases da “Teoria U”, em cotejo com o manancial de possibilidades que nos é ofertado pela Sublime Ordem, para cruzar essa *via crucis* do adormecimento ao despertar.

4.1. Reconfirmação

O virtual nos expõe às assombrosas estratégias de sugestões de conteúdo e de consumo dos algoritmos. Os grandes grupos tecnológicos, as chamadas *“Big Techs”* valem-se das inteligências artificiais cada dia mais eficientes em nos sugerir o que devemos comprar, assistir, ouvir, pensar, acreditar e opinar.

Essa navegação passiva nos induz à simples reconfirmação de nossas supostas convicções. Nada de dissonante entra nessas bolhas sociais, cada vez mais fechadas numa zona de conforto intelectual e emocional. As dualidades do mundo ressoam em nós ruídos binários, dúbios e polarizados; reduz nosso senso crítico e abafa nossa escuta.

O viés de confirmação é como um sofá confortável que nos impede de sair da inércia mental. Como não querer que todos se encaixem em nossas narrativas e perspectivas? Nessa ilusão, acreditamos que até um relógio parado esteja certo, nem que seja duas vezes ao dia.

Uma peça inerte, com sua face convexa sempre voltada para cima, ou seja, seus pré-julgamentos e preconceitos, afasta-se cada dia mais da coexistência e do Sagrado. Seu desencantamento com o mundo implode o seu templo interior. Com a interpretação limitada e os sentidos embotados, quase nada percebe do que ocorre à sua volta.

“Como você está?”

“Estou bem.”

Quando tal interação mínima é cristalizada em Loja, confirma-se um padrão dominante de conversação, indicando que ali não é o lugar para falar sobre o que realmente está acontecendo. Trata-se da conformação à uma linguagem condicionada, consolidada desde quando crianças somos induzidos a responder o que o professor quer ouvir. Sem a devida atenção, somente há ouvidos para nossas escutas reconfirmatórias. Talvez a boca articule *“estou bem”*, quando o íntimo clama urgentemente: *“estou prestes a desistir de tudo”*.

Sem empatia, é impossível perceber as nuances da coexistência.

Desatentos, estamos mais ausentes que presentes.

4.2. Escuta factual

Sair da inércia é ampliar nossa visão de mundo. É se posicionar no côncavo ou, metaforicamente, postar-se como um “U”, tal qual peça perfilada, aberta a informações que não se encaixem de imediato em nossas convicções. Nessa virada linguístico-pragmática, tão defendida por Habermas, instaura-se o debate, mesmo que num primeiro momento a meta egoísta seja apenas *“trocar ideias para convencer o outro”*. Suspende o julgamento é o primeiro golpe do cinzel a lapidar os canais da escuta petrificada.

De forma tímida, passamos a notar os fatos e acolher informações não confirmadoras. A atenção vai para além das narrativas, aproximando-se um pouco mais das reais demandas do outro. É a consciência começando a retornar à nossa casa mental, revirada pela crise simbólica, ampliada pelas demais crises decorrentes da pandemia mundial.

“Como você está?”

“Estou péssimo.”

Como se vê, nesse momento já há um desconforto inicial. Há disposição no indivíduo de sugerir um ponto de vista diferente, nascido de uma insatisfação que o afeta. Inaugura-se aqui um processo de discutir ideias diferentes. Há indícios de que uma antítese exterior confronta nossa tese. Isso não significa que já podemos produzir de imediato uma síntese para a superação dos obstáculos. Mas, pelo menos, há suspensão temporária de um ponto de vista para exame das suposições do outro.

Para avançar, deve-se suspender mais ainda nossos julgamentos e preconceitos, em prol de uma empatia que exige mais ainda nossa atenção.

4.3. *Presenciar e sentir*

Descendo até o vale desse “U”, atingimos a **presença** e o **sentir** simultâneos. O **presencing** que Otto Scharmer descreve em sua teoria é uma espécie de V.I.T.R.I.O.L. coletivo, tendente a abrir em grupo as portas da percepção. Nesse momento, ninguém mais pode ser reduzido às suas opiniões, posições e convicções. No ambiente adequado, o julgamento se dissipa.

Na profundidade dessa câmara de reflexões, deixamos o antigo ir.

Sem julgamentos condicionados pelo passado, cada vez mais leves, conseguimos aceitar o novo e o futuro que emerge. Dói mortalmente reconhecer nossa pequenez perante mistérios insondáveis. Mas é nessa “quase morte” que o Iniciado se integra às ferramentas que empunha. Simbolicamente, é o mesmo que aceitar que ele próprio nem existe mais, sendo apenas uma ferramenta do Grande Arquiteto.

“Como você está?”

“Não tenho certeza, mas como vai você, meu Irmão?”

“Também não tenho certeza. Essa crise me deixou muito desconfortável”

Percebe-se que, sem os pensamentos condicionantes que obstruem a mente, nossa atenção está no presente. Já é possível sentir

a dor alheia, ouvir os medos, angústias e incertezas do outro. Com mais compaixão e generosidade, novas pautas se abrem, aumentando as chances de reconectar outras peças dentro da Oficina. Para a remontagem do conjunto, para essa jornada “do Ego ao Lego”, os manuais passam a nos revelar infinitas possibilidades de crescimento.

Trata-se da capacidade estar no presente, para sentir o que realmente ocorre.

4.4. Escuta empática

Desenvolvida a empatia, ficaram para trás as posturas defensivas de reconfirmação e de debate raso. Quem está presente presta atenção. Ao prestar atenção a algo, esse algo emerge. Com visão, escuta e, principalmente, intenção, a próxima fase é o sincero diálogo, onde as vivências e os saberes se misturam.

“Como você está?”

“Não tenho certeza, mas como vai você, meu Irmão?”

“Também não tenho certeza. Essa crise me deixou muito desconfortável.”

“Ah, sério? Fale-me mais sobre isso. O que está acontecendo?”

É perceptível que aqui as barreiras individuais se desmoronam.

No diálogo, do grego *dia* (através) e *logos* (significado), os significados individuais se permeiam, gerando identidade entre os falantes. Nasce uma noção de integração ao espaço em que foi possível avançar até esse ponto. Começa-se a se suprir, pois, uma das maiores necessidades humanas: *o pertencimento*.

Superadas as dualidades ilusórias e com a percepção de que há o “outro”, fica mais claro sentir que todos pertencem à Unidade, tal como gravado nos Livros Sagrados e cravado na Tábua de Esmeraldas: *“E assim, como todas as coisas vieram do Um, assim todas as coisas são únicas, por adaptação”*.

Na escuta empática, o diálogo flui pautado na entrega e na confiança. A partir dessa integração profunda uma visualização coletiva

pode se adiantar e acontecer a partir do campo futuro. Quando as partes estão conectadas, a vontade é ampliada e a ação é tomada com base no real, e não mais no que fomos induzidos a pensar.

Com um conjunto remontado e conectado pela escuta, a Oficina já se pode vislumbrar uma presença coletiva capaz de agir a partir do próprio futuro que emerge.

4.5. Escuta generativa

Pela evolução descrita até aqui, falantes e ouvintes já avançaram bastante na eficiência em se comunicarem, afastando-se do adormecimento inicial. No entanto, para a completude desse “U”, o limiar das individualidades já tangencia uma conexão ainda maior.

A presença coletiva é empreitada difícil de ser conquistada. Todavia, é nela que ocorrem as conversas generativas. É desse tipo de integração que nascem as novas ideias, novos projetos, impulsionados por adesões sinceras e energias estimulantes.

Essa é a lógica dos grupos que agem em uníssono.

São coletivos assim que materializam a própria Vanguarda, dando a impressão de que atuam em outro plano de realidade. Oficinas em tal nível de entrosamento é como conjunto musical no qual seus integrantes ouvem a si mesmos, ao mesmo tempo em que ouvem a performance coletiva e o *feedback* do público a que serve. No caso da Sublime Ordem, servimos à própria sociedade.

Na escuta generativa, atinge-se uma espécie de *fluxo*. Uma usina de ideias é acionada em nível profundo, a partir das sincronidades. Nessa catarse coletiva, há relatos de sensação de desaceleração do tempo e expansão do espaço. A individualidade se dilui no grupo, num grau de pertencimento máximo. Nasce a oportunidade ideal para que as propostas e ações sejam a própria experiência de plenitude.

Nesse pensar e agir coletivo, todas as artes reais se manifestam, pois as barreiras individuais se esfacelaram. O usual “*como vai você?*” já abre, por si só, canais de empatia em nível profundo. Isso somente

foi possível porque os indivíduos se permitiram entrar antes numa “*quietude intencional*”, para depois abrirem suas consciências, com vistas a uma coexistência descentralizada.

Nesse estágio, vislumbra-se a Unidade no próprio Irmão, visto agora como um ângulo sagrado e concêntrico da mesma Arquitetura Divina. Quantos pontos poderiam estar dentro do Círculo? É nesse momento de suspensão que uma visão profética de nosso Patrono nos arrebatava: “*é necessário que eu diminua, para que ele cresça*” (João, 3:30)

Quando a Unidade se instala, é comum atletas ou músicos relatarem que nem se sentiam mais em estado de competição ou de apresentação perante um grande público. O lendário jogador de basquete Bill Russell, ídolo do Boston Celtics, testemunha: “*Durante esses mágicos encantos, eu quase podia sentir como a próxima jogada se desenvolveria e onde o próximo lance aconteceria. (...) Minhas premonições eram consistentemente corretas, e eu sempre sentia que conhecia não apenas todos os Celtics, mas também todos os jogadores adversários e que todos me conheciam*”⁷.

Nesses momentos de conexão profunda, os sonhos e os projetos individuais e coletivos se mesclam, sendo raro alguém dizer “*essa ideia é minha*”. Nesse nível consciencial, além de mentes e corações, a vontade também se abre.

Especula-se os graus de sabedoria, força e beleza que podem atingir conjuntos que desenvolveram tal nível de entrosamento. Numa Oficina remontada pela escuta generativa, suas colunas são inquebrantáveis; sua egrégora é inexpugnável.

5. A peça que se fecha no passado.

Não se pode perder de vista, todavia, que essa evolução não se realiza uniformemente, sem grandes percalços pelo caminho. O ambiente ideal que foi delineado demanda energia, tempo e comprometimento.

⁷ SCHARMER, Otto. **O Essencial da Teoria U – Princípios e aplicações fundamentais**. 1ª Edição. Curitiba: Editora Voo. 2020. n.p.

Como obstáculo maior, vivemos em uma modernidade focada na performance, no resultado. A razão imediatista, quando hipertrofiada, oculta as emoções e atrasa o acesso ao simbólico, ao Sagrado.

Com a consciência rasa, estamos cegos para o outro e resistentes ao novo. Sem o despertar, não se vislumbra o que está além das aparências. Noutra dizer, na crise simbólica, não se acessa a própria essência, quiçá a do Irmão que nos é próximo. Estamos então fechados no passado.

Não obstante nossos atrasos, a evolução planetária segue seu curso. Por mais contraditório que isso possa parecer, caminhamos errantemente para a perfeição, para a compreensão da Grande Arquitetura. No desafio constante de deixar o passado ir, é preciso lutar por melhores hábitos, manifestados pelo conjunto dos nossos pensamentos, palavras e ações.

Se Sagrada é a Geometria, o futuro que emerge também é geométrico.

Ver a forma sublime do que está por vir é estar presente, sentir e prestar atenção. Ao fugir do cinzel, a pedra bruta permanece desencantada com o mundo. Ao contemplarmos somente o distópico, nossa reação é instintiva é a de reclamar e, por reflexo, nada ofertar ao coletivo.

Virar esse jogo é desafiador, já que nossa pedra bruta não se dá conta das lentes pessimistas que carregamos, deformando nossa visão sobre a realidade. É preciso coragem para levantar esse véu ilusório, pois, como destacou Scharmer: *“a forma segue a consciência”*.

Quem não se atualiza não se realiza num mundo em constante evolução. A despeito disso, o “Rio da Vida” segue seu curso, sendo inútil fazer dele represa. Uma peça imóvel, um “U invertido”, que oferta apenas sua face convexa, esperando por reconfirmações de suas posições, opiniões e convicções é presa fácil da dúvida, do binário sedutor. Sem acesso ao simbólico, essa peça segue como amante das dualidades, refém da inércia, sob o jugo das Tiránias.

É sensato afirmar que ninguém muda ninguém. Sensatez maior ainda é reconhecer que ninguém muda sozinho. Perder a oportunidade

de escutar o outro e afastar-se dos maiores preceitos maçônicos. O Iniciado não pode se contentar em resumir o outro, partindo apenas de suas opiniões. Deve ele procurar a visão integral do indivíduo, exatamente em oposição aos relacionamentos on-line induzidos pelas redes sociais.

A pedra polida deve resistir à modernidade líquida descrita por Zygmunt Bauman. Nesse viés, as empresas de tecnologia como, definiu Harari (2018), *“tendem a ver os humanos como ‘animais audiovisuais’ – um par de olhos e um par de orelhas conectados a dez dedos, uma tela e um cartão de crédito”*⁸.

O desperto é capaz de identificar essa *“paralisia disfarçada de velocidade”*. Antes de conhecer vários lugares, o Iniciado sabe que deve conhecer primeiro o lugar do outro. Entre navegar e naufragar, ele sente que o símbolo está ali, ao seu alcance interpretativo. É o seu colete salva-vidas perante a liquidez das relações.

A voz do julgamento é insistente e, por isso, é a primeira inimiga da escuta.

Imperando a postura julgadora, passamos a procurar por culpados, agimos reativamente, engrossando as fileiras do fanatismo, grande oponente da empatia. *“O inferno são os outros”*, como ironizou Sartre na peça *“Entre Quadro Paredes”*.

Insistir na escuta reconfirmatória é deixar vencer o profano, do latim, *profanus*, aquele em frente ao Sagrado, mas nele não adentra. É o velho que resiste em não morrer simbolicamente e, com isso, nunca renasce. *“Odre velho não aceita vinho novo”* (Lucas 5:39).

Uma mente fechada nada vê, nada escuta. A Ignorância é fruto do seu viés de confirmação cristalizado. A peça que não se movimenta, nem busca adaptação, deixa seu lado convexo ancorado à sua visão de mundo. Enquanto a sociedade se transforma dela o inerte se ausenta cada dia mais.

A pedra que foge do cinzel evolutivo permanece bruta. Por espelhamento, a peça que foge do encaixe se distancia do conjunto, ficando perdida na sala.

⁸ HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. 1ª Edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2018. p. 123.

6. Nas crises e pela escuta, M.I.C.T.M.R.

Questiona-se os rumos da Sublime Ordem quando a crise do coronavírus passar.

Nessa reflexão, arriscar análises preditivas pós-pandêmicas durante a própria tempestade é pisar no terreno traiçoeiro da adivinhação. Por outro lado, aguardar passivamente o desfecho dos acontecimentos, sem nada contribuir, é abraçar a omissão. Resta admitir que, ao *“homem distraído”* de Jung, não foi dado o dom de prever o futuro.

Para não cair nas valas da *“futuurologia”* ou da inércia de um passado romantizado que não nos serve mais, é imperativo estar presente e sentir a realidade que se impõe.

Pelo esforço do *presenciamento* e da atenção qualificada é que se torna possível pensar que futuro podemos criar, de qual ambiente queremos fazer parte.

A crise, de uma forma ou de outra, afetou a todos e as partes podem não ser mais as mesmas ao fim da tempestade, seja na dimensão econômica, social, familiar ou espiritual.

Para tanto, alçamos como medida urgente a reconexão entre Irmãos.

Não se defendeu aqui uma demonização dos meios tecnológicos. Assentamos posição de que a tecnologia é apenas uma ferramenta e, como tal, pode construir ou destruir, conforme a intenção de quem a maneja.

Também não se afirmou que a pandemia mundial prejudica a relação homem-máquina, mas estreitou muito essa dinâmica, dificultando a todos desacelerar, respirar e entrar em *“inquiétude voluntária”*.

A tese aqui esposada foi a de que a mente só se abre a partir da coragem de suspender os velhos hábitos de julgamento. Já o coração, depende da empatia, que nos coloca no lugar do outro. Por fim, tem vontade aberta aquele se colocou nessa *“inquiétude intencional”*, própria do comando do V.I.T.R.I.O.L., que deixa ir o antigo e deixa vir o novo.

Com a mente, coração e vontade abertas, cada um é capaz de se atualizar e de se realizar pelo outro, coletivamente. Desperto é aquele que não mais teme o futuro.

A História demonstra que as crises ampliaram os abismos dentro da espécie humana. O distanciamento imposto pela pandemia aprofundou essas diferenças, ultrapassando a questão financeira, invadindo também as dimensões familiar, social e espiritual. Podemos criar e distribuir vacinas contra diversos patógenos, mas nenhuma que nos previna dos efeitos devastadores do egoísmo, do individualismo e do imediatismo.

A tempestade sanitária passará, aumentando nossa confiança na ciência. Todavia, como alerta Harari (2020), *“ainda precisamos suportar o fardo de lidar com nossa mortalidade, nossa transitoriedade como indivíduos”*⁹. Há crises decorrentes de outras crises e, nesse ponto, o historiador e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém completa: *“Médicos não podem resolver por nós o enigma da existência. O que de fato podem é nos proporcionar um pouco mais de tempo para debatê-lo. O que fazemos com esse tempo fica por nossa conta”*¹⁰.

Para o lindeiro maçônico, urge reconstruir um ambiente sadio de confiança, onde nele vai se capacitar na competência de mergulhar no dilema, no problema e na loucura do outro.

Nos reconectamos mais uns aos outros exatamente nos momentos extremos, como os de tragédias, guerras e pandemias mundiais. Que sejamos, pois, como *Forrest Gump*, que carrega seu amigo *Bubba*, ferido de morte e apavorado, sob intenso bombardeio, prontos a olhar nos olhos e a ouvir com compaixão seu último desejo: *“eu só quero voltar pra casa”*.

*Não há motivos, pois, para desânimo. Nesse aspecto, Jung (2016) tranquiliza ao afirmar que “a consciência é uma aquisição muito recente da natureza e ainda está num estágio ‘experimental”*¹¹. De fato, nossa

⁹ HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus**. 1ª Edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2020. p.56.

¹⁰ HARARI, Yuval Noah. NOTAS SOBRE A PANDEMIA: E BREVES LIÇÕES PARA O MUNDO PÓS-CORONAVÍRUS. 1ª Edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2020. p.57.

¹¹ JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 3ª Ed. Especial. Rio de Janeiro. Editora Harper Collins Brasil. 2016. p. 23

consciência ainda não vislumbra seu próprio horizonte de possibilidades. Como fixou Harari (2016), “falhamos ao não perceber que estamos vivendo em uma pequena ilha de consciência num oceano gigantesco de estados mentais que nos são estranhos”¹².

Para tão nobre função desbravadora, há no mundo seres capazes de interpretar melhor a realidade que os cerca. Há indivíduos que percebem o abismo e, a partir dele, fazem-se ainda mais presentes. Esses destacados homens transcendem à crise simbólica e ao desencantamento com o mundo.

A Maçonaria é foro de sociabilidade e de grande diversidade sociocultural. Por isso consegue reunir potenciais únicos em benefício da sociedade. Como a existência é cíclica, ainda é de vanguarda a visão de Thomas Smith Webb, no sentido de que a Sublime Ordem pode se firmar “como um espaço de aquisição, compartilhamento e resistência de uma ‘visão integral’ do mundo, reputada como anacrônica pela sociedade contemporânea”¹³ (Webb, 2017).

Como estamos ainda engatinhando nessa seara, não sabemos ao certo que objetivos mentais estabelecer para nós mesmos. Por isso, repetimos, ninguém muda sozinho. Num exercício de alteridade, para que o “eu” exista, é necessário o “outro”. Esse outro deve ser, antes de tudo, ouvido com empatia e amor.

Por fim, um questionamento mais adequado então se revela: quem vai se armar de coragem e empatia e se posicionar na vanguarda, para enfrentar o futuro desafiador? Que peça generosa é essa, capaz de se diminuir para que outra se manifeste? Que ferramenta é essa, que se mantém de pé e à ordem, em prol do coletivo? Qual é a parte côncava, capaz de absorver os ruídos que vem do ego convexo, devolvendo acolhimento e compaixão? Quem é capaz de interpretar o símbolo e dele extrair oportunidades em plena crise? Que ponto de apoio é esse, que se opõe ao descontentamento

¹² HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. 1ª Edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2016. p.356.

¹³ WEBB, Thomas Smith. **O Monitor dos Franco-Maçons. Ilustrações da Maçonaria**. 1ª Edição. Salvador: Curtipiu Publicações. p.18.

geral e mundano, fazendo-se luz nesse obscuro primeiro quarto de século? Qual é a peça que, para além do vírus, da ansiedade, do fanatismo e do julgamento, anseia pela integração de todas as outras dentro da Arquitetura Sagrada?

É o meu Irmão que, nas crises, pela escuta, me reconecta.

Referências Bibliográficas

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. 1ª Edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2016.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. 1ª Edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus**. 1ª Edição. São Paulo. Companhia das Letras, 2020.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**". 3ª Ed. Especial. Rio de Janeiro. Editora Harper Collins Brasil. 2016.

ORLANDI, E. P. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, Editora Vozes, 1996.

SCHARMER, Otto. **O Essencial da Teoria U – Princípios e aplicações fundamentais**. 1ª Edição. Curitiba: Editora Voo. 2020.

WEBB, Thomas Smith. **O Monitor dos Franco-Maçons. Ilustrações da Maçonaria**. 1ª Edição. Salvador: Curtipiu Publicações.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Global burden disease report. Geneva: WHO, 2004.

MAÇONARIA PÓS-PANDEMIA: O copo está meio cheio ou meio vazio?

Ivan A. Pinheiro¹

1. Introdução

O tema estabelecido pela Comissão Organizadora do Certame CMSB-2021, Maçonaria Pós-Pandemia, é demasiado amplo e pode ser abordado a partir de diversas perspectivas: a das Lojas, a das Potências aglutinadoras, o comportamento e a interação dos Irmãos, entre outras. Para se ater aos limites de um texto desta natureza impõe-se uma delimitação, pois não é possível ser compreensivo, razão pela qual de pronto eu esclareço que o foco ora privilegiado é o da mudança que identifico como da Velha para a Nova Ordem, sem que estes adjetivos, de modo algum, carreguem qualquer juízo de valor: ultrapassada, pior, etc. *vis-à-vis* os seus opostos; tratam-se de rótulos tão somente para estabelecer as diferenças entre dois momentos.

A frase “nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio”, atribuída a Heráclito de Éfeso (540-480 a.C.), desde então tem sido utilizada para chamar a nossa atenção para a inevitabilidade das mudanças e, assim, exprimir o que então há de mais permanente (constante) na vida: a própria mudança. Assim, em tão poucas palavras, como sói ocorre com os sábios, o filósofo já nos alertava, inclusive, para detalhes aos quais, de regra, estamos desatentos, razão pela qual nos passam despercebidos mas que acumulados a outros podem promover grandes repercussões, por vezes até dramáticas, como revelam as averiguações sobre acidentes fatais – a maioria resultante do somatório de pequenos

¹ Mestre Maçom integrante do Quadro da Loja de Estudos e Pesquisas *Universum* nº 147 jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Sul, bem como do da ARLS Mário Juarez de Oliveira, nº 4.547, jurisdicionada ao GOB-RS. *E-mail*: ivan.pinheiro@ufrgs.br

equivocos e distrações – a exemplo de mudanças nos procedimentos – que isoladamente não mereceram maior atenção. A rigor e no limite, tudo muda, nada, absolutamente nada, no instante subsequente é, rigorosamente, idêntico ao que era no momento imediatamente anterior. Portanto, de imediato e só por essa constatação, habitualmente já deveríamos estar (mais) atentos às pequenas mudanças que dia a dia nos acometem.

E em meio a tantas pequenas mudanças, ocasionalmente surgem as que não conseguem passar despercebidas em razão da sua magnitude, razão pela qual recebem a denominação de mudanças paradigmáticas: caracterizadas pelo rompimento com os processos anteriores, com as estruturas organizacionais vigentes, com os até então modos de fazer (tecnologias, insumos, etc.), com os conhecimentos (*know-how*, habilidades, competências de toda ordem, etc.) predominantes, com os marcos regulatórios (leis, normas, procedimentos, etc.), etc. Por todos esses, mas também outros motivos, as mudanças paradigmáticas caracterizam um momento em que, ao tempo em que se dá a destruição da ordem estabelecida se verifica a criação da nova ordem que a sucede; trata-se de uma efetiva ruptura com o passado. Christensen (1997), Christensen e Raynor (2003), assim como Stefik e Stefik (2004), entre tantos outros pesquisadores e operadores da gestão organizacional, apontam que as mudanças paradigmáticas (novos modos de pensar e de se relacionar com o mundo que aos poucos atingem a tudo e a todos) exigem inovações radicais, sem as quais as organizações correm o risco de sucumbir. Por analogia com os seres vivos, a resposta na forma de inovações radicais corresponde à adaptação às novas exigências do ambiente em formação, equivale ao darwinismo organizacional: sobrevivem os mais aptos, o que, não custa lembrar, não significa ser maior, melhor ou mais antigo; justo o contrário – por vezes são estes atributos que impedem a resposta tempestiva e adaptativa que asseguraria a sobrevivência.

Portanto, diariamente estão presentes as pequenas mudanças (que também nos demandam inovações, todavia, de natureza

incremental) e ocasionalmente (mas concomitantemente) surgem as mudanças paradigmáticas (estas de natureza radical) que, em razão das suas próprias características, não raro ficam submersas, como se escondidas à espera de uma oportunidade para se fazerem presentes, emergirem e assistirem a luz do sol (SCHWAB, 2016; HARARI, 2018).

A título de exemplo introdutório ao tema, tome-se a expressão “liberdade”, tão cara à Maçonaria e cujo significado experimentou sucessivas inovações, por vezes também denominadas de releituras ou ressignificações, para ser ajustado ao “espírito do tempo”. Assim, conforme a fonte (e o momento histórico), liberdade refere a: 1) passe de livre trânsito entre os reinos para modo de prestar os ofícios de pedreiro; 2) condição de não ser servo da gleba e tampouco escravo; 3) ser livre de vícios; e, mais recentemente, 4) ter liberdade para pensar e se expressar. A noção de liberdade pode ainda ser pensada como distribuída ao longo de um contínuo cujos extremos correspondem: 1) atributo e prerrogativa exclusiva da classe (eventualmente casta) dominante – por conquista ou herança dinástica; e, 2) direito do exercício da cidadania (votar, ser votado, constituir patrimônio, se deslocar, etc.) independentemente de condição censitária, seja renda, credo, etnia, ancestralidade, etc. Conforme se verifica: ser livre de vícios ou ter livre trânsito entre reinos não implica revisão conceitual de caráter radical; já o mesmo não acontece com a liberdade de expressão em relação à servidão ou escravatura. Por consequência, no primeiro caso as resistências serão menores, enquanto que no segundo podem mesmo levar (e levaram) a conflitos, alguns na forma de guerras. Outros exemplos, mas que aqui não serão explorados, são os conceitos de perfeição e beleza, entre outros (justiça, igualdade, etc.) que historicamente passaram por revisionismos sociais aos poucos infiltrados e com repercussão na Maçonaria. Portanto, é oportuno lembrar que nem toda inovação é de origem e possui natureza técnica, pode antes corresponder à uma revisão conceitual; contudo, não raro ambas (a inovação técnica e a conceitual) andam juntas² e moldam um novo

² Entre tantos, dois breves exemplos para ilustrar mas não fugir ao tema central: as plataformas de aplicativos de mobilidade (*Uber*) e locação imobiliária (*airbnb*).

quadro de referências axiológicas para as atitudes e comportamentos. Ademais, cada inovação enfrenta, a seu tempo e local, algum grau de resistência; algumas sucumbem enquanto outras acabam por se impor; começam como iniciativa de poucos, por vezes um ato de contestação e rebeldia, ora uma resposta experimental à curiosidade, algumas viram moda e chegam mesmo a constituir o *zeitgeist* e, por fim, conquistam a institucionalidade.

E é fácil entender os motivos: dado o caráter destrutivo da nova onda, é natural que muitas resistências sejam levantadas contra as inovações, sobretudo as radicais, pois estas promovem mudanças no *establishment* (na ordem constituída, na distribuição dos poderes, *status*, etc.), exigem que, senão todos, a maioria abandone a sua “zona de conforto” para reaprender os novos saberes e também rediscutir direitos e deveres, entre outros aspectos. É caso, por exemplo, das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) que, lastreadas na digitalização, desde o final do séc. XX vêm alterando o nosso dia a dia, tanto no ambiente privado e particular (relacionamento com as instituições financeiras, compras, etc.), como no corporativo. Na Maçonaria já há tempos que as NTIC vêm alterando o *modus operandi* notadamente na esfera das rotinas administrativas (cadastros, requerimentos, certidões, comunicação em geral, etc.) e financeiras, onde é amplo o espaço para a realização de ganhos de qualidade e produtividade com a otimização dos processos. Contudo, outras tantas possibilidades, mesmo já disponíveis, ainda não eram utilizadas, como é o caso do estudo e orientação através da modalidade de ensino à distância, e também de uma efetiva sessão ordinária à parte dos aspectos litúrgicos-ritualísticos – ambas iniciativas já há tempos disponibilizadas pelas NTIC na forma de reuniões virtuais. Foi preciso pois, um evento extraordinário, a pandemia CoviD-19 (**Corona Virus Disease, 2019**), causada por uma mutação do vírus Sars-Cov-2, para deflagrar um conjunto de iniciativas que poderão transformar, sobremodo, a Maçonaria Pós-Pandemia, tema deste breve artigo que tem por objetivo explorar as novas possibilidades institucionais e organizacionais que ora se descortinam.

Quanto ao enquadramento metodológico: tratando-se de um fenômeno recentíssimo, em relação ao qual ainda estamos no centro do vórtice e portanto longe do distanciamento histórico por vezes recomendado para a maior isenção analítica, as reflexões que seguem correspondem a um ensaio exploratório lastreado em dados coletados a partir da experiência do próprio autor, enriquecidos com a da troca de informações com outros Irmãos, tudo organizado à luz da literatura técnica de gestão. Grosso modo, o ensaio se aproxima do que Brandão (1999) e Thiollent (2009) denominam de Pesquisa Participante ou Pesquisa-Ação; refiro a grosso modo porque à época da coleta de dados formalmente não havia constituído o interesse de pesquisa, mas olhar do observador atento e inquiridor já estava presente.

O subtítulo deste texto (“O copo está meio cheio ou meio vazio?”), ora colocado em forma de questionamento, é também uma expressão muito conhecida e habitualmente utilizada para revelar a perspectiva e o ânimo do observador: se, frente ao fenômeno, se posiciona de modo otimista (copo meio cheio) ou pessimista (copo meio vazio)³. A perspectiva é fundamental, pois é a partir dela que pela força da vontade e das emoções provocadas (PAYOT, 2018) que será rompida a inércia e terão início, não raro a duras penas, as iniciativas que levarão a complementar (encher) ou a definitivamente esvaziar o copo; assim, já é possível, desde aí, antecipar as tensões (se não expressas, latentes) nos grupos cujos componentes manifestem pontos de vista distintos. Antecipo ao leitor que apesar de todos os problemas, dificuldades e desafios conhecidos pela Fraternidade e já de amplo domínio (ISMAIL, 2017, 2019; SOUSA, 2020; MACHADO Jr. e SANTOS, 2020), eu me alinho entre os otimistas pelos motivos que, a seguir, a todos darei conhecimento.

³ Em outra versão, mais anedótica, diz-se que o chefe enviou dois vendedores para prospectar determinado mercado para vender calçados. O primeiro, frente à pobreza e aos habitantes descalços, reportou que a iniciativa não teria sucesso, seria inútil tentar vender para quem não estava acostumado a andar calçado; enquanto que o segundo relatou com grande entusiasmo: há 100% do mercado a ser conquistado, desde que, é claro, com algum trabalho!

2. Breves notas acerca do ambiente em inovação radical

Conforme já observado, de regra as inovações radicais são temas de elevada sensibilidade em qualquer organização (mesmo as reconhecidamente inovadoras!), condição que na Maçonaria adquire dimensão exponencial porque a tradição quando não é parte se confunde com a própria Ordem. Todavia, em outra oportunidade eu já manifestei que as instituições centenárias (algumas milenares) são as que com o passar do tempo, ou apesar de, conseguem manter o equilíbrio dinâmico⁴ entre a tradição e a renovação (COLLINS e PORRAS, 1997); portanto, há fartas evidências empíricas de que é possível. Trata-se, aqui, do ponto médio tão acentuado desde a Antiguidade, entre outros, por Aristóteles⁵ (2007), enquanto expressão da própria virtude; ademais, ele também já alertara para a dimensão da tarefa: “[...] a virtude é um meio-termo [...] entre dois vícios, um dos quais envolve excesso e o outro falta [...] visar a mediania nas paixões e nos atos [...] visto que alcançar o meio-termo é extremamente difícil [...]” (*op. cit.*, p. 54). A mesma matéria pode ainda ser apreciada a partir da Teoria dos Sistemas; neste caso, sendo a Maçonaria uma organização (sistema) aberto, para não sofrer os efeitos da entropia e vir a perecer, ela deve, necessariamente, trocar energias (leia-se: informações)⁶ com o ambiente visando ao já referido equilíbrio.

Uma expressão muito própria ao ambiente da inovação radical é a cunhada por Schumpeter (1961): destruição criativa. Ora, em se tratando da destruição da ordem constituída é de se esperar que as resistências sejam enormes, pois certamente haverá “perdedores”: os já acostumados (acomodados) à velha ordem e também porque não raro beneficiados por ela. Entre as várias estratégias de resistência (desde o

⁴ A melhor ilustração para ressaltar o alcance e as possibilidades do equilíbrio dinâmico é o da bicicleta – o andar e o avanço só se verificam quando posta em equilíbrio.

⁵ 384-322 a.C.

⁶ Por exemplo: a empresa que não acompanha as novas tecnologias perde produtividade, clientes e mercado; se não acompanha as mudanças nos marcos regulatórios pode vir a ter problemas com as autoridades governamentais (fisco, sanitárias, segurança, etc.).

“não vai dar certo” até a sabotagem, passando pelos clássicos “nós não temos condições” e “já foi tentado”), um dos mais fortes argumentos é o imperativo categórico da obediência aos marcos legais: isto ou aquilo não pode ser realizado porque contraria a legislação (*lato sensu*). Sim, é claro, não há o que discutir porque a legislação (baseada nos usos, costumes, estudos, experimentos, etc.) foi construída para dar suporte à ordem estabelecida, e não para comprometê-la. Todavia, há uma relação dialética entre a tradição e a inovação que é mediada pela própria regulação (para alguns, regulamentação): se de um lado as normas colaboram para a consolidação e a reprodução das tradições, de outro tendem a impedir as inovações, pois estas não raro implicam rompimento e a transgressão com aquelas. Entretanto, inovar é parte da natureza humana, produto da curiosidade, da inquietação cognitiva, tudo mesmo necessário à sobrevivência pessoal e institucional; portanto, a tempo e hora adequadas algumas normas serão submetidas à atualização não só para permitir a inovação como também, na sequência, para institucionalizá-la e consolidá-la durante mais um ciclo e até que a próxima inovação a suceda. Não é outro o motivo que leva as organizações a instituírem “regras para mudar as regras”, mesmo as mais importantes como bem ilustram os procedimentos para a introdução de uma Emenda à Constituição.

Destarte, se o ambiente muda a partir de um evento externo (surgimento de uma nova tecnologia, de uma determinação das autoridades em resposta às catástrofes, guerras, etc.), é provável que venham ser necessários ajustes organizacionais, o que inclui as suas regras, pois estas, e é bom não perder de vista e insistir, não têm valor por si mesmas, sendo antes instrumentos para conferir institucionalidade à nova ordem, estabilidade às práticas, previsibilidade, continuidade, segurança, induzir e reproduzir os comportamentos, etc.

Portanto, para que a inovação se estabeleça se faz necessária não só a chancela institucional da alta hierarquia administrativa como também o seu estímulo, e por vezes a mão forte para romper as resistências.

3. Os elementos da velha vs os da nova ordem

Como subproduto da pandemia, as autoridades governamentais sob o aconselhamento dos profissionais da saúde (pesquisadores, médicos, sanitaristas, etc.) passaram a estabelecer restrições à circulação e à aglomeração de pessoas em intensidade variável e mensurável em uma escala cujo limite máximo é o *lockdown* – o popular “fique em casa”, passando pela quarentena⁷. Ademais, embora as restrições acometam a todos, a maior ênfase tem sido dirigida aos adultos de idade mais avançada – no Brasil, acima de 60 anos.

Ora, considerando que a maioria dos templos maçônicos tem espaço reduzido e o efetivo das Lojas em grande parte possui idade avançada, de imediato as determinações governamentais repercutiram na rotina da Fraternidade, o que levou a alta administração das Potências a determinar a suspensão temporária das atividades ordinárias (a exemplo das sessões para estudo e instrução) e extraordinárias (Iniciações, “aumentos de salário”, eleições *et aliae*).

Passado o sobressalto inicial, aos poucos as Lojas deram início às reuniões virtuais a partir dos recursos disponibilizados pelas plataformas (*skype, google meet, zoom, cisco webex meetings*, entre outras) já há tempos utilizadas no ambiente corporativo para as reuniões virtuais, *home office*⁸, bem como pelas instituições de ensino na modalidade EAD – ensino à distância. Em pouquíssimo tempo as reuniões *interna corporis* ou abertas aos demais Irmãos de outras Lojas, Potências ou praticantes de outros Ritos, mas também (algumas) ao público em geral, lograram enorme difusão, o que sinaliza a aprovação preliminar da iniciativa. Nos primeiros meses não havia dia em que não tivéssemos que escolher

⁷ Que há tempos perdeu a correspondência com 40 (quarenta) dias.

⁸ Para que se tenha ideia do quanto este tema já é maduro na literatura internacional de gestão, o que simultaneamente evidencia o atraso das instituições maçônicas, Pinheiro e Bittencourt, em 1998 e em Budapest (Hungria) apresentaram no *International Conference of Academy of Business and Administrative Sciences* o texto *Technological Work at Home: revised expectations and some reflections on the Brazilian case*, cujos interessados podem encontrar no respectivo *Book of Abstracts*.

entre as tantas ofertas, inclusive aos sábados, domingos e feriados – sem exagero pode se dizer que houve uma efetiva *overdose* de Maçonaria. Claro que a matéria comporta desdobramento: 1) reuniões da própria Loja, nas quais é exigida determinada frequência; vs 2) reuniões na condição de convidado das Lojas anfitriãs, nas quais a frequência é livre e a participação voluntária. Decorridos alguns meses já é possível observar um refluxo que sugere senão uma certa exaustão, que o processo ora se encontra sob avaliação quanto aos seus benefícios, alcances, limitações, inconvenientes, entre outros aspectos cujas as balizas, a serem melhor estabelecidas, orientarão a Maçonaria pós-pandemia.

Destarte, as Lojas com alguma organização, posto que inicialmente os eventos tinham caráter sobretudo recreativo, certamente acumulam um acervo de registros dos encontros e que está à espera da contabilização por parte das Potências para, ao final, colher importantes informações sobre a frequência, quantidade e perfil dos participantes/ Loja, público externo, temas abordados, palestrantes, etc. Em outros termos: há um vasto campo aberto à pesquisa de conteúdo, identificação de preferências, lacunas, satisfação, sugestões, etc. Sem esses estudos prévios e devidamente sistematizados, quaisquer iniciativas poderão ser precipitadas.

Por oportuno, cabe lembrar que uma das vantagens das reuniões virtuais mediadas pelas plataformas é a possibilidade de a gravação ser disponibilizada tão logo se encerre o evento⁹ ou após procedimentos de edição: cortes, acréscimos, efeitos especiais, sonoridade, créditos, etc. Assim, mesmo os que não puderam acessar em tempo real, posteriormente podem se beneficiar dos conteúdos com maior riqueza e detalhes do que, por exemplo, os registros em atas ou balaústres. Ademais, a gravação quando disponibilizada pelo *YouTube* não só dá início a uma sequência sem fim de acessos como também favorece a captura de novos assistentes mediante a “inscrição no canal”. A repercussão deste aspecto ainda está para ser avaliada.

⁹ *YouTube*.

Considere-se, como elementos da Velha Ordem (VO):

- reuniões semanais (na maioria dos casos), presenciais, ritualísticas e em templo maçônico;
- predomínio de maçons regulares trajados conforme os usos e costumes do Rito adotado pela Loja;
- presença ocasional e reduzida de maçons visitantes;
- agenda de trabalho estabelecida a partir das necessidades instrucionais em razão do cumprimento dos interstícios dos integrantes do Quadro da Loja; e,
- à exceção das sessões magnas e públicas, pouco frequentes, é mínima a presença de não maçons, mesmo de familiares.

E, como elementos da Nova Ordem (NO):

- as reuniões ordinárias continuam observando a frequência da VO; todavia, de pronto conta-se com uma grande flexibilidade de dia e hora para a realização das sessões que, inclusive, mês a mês podem ter ajustadas a sua frequência em caso, por exemplo, de necessidade de compensação por motivo de força maior;
- as sessões não têm caráter ritualístico porque tal exigiria espaço próprio (o templo) coberto das vistas profanas. Portanto, há também uma grande liberdade e flexibilidade quanto ao local (residência, trabalho, em trânsito, *urbi et orbi*) a partir do qual cada um pode conectar-se ao grupo reunido;
- a liberdade de indumentária, o que implica a não obrigatoriedade do avental e outras insígnias; mantido, todavia, o decoro que as circunstâncias exigem;
- à exceção das reuniões ordinárias programadas para conferir as instruções ritualísticas, e por isso restritas ao público maçônico, todas as demais admitem grande variedade temática desde que, de algum modo, relacionada à Ordem; e,
- não sendo ritualística, na ausência de rigor na indumentária e com flexibilidade de horário, local de acesso e tema, o público potencial amplia-se consideravelmente, a depender das

circunstâncias: familiares, estudiosos de maçonologia, amigos, mas também os curiosos que desejam conhecer um pouco mais sobre a Maçonaria.

As duas listas acima apresentam uma breve ideia (de algumas) das diferenças entre a práxis da Velha vs Nova Ordem, e se a primeira não requer considerações adicionais, a segunda nos convida a fazê-las tendo como eixo o contraste das vantagens vs desvantagens de uma sobre a outra. Antecipo: alguns aspectos poderiam ser enquadrados e apreciados a partir de mais de um dos tópicos-guia acima; assim como vários outros poderiam ser adicionados ao rol, todavia isto inviabilizaria a exploração de outros assuntos também pertinentes ao tema-título e ao foco deste trabalho. Impõe-se, pois, mais uma delimitação.

Flexibilidade parece ser a expressão chave na NO, termo que aglutina várias dimensões, em especial o tempo e o local. Se no contexto da VO o tempo (dia/horário) e o espaço (local) são variáveis de reduzida elasticidade em razão do compartilhamento do templo com outras Lojas, a NO, sem prejuízos ao *modus operandi* anterior, cria novas possibilidades e facilidades como, por exemplo: menor ou até mesmo ausência de custo de deslocamento, o que implica maior disponibilidade de tempo livre para todos; maior facilidade de promover ajustes na agenda (no planejamento em geral) para fazer frente aos acontecimentos imprevistos, o que minimiza eventuais ônus; maior elasticidade no que tange à duração (início e término) da sessão; entre outros aspectos. A relação de vantagens pode ainda ser ampliada: maior segurança (condição não desprezível frente à realidade da maioria das grandes cidades brasileiras); e, menores custos, sobretudo para as Lojas que alugam ou compartilham templos, condição que ganha especial relevo quando se tem em conta não apenas a conjuntura econômica atual, mas também as prospecções quanto ao nível de (des)emprego no Brasil. São aspectos que, à margem das determinações sanitárias, tendo em vista a distribuição etária dos maçons brasileiros, não são de menor importância, razão pela qual já deveriam mesmo ter sido apreciadas como possibilidades de implementação.

Ao lado da flexibilidade, a mobilidade é a segunda condição de destaque no contexto da NO: o acesso ao ambiente virtual também por *tablets* ou celulares e não apenas pelos computadores de mesa ou *notebooks*, permite que os Irmãos participem das reuniões a partir de praticamente qualquer lugar, o que pode mesmo levar a exageros que devem ser evitados. Quem não presenciou Irmãos que, em deslocamento trabalho-casa, no trânsito e dirigindo, acessou o ambiente da reunião? Ou ainda: por algum descuido, a câmara não tenha revelado indumentária não apropriada; estar compartilhando de uma mesa de refeição; ou mesmo na cama ... dormindo, vá lá, cochilando? Se por um lado esses episódios podem ser vistos como exceções, de outro revelam o enorme alcance das possibilidades hoje existentes e à espera de aprimoramento. Questões de segurança, decoro e melhor aproveitamento dos recursos disponibilizados pelas plataformas devem ser trazidas à mesa para análise e avaliação, assim como comportamentos reprováveis a exemplo daquele que se conecta para se dizer presente, mas claramente demonstra estar ocupado com outros afazeres ou, desligada a câmara, se sente à vontade para se afastar do ambiente virtual (claro: sempre por um motivo circunstancial e de força maior!), condição só percebida quando o incauto é demandado.

Percebo, nas redes sociais, muitos Irmãos ressentidos pela falta do convívio e já antecipando o receio de que, doravante, todas as reuniões serão virtuais. Não há como discordar de que o convívio é o elemento *sine qua non* à formação, sedimentação e à coesão do *esprit de corps* na e da Fraternidade, inicialmente no âmbito da Loja receptora para, logo na sequência, com a Ordem e com a Maçonaria universal. Não é outro o motivo que tem levado as corporações que já há tempos, antes mesmo da pandemia, adotaram o trabalho à distância (*home office*) passaram a instituir como política (isto é, que independe das chefias que se alternam) a promoção de encontros regulares, profissionais e recreativos (nas datas comemorativas). Até mesmo os profissionais expatriados (que trabalham em filiais no exterior) periodicamente são chamados à casa para evitar o distanciamento com os valores, com a cultura e mesmo com os colegas que ficaram, e também os mais recentemente admitidos

e por isso ainda desconhecidos; o lado mais visível desta prática pode ser constatado diariamente nos correspondentes estrangeiros das empresas de comunicação. Sem dúvida que as reuniões virtuais trouxeram essa perda. Na mesma coluna – dos débitos – se alinham ainda o distanciamento da liturgia, da ritualística e dos ágapes.

De outro lado, se houve distanciamento dos Irmãos de Loja, é importante registrar que nunca antes houve tanta proximidade com Irmãos de outras Lojas, Ritos e Potências, do Brasil e também de residentes no exterior, a exemplo das reuniões coordenadas pelo *Brother* David Chichinadze que, desde Londres, nesta data já ultrapassou a 140ª edição, tendo acolhido, entre outros, os Irmãos Joannisval B. Gonçalves (Rito Escocês Retificado, GOB-DF)¹⁰ e Gustavo V. Patuto (Rito Moderno, Grande Oriente do Paraná)¹¹. Nessas ocasiões, além de os Irmãos terem compartilhado o conhecimento, houve também a divulgação da Maçonaria brasileira no exterior – rara oportunidade não revestida de intento celebrativo com destaque à troca de comendas.

Não há erro e tampouco exagero em afirmar que muitos desses contatos, não fossem as NTIC e a pandemia, não teriam ocorrido; houve pois, um ganho extraordinário! E os créditos não se limitam à contabilização de mais Irmãos na agenda de contatos, mas também do conhecimento diversificado e muitas vezes especializado proporcionado pelos apresentadores das inúmeras *lives*. Poucos teriam tido a oportunidade de conhecer, em profundidade, a variedade de Ritos hoje praticados no Brasil, cujo melhor exemplo é o do Rito Escocês Retificado: porque ainda muito recente no país é (era) o menos conhecido, daí ser cercado de desconhecimento ou informação equivocada. A visita às Lojas proporciona, quando muito, o conhecimento (superficial) da liturgia e da ritualística, mas raramente da história e doutrina do Rito, e muito menos a possibilidade de contrastar e esclarecer *vis-à-vis* com os demais Ritos.

¹⁰ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1yEP6jdQzxU&feature=youtu.be>. Acesso: 01.01.21.

¹¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Bg6TZYv2Eg4&feature=youtu.be>. Acesso: 01.01.21.

E talvez, o mais importante: ampliou-se, consideravelmente, a rede de relacionamentos (nacional e internacional) capaz de gerar inúmeros projetos, inclusive de intercâmbio (cultural e recreativo), pós-pandemia. As *lives* foram (são) também o espaço apropriado para a difusão da produção intelectual; assim, incontáveis livros, revistas e publicações em geral “trocaram de mãos” e os lançamentos tiveram uma *vitrine* privilegiada (porque focada no público alvo). Em primeira mão puderam ser divulgadas as reflexões preliminares, ainda em caráter exploratório sobre os temas em estudo e pesquisa; bem como foi dada ciência de resultados das investigação em curso mais avançado, muito à semelhança do que ocorre nas comunicações acadêmicas em seminários e consórcios doutorais. As *lives* constituem ainda a arena à qual são convidados debatedores que podem enriquecer as ideias preliminares sobre determinado assunto ou mesmo definitivamente esclarecê-lo. Portanto, o observador arguto, o Irmão dedicado (que anota, sempre atento) teve (e ainda tem) nos materiais apresentados uma fonte de valiosas informações subsidiárias à elaboração dos seus trabalhos para a Loja ou mesmo para dar início a um texto a ser submetido aos tantos periódicos, *sites* e *blogs* que as NTIC também impulsionaram.

E entre tantos subprodutos originalmente não previstos (como foi o caso relatado acima e referente à divulgação internacional), hoje se observa, ancorados nas plataformas *WhatsApp* e semelhantes, a proliferação de Grupos Focados (por Rito, região, Grau, atividade – escritores, pesquisadores, parlamentares, etc.), comunidades dedicadas por onde fluem são debatidos, além dos textos clássicos, os mais recentes trabalhos, reflexões, propostas e pesquisas, bem como se constata a emergência de novos autores, publicações e também lideranças. Não deve passar despercebido que, se de um lado a proliferação de grupos especialistas confere maior foco e permite o aprofundamento sobre os temas e áreas objetos de estudos (o que é bom), de outro tende a criar subestruturas mais voltadas para si próprias, o que pode fragilizar os vínculos que devem mantê-las unidas acima das particularidades (o que é ruim); com recurso à expressão popular: o foco exclusivo sobre a

árvore não permite ver a floresta; ou ainda: só saberemos que somos uma ilha se tomarmos o necessário e indispensável distanciamento.

Mas não apenas a Maçonaria foi tema das apresentações. Política públicas (saúde, economia, segurança, mobilidade urbana, etc.), matérias específicas (direito, psicologia, relações pessoais, geopolítica, etc.) ... praticamente não houve tema que não tenha sido, de algum modo, abordado por Irmãos especialistas ou curiosos generalistas e estudiosos dedicados, revelando, também por isso, as preocupações e o envolvimento da Ordem com as questões para além dos domínios da doutrina, da liturgia e da ritualística. Assim, a audiência interessada aumentou exponencialmente e também em diversidade quanto ao gênero e à idade. Considerando o desconhecimento da sociedade em relação à Ordem, essa exposição positiva não é de somenos importância e os seus benefícios só serão melhor avaliados no longo prazo (e lembrando que várias apresentações ainda estão e provavelmente ficarão disponíveis no *YouTube*); é possível que um futuro Iniciado tenha tido, deste modo, o seu primeiro contato com a Fraternidade, o que situaria as iniciativas não só no domínio das ações de interesse público e social, mas também com possibilidade de contemplar objetivos mercadológicos, o que abre outra longa discussão que abrange, por exemplo, o Registro de Interesse (RI) instituído pelo Grande Oriente do Brasil¹². Embora já existente no exterior, no Brasil o RI é uma inovação que, como tal, tem reunido tanto fervorosos adeptos (modernistas) quanto críticos (tradicionalistas); sendo provável, mais uma vez, que a resultante aponte para o meio termo.

Considere-se as *lives* abertas, isto é, as de livre acesso aos Irmãos de outras Lojas, Ritos e Potências. Se no primeiro momento a lista de convidados a participar das *lives* se confunde com a do Quadro da Loja, logo na sequência ela ganha novos participantes inicialmente colhidos por indicação nas listas de cada Irmão do Quadro da Loja anfitriã. Todavia, os indicados, já para o próximo encontro também tomam a iniciativa de indicar novos participantes (e frise-se: isto é bom!) e

¹² Disponível em: <https://www.gob.org.br/registro-de-interesse-entrevista-com-adalberto-eyng/>. Acesso em: 01.02.21.

assim sucessivamente. Como produto derivado tem início a formação de subgrupos de Irmãos que, se possuem interesse específico e em comum (o que os leva a participar do grupo), nem sempre mutuamente se conhecem como aos Irmãos do Quadro da sua Loja. Nesse ambiente muitos então se tratam cerimoniosamente de Irmãos, mas na prática não revelam o decoro e a afabilidade observada em Loja, quando então mais proximamente todos se tratam como Irmãos e não simplesmente de Irmãos. Infelizmente, a mesma impaciência, intolerância e falta de empatia observadas no mundo profano são, então, trazidas para dentro dos grupos de Maçons, comportamento definitivamente não esperado e contrário a todas as expectativas e ensinamentos da Ordem. Vários certamente já testemunharam atos de proselitismo, militância aguerrida e mesmo manifestações de valentia (!?!) pública entre os Irmãos. Se serve como atenuante (explicação?), registre-se que o mesmo comportamento tem sido constatado em inúmeros grupos profanos, inclusive os chamados “da família”. E aí cabe uma reflexão: que impactos e transformações diferenciadas a Ordem tem promovido nesses Irmãos cujo comportamento parece em nada diferir do dos não Iniciados? Não basta ler e conhecer, por vezes de cor, os ensinamentos da Ordem, se estes não se organizam como um quadro de referências para as atitudes e comportamentos no cotidiano. Afinal, o trabalho interior promovido pelo maçom deve converter-se, pelos modos, em efeito exterior perceptível, porém sutil, para que possa ser modelo – referência a ser seguida. Por fim, se a fidalguia e a afabilidade só ocorrem em presença física dos Irmãos do próprio Quadro, é de se rever algumas práticas e mesmo cogitar se, no futuro, as sessões abertas não devem ser submetidas a algum tipo de poder de polícia – com previsão de regulamentação, fiscalização e atuação.

O leitor atento observou que ora eu recorri ao tempo passado, mas também ao presente e ao futuro, pois sobre o tema tudo é processo, está em andamento: não só já aconteceu, como está acontecendo e acontecerá com maior ou menor variação nos termos dados – a transição da Velha para a Nova Ordem. Trata-se, conforme dito, de uma pesquisa em ação e da qual o autor também participa.

A Maçonaria ainda não mudou, mas parece claro que as oportunidades criadas pela conjunção das NTIC em ambiente de pandemia, não só podem como devem (é a minha opinião) ser melhor exploradas a partir do direcionamento estratégico sugerido ou mesmo estabelecido pelas Potências aglutinadoras (GOB, CMSB e COMAB) ou a partir das suas seccionais. Por enquanto a maioria das iniciativas se encontra no âmbito das prerrogativas das Lojas, conquanto já se observem iniciativas no seio das administrações superiores. Mas se as tendências apontam no sentido à introdução de inovações, as resistências (como citado) já se fazem presentes, daí o indispensável protagonismo institucional ativo, porque sem este o movimento será interrompido. E mesmo com a institucionalidade, após negociações e avaliações dos ganhos e perdas, o mais provável é que no primeiro momento a solução se encaminhe para o meio termo: a combinação de elementos da Velha com os da Nova Ordem.

4. Desdobramentos no futuro próximo

O que seria o meio termo entre a Velha e a Nova Ordem? Em síntese: novos arranjos (estruturas) organizacionais e, conseqüentemente, novos processos. Em Pinheiro (2020), por exemplo, a partir do resgate da pessoa jurídica Associação que confere institucionalidade às Lojas Maçônicas, são exploradas possibilidades que, sem prejuízo aos elementos fulcrais à Maçonaria, podem contribuir para solucionar diversos problemas apontados em diferentes estudos: desde o crescimento nos custos, à motivação frente às atividades desenvolvidas em Loja e também à efetividade e eficácia da ação beneficente. Em Pinheiro (2020a, 2021), para explicar um dos principais problemas da Maçonaria contemporânea – a evasão -, o autor analisa e explora novos procedimentos para seleção e acompanhamento dos futuros Quadros. O ponto em comum a todos os estudos, sempre com o propósito de solucionar problemas já identificados e ratificados em inúmeros levantamentos empíricos, é a necessidade de pensar diferente, inovar, pensar lateralmente (DE BONO,

2002), enfim, com recurso às expressões populares: “sair da casinha”, da “zona de conforto”. Mas o que ora importa é chamar a atenção para o fato de que a inovação, para lograr consolidação, deve perpassar, senão todos, a maioria dos processos organizacionais; ademais, as NTIC devem ter lugar e estar presentes na mesma extensão para conectar os processos.

Já em Pinheiro (2020b) podem ser encontradas diversas proposições que já têm em conta o impacto das NTIC aplicadas à Maçonaria. Elaboradas antes de a Covid-19 ser reconhecida como pandemia, à época as sugestões eram uma consequência lógica à espera da oportunidade; trata-se de prática habitual para a elaboração de cenários: ninguém adivinha que este ou aquele evento específico ocorrerá (pandemia), mas antes projeta uma crise genérica (em tese) cujas características obrigarão a determinadas práticas (a exemplo do distanciamento social) que, por sua vez, podem levar a inúmeros desdobramentos cujos impactos, em maior ou menor grau, atingirão as organizações na forma de oportunidades de ganhos ou riscos de perdas. A expectativa é a de que aqueles que trabalham com cenários em alguma medida conseguem antecipar as suas consequências escalonadas (no seu ramo de atuação, mercado, organização, etc.) e, por isso, estarão melhor preparados para o enfrentamento se e quando este ou aquele cenário vier a se concretizar ainda que com aproximações. Para o incauto parece adivinhação com elementos sobrenaturais ou a confirmação de alguma Teoria da Conspiração. Mas não, é o emprego de ferramentas de gestão para tomar a frente dos processos (inovações), antecipando-se sobretudo às ameaças.

Resumidamente, um grupo cenarista não apenas delinea os possíveis cenários, mas também: 1) avalia os riscos, as ameaças e as oportunidades à luz dos interesses e objetivos estratégicos da organização (Loja, Obediência, Potência, etc.) frente a cada um dos cenários; 2) antecipa iniciativas (necessidades, capacitação, alianças, recuos, etc.) para gerenciar a passagem (no caso, da Velha a Nova Ordem); 3) mapeia os grupos de interesse (contrários e a favor), seus argumentos, estratégias, etc.; conseguindo, assim, 4) antecipar-se à

movimentação dos principais agentes envolvidos. Em uma organização tão grande e capilar quanto a Maçonaria é natural a presença de interesses internos conflitantes; assim, por exemplo: Lojas que pagam aluguel e manutenção à centralizadora confederada (uma Grande Loja) podem vir a defender que apenas as sessões magnas¹³ sejam realizadas nos templos, reduzindo, assim, os seus custos; já as centralizadoras, em razão das receitas perdidas é provável que rejeitem a proposta.

Lembrando do dito popular que afirma que “há males que vêm para bem” ... em meio a esse processo é possível que com a redução do número de sessões o Templo e tempo passado no seu interior sejam revalorizados pelos Irmãos, passando a efetivamente ser observado o mais rigoroso silêncio quando a sessão houver com Loja aberta (que mesmo previsto nos rituais muitas vezes é negligenciado), bem como o distanciamento dos celulares. Chega a surpreender que os homens livres que se propõem a combater as paixões e os vícios, não consigam manter o autocontrole e a disciplina por pelo menos duas horas.)

Ainda: nem tudo o que se diz, se faz; em princípio, tanto uma centralizadora quanto as Lojas defendem a qualificação dos Quadros (inclusive em resposta às inúmeras demandas captadas em diversas pesquisas), mas as Lojas, por motivos óbvios, enfrentam maiores constrangimentos na implementação de determinadas iniciativas (p. ex.: pré-qualificação para o exercício da Vigilância e do Venerato); assim, se a unidade coordenadora não criar mecanismos indutores, é muito pouco provável que ocorram avanços.

Muitas das iniciativas sugeridas no Projeto de Educação Maçônica de Baumann (2021) podem, sem prejuízo, ser desenvolvidas na modalidade de EAD; ao contrário, é difícil mesmo crer que, em Loja

¹³ Lembrando do dito popular que afirma que “há males que vêm para bem” ... é possível que com a redução do número de sessões o Templo seja revalorizado pelos Irmãos, passando a efetivamente ser observado o mais rigoroso silêncio quando houver sessão em Loja aberta (que mesmo previsto nos rituais muitas vezes é negligenciado), bem como o distanciamento dos celulares. Chega a surpreender que na Ordem de homens livres que se propõem a combater as paixões e vícios, não consigam manter o autocontrole e a disciplina por pelo menos duas horas.

aberta e nos templos elas possam a ser concretizadas ... devido à falta de tempo. As *lives* em tempos de pandemia, a meu juízo, revigoraram a Ordem, mas tudo ainda é processo e merece ser avaliado com cautela e ponderação sob todas as perspectivas. E se de um lado, em razão do seu pouco tempo de uso pela Maçonaria brasileira as *lives* podem ser consideradas ainda um experimento laboratorial, do outro não há como negar que já deixaram um legado. Da primeira condição se observa que a maioria das *lives* segue o modelo “tempo de apresentação seguido de perguntas livres” e em geral apenas o tema-título é de conhecimento prévio. Todavia, há outros modelos que podem ser mais explorados: 1) há temas, porque controversos, inconclusos mesmo, que convidam ao debate, daí a conveniência de que sejam apresentados não por um, mas simultaneamente por pelo menos por dois apresentadores, seguindo-se então, os debates; 2) Giannetti (2002) relata a experiência de grupos de debates mais amadurecidos, quando há um responsável pela elaboração de um *draft* sobre o assunto e que previamente será enviado a todos os participantes, o que tende a qualificar as intervenções, os debates, os ganhos em geral e para todos. Claramente alguns palestrantes revelam amplo e profundo domínio da matéria mas ainda necessitam aprimorar as boas práticas de apresentação, o que os leva a ler longos textos distribuídos em incontáveis *slides* (*PowerPoint*) que se estendem por mais de hora, o que não só traz enfado como dificuldade para acompanhar o foco e chegar ao objetivo pretendido. Portanto, mesmo o modelo atual (de transição) ainda comporta muitas melhorias e inovações e incrementais.

Desse processo, um subproduto não tão claramente percebido é o refinamento do senso crítico (por comparação) e, por conseguinte, o aumento do grau de exigência dos Irmãos frente ao que observa em sua Loja e o que ocorre nas demais, cuja participação agora é mais facilitada. Destarte, s.m.j., penso que algumas administrações terão que se empenhar com redobrado esforço para não perder Quadros por desmotivação e virem a enfrentar novos problemas: queda de receita, dificuldade de quórum mínimo, etc. As Lojas que persistirem

na docência romântica¹⁴ auto laudatória e atuarem predominante como espaços sociais-recreativos tendem a crescentemente enfrentar dificuldades. De outro lado, as Lojas Referência (por exemplo, por Rito) com funcionamento híbrido não terão limites para os seus Quadros, justo o contrário, quanto mais atraírem integrantes melhor será desenvolvido o trabalho pois: 1) enquanto alguns Mestres (graduados em processo a ser definido) se reúnem para orientar os Aprendizes; 2) outros (no mesmo dia/horário, ou não) se dedicam aos Companheiros; 3) os demais (idem, idem) buscam o aperfeiçoamento em sessões exclusivas, podendo ainda a atuação ser em parceria com outras Lojas e em sistema de rodízio com aqueles que se ocupam das agendas (1) e (2). Hoje, com as exceções que confirmam a regra, as sessões em nível de Mestre são as estritamente necessárias porque exigidas nos marcos regulatórios e basicamente para promover: as Exaltações, as eleições e as Instalações. Escudados no falso argumento de que devem proceder às Instruções e sobretudo dar curso aos interstícios regimentais¹⁵, praticamente inexitem sessões destinadas ao aperfeiçoamento dos próprios Mestres. Chega mesmo a ser curioso: o Iniciado aprende o que é ser Aprendiz; o Elevado aprende o que é ser Companheiro; mas o Mestre, uma vez Exaltado ... só se ocupa do aconselhamento aos Aprendizes e Companheiros, não aprende a ser Mestre; assim, se desejar aperfeiçoamento deve fazê-lo pela via do autodidatismo ou contar com a indicação para os Graus Filosóficos, os quais, saliente-se, nem sempre são oferecidos na municipalidade exigida para ingresso no simbolismo, o que cria outra ordem de dificuldades. E nesse contexto, mais uma vez os modelos organizacionais já existentes

¹⁴ Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=lgipWU70Pbg&feature=youtu.be>. Acesso: 27.01.21.

¹⁵ Sabe-se que os prazos são estabelecidos em caráter mínimo mas, por “conveniência” (na ausência de expressão mais apropriada e para não fugir ao foco), o Quadro da Loja (Mestres!) não raro se sente motivado a considerá-los como o máximo para que os Aprendizes e os Companheiros permaneçam nos respectivos Graus; assim, tão logo sejam cumpridos têm início as providências para a concessão do “aumento de salário” independentemente da verificação de proficiência mínima (história, simbologia, ritualística e liturgia) no âmbito do Rito praticado.

e testados¹⁶ podem auxiliar na passagem da Velha para a Nova Ordem – no caso, o das instituições que empregam o EAD – podem ser adaptados às necessidades e conveniências da Ordem: a maioria das aulas na modalidade à distância (virtuais); algumas em laboratório, o que também oportuniza o convívio do grupo; e, as avaliações também presenciais em determinados polos de encontro e com agenda definida com larga antecedência. Nessa linha, a Maçonaria poderá experimentar não apenas um salto de qualidade, mas também um grande crescimento no número de membros acompanhado de decréscimo no número de Lojas, o que não é de somenos importância para o futuro da Ordem.

Finalmente, para os de boa vontade e diligentes o dito popular informa que “o céu é o limite”; ademais, conforme já antecipara, eu vejo “o copo meio cheio”, todavia é preciso ter claro que historicamente os avanços não são lineares, por vezes sinuosos e até mesmo com recuos táticos; contudo, não devem se desviar da estratégia.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo: Martin Claret, 2007. Coleção: Obra-Prima de Cada Autor.
- BAUMANN, Sidnei. A Maçonaria do Amanhã Através de um Projeto de Educação Maçônica. Londrina, PR. **A Trolha**, n. 411, janeiro, 2021, p. 14-20.
- BRANDÃO, Carlos R. (ORG.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- CHRISTENSEN, Clayton M. **The Innovator's Dilemma - when new technologies cause great firms to fail**. USA, Boston, Massachusetts: Harvard Business School Press, 1997.
- CHRISTENSEN, Clayton M.; RAYNOR, Michael E. **O Crescimento pela Inovação** - como crescer de forma sustentada e reinventar o sucesso. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- COLLINS, James C., PORRAS, Jerry I. **Feitas para Durar** - práticas bem-sucedidas de empresas visionárias. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DE BONO, Edward. **O Pensamento Lateral**. Rio de Janeiro: Novo Era, 2002.
- GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- HARARI, Yuval N. **21 Lições para o Século 21**. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.
- ISMAL, Kenny. **História da Maçonaria Brasileira** - para adultos. Londrina, PR: A Trolha, 2017.

16 Sobre novos modelos, conforme já sugerido, leia-se Pinheiro (2020).

ISMAIL, Kennyo. **Relatório de Pesquisa: CMI - Maçonaria no Século XXI**. Disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/wp-content/uploads/2018/04/RELAT%C3%93RIO-CMI.pdf>. Acesso em: 20.10.19.

MACHADO Jr., Izautonio da S., SANTOS, Vanderlei C. dos. Por que os maçons não querem mais ir à Loja? Uma reflexão sobre o futuro da maçonaria no Brasil. *In: CMSB (Org.). MAÇONARIA - perspectivas para o futuro*. Brasília: CMSB, 2020, p. 237-272.

PAYOT, Jules. **A Educação da Vontade**. Campinas, SP: CEDET, 2018.

PINHEIRO, Ivan A. A associação que abriga a Loja Maçônica: uma figura jurídica esquecida e seus desdobramentos. **Revista Ciência & Educação Maçônica**, v. 01, n. 03, 2020, p. 11-28. ISSN: 2596-1187.

PINHEIRO, Ivan A. Maçonaria: o problema é a evasão ou o processo de admissão? **A Trolha**, n. 410, dezembro 2020a, I Parte. Londrina, PR.

PINHEIRO, Ivan A. Elementos para a autocrítica e a elaboração de cenários prospectivos no contexto da maçonaria brasileira. *In: CMSB (Org.). MAÇONARIA - perspectivas para o futuro*. Brasília: CMSB, 2020b, p. 95-134.

PINHEIRO, Ivan A. Maçonaria: o problema é a evasão ou o processo de admissão? **A Trolha**, n. 411, janeiro, 2021, II Parte. Londrina, PR.

SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SOUSA, Kleber C. A Educação Maçônica e o Futuro da Maçonaria. *In: CMSB (Org.). MAÇONARIA - perspectivas para o futuro*. Brasília: CMSB, 2020, p. 155-176.

STEFIK, Mark; STEFIK, Barbara. **Breakthrough - stories and strategies of radical innovation**. England, London, Cambridge: MIT Press, 2004.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

O USO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS NA MAÇONARIA BAIANA

Glauber Santos Soares¹

1. Considerações Iniciais

A constituição do espaço da maçonaria enquanto campo de pesquisa é, na atualidade, objeto de preocupação por parte de pesquisadores maçons que se dispõem em produzir conhecimento levando em consideração a lógica de seus pressupostos teóricos e métodos de investigação. O tema maçonaria tem sido objeto de pesquisa em diversas áreas do conhecimento e dentre elas a educação, história, sociologia, política, etc.

A produção de conhecimento é sempre estimulante, já que implica em refletir sobre a teoria e deixar que a prática seja um desafio a ela. É um trabalho intelectual que (a) o obriga enfrentar a contestação, a dúvida e o inesperado.

Assim o presente trabalho propõe levantar dados que possibilite a análise e discussão a respeito do uso das plataformas digitais pela Maçonaria num cenário Pós-Pandemia no Estado da Bahia. Neste artigo trataremos somente das potências chamadas regulares. No Brasil atualmente existem três Obediências tidas como reconhecidas entre si, o que poderia se argumentar como “Obediências Regulares” – Grande Oriente do Brasil, Grandes Lojas Estaduais vinculadas a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB) e Grandes Orientes Independentes filiados a Confederação Maçônica do Brasil (COMAB). No Estado da Bahia estas obediências estão representadas nas seguintes Instituições:

¹ Glauber Santos Soares, Mestre Instalado filiado a Loja Maçônica Filadélfia Nº 2783 - Grande Oriente do Brasil – Bahia. Atualmente Secretário de Educação e Cultura do Grande Oriente do Brasil-Bahia. Licenciado em História e Bacharel e Segurança Pública com Pós-Graduação em Políticas Públicas em Gênero e Raça e Maçonologia História e Filosofia.

Grande Oriente do Brasil – Bahia (GOB-BA), Grande Loja Maçônica do Estado da Bahia (GLEB) e Grande Oriente da Bahia (GOBA).

2. A Pandemia do novo Corona Vírus (COVID-19)

Em dezembro de 2019 a China informou à Organização Mundial de Saúde sobre um surto de uma nova doença, semelhante a uma pneumonia. Essa doença, transmitida pelo novo coronavírus, foi denominada COVID-19. Na América Latina, o primeiro caso registrado foi em São Paulo, no Brasil, no dia 26 de fevereiro de 2020.

Após a chegada da COVID-19 no Brasil, diversas medidas de controle e prevenção da doença foram tomadas pelas autoridades sanitárias locais em diferentes esferas administrativas (Federal, Estadual e Municipal). Essas medidas se diferenciaram de uma região para outra do país, entretanto a medida mais difundida pelas autoridades foi a prática do distanciamento social e tantos outros cuidados com a saúde e higiene em busca de evitar o crescimento desordenado da proliferação do vírus que trouxe milhares de óbitos² ocorridos pelo agravamento da doença.

Mudança de rotina passou a ser a palavra de ordem para todos. O trabalho para uma parte da sociedade passou a ser em casa. Cultos religiosos, shows, eventos públicos e reuniões que ocasionavam aglomerações tiveram suas licenças cassadas. Na educação, por exemplo, professores tiveram que remanejar todo o planejamento, passando a ensinar por meio de plataformas virtuais, de forma remota e emergencial. Estrutura essa que fora copiada pela Maçonaria cujo propósito fora buscar novas formas de aprender e de realizar suas atividades.

² O Brasil chegou em 8 de Fevereiro de 2021 à marca de 232.170 mortes por Covid-19. Já na Bahia o número de óbitos 10.373 segundo dados do Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Leia mais em <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/mortes-por-covid-19-no-brasil-passam-de-232-mil-media-movel-segue-acima-de-mil/>.

3. Conceituando Maçonaria

Segundo a Constituição do Grande Oriente do Brasil, Art. 1º – A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista, cujos fins supremos são: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Diz ainda: “que os homens são livres e iguais em direitos e que a tolerância constitui o princípio cardinal nas relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um...”

A Maçonaria é uma instituição que, historicamente participou das grandes mudanças seja na Europa, no período da Revolução Francesa, nas Américas através das emancipações políticas de vários países como Estados Unidos da América, Cuba, Argentina, Venezuela, e Brasil na Independência, na Abolição da Escravatura, na Proclamação da República, pregando a manutenção das grandes conquistas sociais, ou seja, a maçonaria trabalha para o aperfeiçoamento da humanidade através do melhoramento intelectual, moral e social dos seus membros além de amparo através de obras de caridade.

A Potência maçônica, ou obediência maçônica, é um órgão de administração superior de um grupo de lojas. Segundo o Pesquisador Edgar Bortoloni: Para a fundação de uma Potência Maçônica é preciso que ela seja composta por, no mínimo, três Lojas, bem como que esteja ocupando um território geograficamente definido, desde que este não pertença a uma outra Potência Regular, ou, venha essa a abdicar desse mesmo território.

Continuando: “Além disso, para ter a sua regularidade reconhecida, necessário se faz a adoção de certas e determinadas práticas, tais como: Declaração de Princípios; aceitação dos Landmarks; dos Old Charges; da Constituição de Anderson, datada de 1723, onde no seu bojo, se encontra todo o suporte doutrinário da regularidade maçônica mundial; e, por fim, a adoção de rituais compatíveis conhecidos e reconhecidos pela esfera maçônica” (BARTOLONI.E 2016).

No Brasil atualmente existem três Obediências tidas como reconhecidas entre si, o que poderia se argumentar como “Obediências

Regulares” – Grande Oriente do Brasil, Grandes Lojas Estaduais (CMSB) e Grandes Orientes Independentes (COMAB).

O Grande Oriente do Brasil (GOB), órgão federado que reúne vinte e sete grandes orientes estaduais, sendo a potência maçônica mais antiga do Brasil; da Confederação de Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB), entidade colegiada que reúne às vinte e sete Grandes Lojas Estaduais e independentes; e da Confederação da Maçonaria Brasileira (COMAB), instituição que reúne vinte e dois Grande Orientes Estaduais, também independentes.

Essas três organizações maçônicas convivem fraternalmente entre si, promovendo em muitos Estados, e sob a liderança de seus três Grão-Mestres, tratados de convivência e colaboração, sendo as únicas organizações maçônicas reconhecidas como regulares no território brasileiro (BAÇAN, 2008; ISMAIL, 2012).

4. Maçonaria e Pandemia

A atual pandemia de COVID-19 gerou repercussões na vida maçônica no Brasil e no mundo. Percebendo que uma grande quantidade dos seus membros faz parte do grupo de risco e entendendo que o vírus tem um índice de hospitalização e letalidade elevado entre pessoas mais velhas, a Maçonaria suspendeu os trabalhos em Loja (sessões ritualísticas) e as administrações das Lojas ficaram desobrigadas de cumprirem com obrigações estatutárias internas a exemplo da obrigatoriedade de número mínimo de reuniões ritualísticas, presença nas sessões caso houvessem e desenvolver trabalhos ritualísticos com portas e janelas abertas desde que houvesse discricão para que terceiros não acessem informações e se evitar reuniões e aglomerações desnecessárias.

A decisão de paralisar ou não as atividades na maçonaria não foram simples e nem uniforme, as obediências maçônicas observaram a realidade local. O objetivo buscou retardar o avanço do vírus para evitar um crescimento no número de contágios, o que causaria o colapso do sistema de saúde.

No Estado da Bahia a GLEB suspendeu sessões e assembleias e autorizou que cada Loja decida se suspende ou não atividades por 30 dias a partir de 13 de Março de 2020 (Ato 0508), as atividades administrativas foram suspensas até 03 de maio. No dia 18 de Maio promoveu uma reunião virtual cujos temas: Prestação de Contas; Código Maçônico, atual situação da Covid-19 e palestra “O Homem do Amanhã” ministrada pelo maçom Cleber Diran Dias Flores, Mestre Instalado da Respeitável Loja Maçônica Fraternidade Conquistense nº 20, Oriente de Vitória da Conquista. Em 04 de Fevereiro de 2021 através da Prancha Circular 944/2021 prorrogou o recesso das sessões ritualísticas até o dia 21 de Fevereiro de 2021, exceto para reuniões virtuais.

Já a potência GOBA facultou às Lojas a decisão sobre suspensão ou não e recomendou que maçons que façam parte dos grupos de risco que evitem frequentar atividades em 16 de Março de 2020 (ATO 057 2018-2020), posteriormente em maio às atividades presenciais foram suspensas autorizando somente as reuniões virtuais, logo depois em 10 de Agosto de 2020 (ATO 072 2018-2020) os trabalhos ritualísticos retornaram ocasião que seu representante o Grão Mestre Cassiano Moreno retornou a agenda Institucional de visitação as Lojas que ficaram facultadas em retornar ou não com suas atividades presenciais.

Por fim a Instituição GOB-BA facultou às Lojas a decisão sobre suspensão ou não e recomendou que maçons que façam parte dos grupos de risco que evitem frequentar atividades em 16 de Março de 2020 (ATO 397-IT). Durante os meses de Junho a Setembro a Instituição promoveu um Ciclo de Palestras Virtuais que teve como objetivo estimular a formação maçônica em virtude da suspensão dos trabalhos. A partir do mês de agosto registra o retorno dos trabalhos ritualísticos com o cumprimento de agenda do então Grão Mestre Luciano Sepúlveda.

No retorno das atividades presenciais podemos perceber o uso do avental continuava obrigatório nas reuniões, mas tornava de uso obrigatório uma outra “peça” de vestuário: “É obrigatório o uso permanente de máscara, que não deve ser retirada em qualquer momento, devendo cada obreiro ser portador da sua.” Ao mesmo

tempo fora dispensado os maçons de usar as luvas rituais, dado “não haver garantias quanto à sua higienização”. Nas reuniões, cada maçon deveria obedecer o distanciamento com medidas adequadas e recomendadas pela OMS, o Tríplice Abraço Fraternal e Cadeia de União (execuções ritualísticas) foram temporariamente suspensos, incluindo os momentos rituais em que estes estivessem previstos apertos de mão, ósculos e práticas que exigiam contato físico. A realização de refeições nas instalações da Loja foi desaconselhada, as Lojas foram autorizadas a suspenderem visitas de obreiros de outras obediências e Lojas, independentemente da existência de relações fraternais reguladas.

5. A Pesquisa

Trata-se de um estudo transversal realizado a partir de um questionário com perguntas objetivas no formato de pesquisa de opinião. Não foi necessário nenhum tipo de identificação dos respondentes e a participação foi voluntária. A pesquisa reuniu dados em meio ao universo da população maçônica no Estado da Bahia, mais especificamente entre aquela que dispõe de algum equipamento digital com acesso à internet, configurando uma amostra não probabilística com viés de conveniência.

O instrumento de coleta foi construído na plataforma Formulários Google® e divulgado via internet, através dos aplicativos e redes sociais: whatsapp, instagram e facebook, entre os dias 01 e 08 de Fevereiro de 2021. Ao todo, obtiveram-se 195 respostas, com diferentes proporções no número de respondentes. Só foram consideradas os questionários que foram respondidos por completo.

O questionário foi estruturado em três partes, para identificar o máximo de dados relacionados aos objetivos que serão apresentadas abaixo, seguidas da análise realizada pelo pesquisador (GIL AC, 2019):

Sua faixa etária:

195 respostas

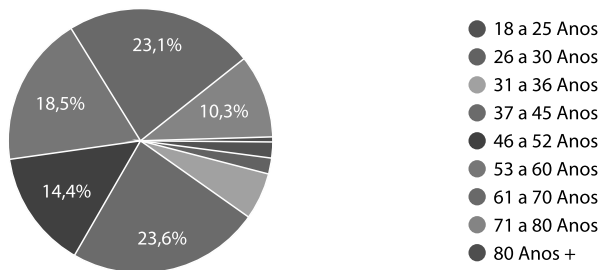


Figura 1 - Faixa Etária

Tempo de Ordem (Iniciado Maçonaria)

195 respostas

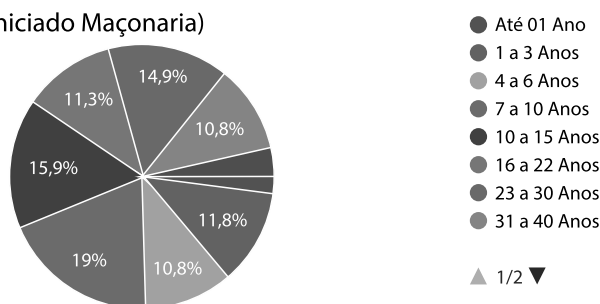


Figura 2 - Tempo de Ordem

Grau na Maçonaria Simbólica

195 respostas

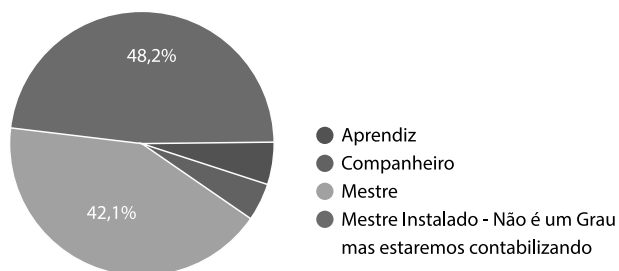


Figura 3 - Grau (Maçonaria Simbólica)

No primeiro bloco de análise buscamos apresentar aqui as Figuras: 01, 02 e 03. Inicialmente o questionário foi respondido em sua grande parte por maçons com a faixa etária entre 37 a 70 anos, reafirmando

pesquisa apresentada no artigo: *Maçonaria Realista*³ do pesquisador José Maurício Guimarães: “a faixa etária da maioria dos maçons está entre 38 e 64 anos de idade, com pico aos 57 anos;...”, observamos ainda que foram os maçons mais “experientes” com 07 a 30 anos de filiação maçônica que buscaram responder o questionário apresentado, sendo 90% aqueles que já atingiram a Plenitude Maçônica (Grau de Mestre-Maçom). A partir destas apresentações podemos fazer as seguintes análises: 1. Os Maçons com mais tempo de Ordem foram os mais interessados em responder o questionário. 2. Os maçons neófitos (iniciantes) não sentiram segurança em responder o questionário. 3. Os maçons neófitos (iniciantes) não se interessaram em responder o questionário.

Sua Loja realizou Reunião Virtual:

193 respostas

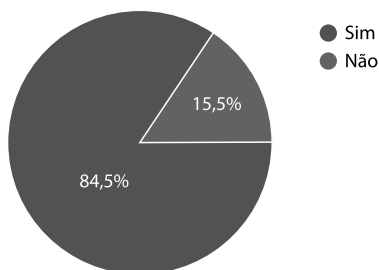


Figura 4 - Sua Loja realizou reunião virtual ?

Você já participou de Algum Evento Maçônico Virtual: (Reunião, Palestra, Bate-Papo, Congresso, Instrução)

195 respostas

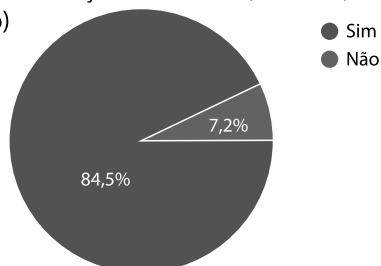


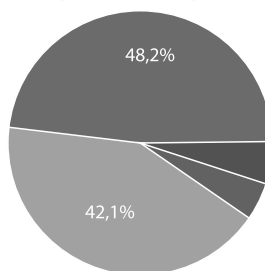
Figura 5 - Você já participou de evento maçônico virtual?

³ <https://omalhete.blogspot.com/2020/05/maconaria-realista.html> - Acessado em 08 de Fevereiro de 2021

Você já participou de alguma atividade maçônica presencial após a fase 4 (Julho/2020), no pós-pandemia?

195 respostas

- Sim, em minha Loja
- Sim, eu outra Loja
- Não
- Não. Os trabalhos presenciais na Potência no qual sou filiado ainda encontram-se suspensas.



A partir da pandemia causada pela Covid-19, as Potências Maçônicas buscaram alternativas para que os seus membros conseguissem de forma remota realizar atividades que antes eram presenciais, como: encontros, reuniões, palestras, grupos de estudo, entre outros. A partir desta nova realidade estas atividades migraram para as plataformas digitais.

Através dos retornos constatou-se que 93% dos respondentes participaram de atividades online propostas por Lojas ou pela Potência no qual o maçom está vinculado, também obteve-se resposta positiva no retorno mesmo que de forma gradativa dos trabalhos presenciais sendo 56% dos participantes.

Entendendo que, com a pandemia, tornou-se mais fácil perceber o quanto as construções e reconstruções de conhecimento acontecem de modo constante, em um movimento que não necessariamente tem que terminar, mas que possibilita aos leitores e aprendizes/usuários das tecnologias digitais um contínuo aprimoramento de suas habilidades.

Em países como a Inglaterra, o sistema educacional maçônico é tão desenvolvido que existe programa computacional sofisticado para instrução dos maçons, a exemplo do Software Loja de Instrução Virtual, com programa completo ou especificando as funções ritualísticas por cargo (THE COMPLETE..., 2014). Recentemente, a Grande Loja Unida da Inglaterra lançou o Programa “Solomon” como Plataforma de Aprendizagem *On Line*, baseado nas estratégias de (1) - Buscar e Aprender, (2) - Compartilhar e Incentivar e, finalmente, (3) - Apoiar e Promover (SOLOMON..., 2018).

Em abril de 2020 a CMSB lançou a UniCMSB, a Universidade Corporativa da Maçonaria brasileira. Uma plataforma de EaD que disponibiliza cursos de curta duração, não apenas aos mais de cem mil maçons das Grandes Lojas confederadas, mas a todos os maçons brasileiros. Segundo o site da Instituição: “O ensino complementar proporcionado pela UniCMSB não tem a pretensão de substituir a educação maçônica promovida pela Loja e Grande Loja, que são a base educacional da Maçonaria”⁴

Paralelamente em maio de 2020 o Grande Oriente do Brasil lançou a plataforma UNIGOB um centro educacional, a princípio, de forma “virtual”, por meio de uma plataforma profissional de ensino que receberá módulos de cursos de capacitação que terá como finalidade capacitar e aprimorar as capacidades profissionais, pessoais e maçônicas.

Você acredita que os trabalhos presenciais já poderiam ter retomados?
(Dentro das orientações sanitárias)

193 respostas

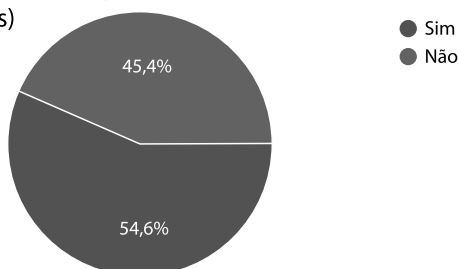


Figura 6 - Retorno dos Trabalhos

A maçonaria só deveria voltar as atividades presenciais após todos os maços serem vacinados

194 respostas

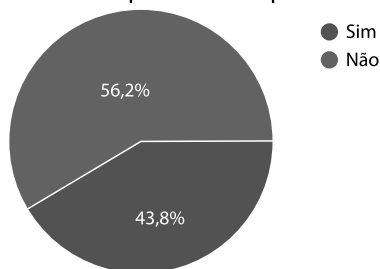


Figura 7 - Maçonaria e vacina

⁴ <https://cmsb.org.br/unicmsb/> - Acessado em 08 de Fevereiro de 2021.

A prática do isolamento social tem causado muitas polêmicas no país, uma vez que algumas autoridades mostram-se céticas quanto à sua eficácia. O fato é que a maior parte dos tomadores de decisão optaram por incentivar essa medida, adotando estratégias de controle da mobilidade da população, como o fechamento de escolas e universidades, do comércio não essencial, e de áreas públicas de lazer etc. Como fora apresentado anteriormente a Maçonaria seguiu o exemplo das demais Instituições. Entretanto com o retorno gradativo das atividades fora questionado a opinião dos maçons sobre suas opiniões relacionadas ao trabalho presencial: As figuras 6 e 7 apresentam um cenário dividido sobre o retorno dos trabalhos e a necessidade de retorno somente quando todos os maçons forem vacinados. É sabido que grande parte da população brasileira apoiou e aderiu ao movimento do isolamento social com o objetivo de se prevenir da COVID-19 e de colaborar com a atenuação da curva de contágio no país.

Em virtude das estatísticas em todo território nacional e internacional, que indicam acentuado grau de proliferação da Covid-19; ainda permanece suspenso os trabalhos na GLEB. Com retorno previsto em 21 de Fevereiro de 2021 entretanto, segundo nota: “podendo haver prorrogação futura, pois, o retorno das sessões ritualísticas e/ou atividades maçônicas estará atrelado às estatísticas de contágio da Covid-19 na Bahia, respeitando o protocolo das autoridades sanitárias”⁵.

Tais apontamentos denotam que para o grupo de maçons respondentes ao questionário as atividades/encontros virtuais têm sido oportunos, e que os maçons buscam assistir e aprender sobre os temas abordados nos eventos ofertados.

⁵ <https://gleb.org.br/blog/gleb-prorroga-recesso-das-sessoes-ritualisticas-e-atividades-maconicas> - Acessado em 08 de Fevereiro de 2021

6. Considerações Finais

Como o presencial deixou de ser o “natural”, momentaneamente os trabalhos maçônicos migrou-se para os ambientes virtuais e, assim, surgiu a necessidade de reaprender, mudar concepções e assimilar a comunicação sob novas perspectivas, o momento foi inédito para todos.

Nessa perspectiva, torna-se inegável o quanto as tecnologias digitais têm revolucionado a comunicação entre pessoas de diversos países no mundo. Isso ficou ainda mais em evidência com a pandemia. As redes sociais on-line facilitam a troca de informações de forma instantânea por meio das conexões feitas on-line (SILVA; LEITE, 2016), possibilitando práticas sociais diversas, que tomaram proporções ainda maiores a partir de 2020.

As redes vieram para ficar e são úteis e práticas para manter contatos com velhos e novos amigos, com colegas de trabalho, tornando tudo e todos mais próximos de nós como jamais estiveram. Entretanto nem tudo convém ser feito em plataformas virtuais de transmissão de vídeos.

A Loja tem sido, desde então, o lugar onde os maçons se encontram e superam suas diversidades pessoais, essa noção de encontro, que a Loja proporciona aos seus obreiros, é absolutamente fundamental para a existência da Maçonaria. É preciso estar presente, física e espiritualmente, nas sessões maçônicas, e isto, jamais será possível por outra via que não seja presencial.

A maçonaria pugna pelo aperfeiçoamento intelectual do homem, possibilitando seu crescimento e desenvolvimento pessoal, refletindo no coletivo pela evolução espiritual. É fato que muito foi avançado e que ferramentas criadas só vieram para somar nas modalidades de ensino-aprendizagem da Maçonaria.

Referencias Bibliográficas

BARTOLONI, Edgar. Revista O Buscador - Ano I N° 2 pag. 11; 2016

BAÇAN, Lourivaldo Perez. O Livro Secreto da Maçonaria. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

CONSTITUIÇÃO DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL. 2017.66p.

GIL, A.C.. Como elaborar projetos de pesquisa 6° ed. São Paulo: Editoras Atlas; 2019.

ISMAIL, Kenny. Desmistificando a Maçonaria. São Paulo: Ed. Universo dos Livros, 2012.

SILVA, M. O.; LEITE, N. C. Vozes na sala de aula de língua inglesa: uma experiência com os multiletramentos. In: Multiletramentos no ensino de inglês: experiências da escola regular contemporânea. Ouro Preto: Instituto Federal de Minas Gerais, 2016.

REGULAMENTO GERAL DA FEDERAÇÃO, Lei N° 99 de 09 de Dezembro de 2008 / Grande Oriente do Brasil (GOB). Brasília-DF, 2018. 29p.

SOLOMON FORESTING CURIOSITY - DEVELOPING UNDERSTANDING. UGLE, London, England - UK, 2018.

THE COMPLETE VIRTUAL LODGE OF INSTRUCTION. Lewis Masonic. Ian Allan Publishing Ltd, England, UK London, 2014.

OS NOVOS MAÇONS: EFEITOS DA PANDEMIA NA VISÃO DE UM APRENDIZ

Francisco Fábio dos Santos Guedes¹

1. Introdução

Os reflexos da Pandemia na vida das pessoas certamente irão perdurar por muito tempo, com os seus efeitos psicológicos, financeiros, de perda e dificuldades em geral, e considerando isto, é necessário que se pense em soluções para o momento pós-pandêmico, de forma que atendam a sociedade em geral no que concerne aos problemas herdados da situação pandêmica. Inserido nesse contexto social, está a Maçonaria, como uma ordem que em sua essência, busca o aprimoramento do ser humano, transformando homens bons em cidadãos ainda melhores, e dessa forma, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária ao oferecer através dos seus membros espalhados por todos os recantos do planeta, incansáveis esforços na busca por esse ideal fraterno, e esta, evidentemente também foi atingida pelos efeitos da Pandemia, os quais obrigaram a sociedade em geral, a adotar mecanismos de prevenção, que em suas bases, causaram dentre outros efeitos, redução no contato físico entre as pessoas, trazendo reflexos em todos os campos das relações humanas.

A manutenção do ideal maçônico entre os seus membros, com bases solidificadas em regras que tradicionalmente fazem parte de um conjunto que os auxilia no crescimento e aprimoramento, e que destes, tem no quesito, frequência às reuniões em lojas, uma das formas de avanço e regularidade do maçom, foi mitigada durante a Pandemia, adaptando-se a situação, buscando soluções, para atender as medidas preventivas de saúde pública, impostas pelo Estado, momento em

¹ Aprendiz Maçom, CIM: 322349. A.R.L.S. DR. DIONÍSIO DA COSTA, Nº 2233, GOB-PB. E-mail: guedesflorestal@gmail.com

que nós maçons tivemos que buscar no distanciamento social, não somente uma forma de prevenir a doença pandêmica, mas também, de entender o verdadeiro sentido da máxima contida na teoria de que o aprendizado maçônico, como disse **BOLLER** (2018), é o auto-conhecimento, caminhada fundamentada em um trabalho solitário e autodidata decorrente de profunda introspecção, e de longa meditação. Desse modo, e em especial, em um momento crucial em que as pessoas vivem mais pelas imagens destacadas nas redes sociais do que pelos feitos, e sendo estes, modulados pela própria situação sanitária vivenciada, também ficou evidente a dificuldade de se ter resultados expressivos com visibilidade necessária para obtenção do próprio efeito pedagógico entre os membros da Maçonaria e a sociedade em geral, onde se mostra que existe um trabalho sendo prestado, numa busca por uma sociedade mais justa e solidária, visibilidade esta, que também tem sua importância, pois a imagem apresentada como resultado de algo, de alguma forma, traz a reflexão de uma experiência vivida por alguém, e mesmo que superficialmente, nos remeterá a algo, e essa questão de leitura do mundo através de redes sociais e mídias em geral, durante a Pandemia, foi muito explorada e que pela sua importância, deve ser considerada pela Maçonaria em trabalhos futuros. É oportuno destacar que houve bons resultados relacionados a estas questões e que foram desenvolvidos por algumas lojas maçônicas, mas que certamente em números está bem abaixo da capacidade que temos, e ainda, que belos trabalhos foram desempenhados, mas sem o devido destaque dentro da própria ordem.

A discrição sempre foi algo bem presente na Ordem Maçônica, não havendo assim a necessidade de publicizar os seus feitos para a sociedade em geral, embora isso aconteça de forma natural sendo inegável o destaque do seu grande papel em vários momentos de lutas vividos pela sociedade, sendo assim, o momento pandêmico, situação em que o distanciamento social diminuiu a presença física implicando em ações diferenciadas para poder dar continuidade ao ideal maçônico, pode ter inserido na rotina de cada maçom, uma carga maior de reflexões para o seu trabalho maçônico individual, com possíveis efeitos para o

futuro, devendo estas questões, serem avaliadas em seus potenciais aspectos positivos ou negativos para o pós-Pandemia, e que assim, possam ser consideradas a partir de então, nas ações desenvolvidas pela ordem.

2. A prevalência do ideal maçônico sobre a vontade individual dos seus membros

O debate acalorado de questões importantes dentro da Maçonaria, sempre foi visto como algo necessário para o próprio desenvolvimento de seus membros, e isto é parte de uma instituição de base democrática, onde a censura não é bem vinda, devendo sempre prevalecer o que for melhor para a Maçonaria.

O uso de recursos virtuais na comunicação, e de forma mais presente no período pandêmico, mostrou-se como uma necessidade, mais também apresentou para a Maçonaria, pontos a serem explorados e definidos no pós-pandemia, para que possamos pensar nessa questão de forma que os seus benefícios estejam alinhados com os propósitos da ordem, e assim, com o máximo de aproveitamento das ferramentas, agregarmos conhecimento e trazermos soluções, e não debruçarmos, através dessas ferramentas virtuais, em campos que não se harmonizam com os princípios maçônicos, gerando um “novo normal” para “velhos conflitos” dentro da Maçonaria. Não podemos transformar a ordem maçônica em só mais um grupinho em que neste não é possível estabelecer uma ordem nos debates, para que pudéssemos torná-los mais justos, observando o contraditório e respeitando a produção do verdadeiro processo de conhecimento de cada um dentro da Maçonaria. O que se viu, foi a exposição desenfreada de questões particulares arraigadas em ideais políticos e ou religiosos que só trouxe a tona o quanto ainda devemos nos lapidar para assim podermos fazer jus a máxima de “homens livres e de bons costumes”, como expõe Romeu e Valdés (2011), ao relatar que os Maçons definem a Maçonaria como uma organização de moralidade, que tem como propósito tornar homens

bons, ainda melhores, e que estes são independentes do governo, e que desencorajam discussões sobre política ou religião, afirmando serem tolerantes, realizadores de boas obras, e praticantes da fraternidade entre os seus membros.

O fato é que a Pandemia, de alguma forma nos ofereceu algo em excesso, e nós acabamos aceitando. Certamente o confinamento, mesmo que de forma ponderada, para muitos foi algo nunca visto antes, e nessa solidão psicológica estivemos algumas vezes, em nossas experiências vividas dentro desse intervalo de tempo considerado pandêmico, diante de questões que poderiam ser, melhor lapidadas em tempos normais, mas que porem, com esse processo alterado, passaram de “pedras brutas” a verdades absolutas e incondicionadas apresentadas em locais inapropriados e debatidas fora de contexto e sem expressão nenhuma de sinais, sentimentos e aprofundamento. O ideal maçônico deve ser absorvido por cada maçom, dentro da sua liberdade de pensamento, mas não fora dos princípios buscados pela Maçonaria, para que não se cometa um erro grave, justificando-o na própria doutrina maçônica, práticas que, a longo prazo poderão desvirtuar a Maçonaria e conseqüentemente, afastar os seus membros, assim, é inegável os ajustes a serem realizados para que a antiga ordem maçônica permaneça forte dentro da modernidade.

Sabemos da relevância das redes maçônicas, e que as ondas da tecnologia poderá nos levar mais longe, mas precisamos usá-la com mais inteligência, efetividade e eficiência sempre em nosso favor e da sociedade brasileira. Acordem Irmãos, pois ainda dispomos de tempo hábil, e temos forças e capacidades operativas, e não devemos perder esse tempo apenas trocando mensagens e ideias pela Internet, em nossos grupos de Whatsapp, e em outras redes sociais (**ROCHA, 2018**).

3. A força fraternal na maçonaria

O espírito fraternal é cimentado em todas as ações da Maçonaria, sendo dessa forma, importante pilar de sustentação da ordem. Sabe-

se que onde existe Maçonaria, existe ajuda ao próximo, e isso não foi diferente durante a Pandemia quando diversas ações de filantropia foram implementadas, sendo estas somadas a outras já existentes e que tiveram continuidade, mesmo diante de grandes dificuldades enfrentadas. Dentro desse contexto, podemos avaliar a prática interna de ajuda mútua, não apenas pelos seus membros nas bases, mas também de iniciativa dos seus dirigentes para auxiliar lojas e obreiros que porventura sofreram enfraquecimento em suas estruturas econômicas, como reflexo dos efeitos da Pandemia.

É importância entender que não há um único organismo mundial que rege a Maçonaria e que nenhum homem fala pela Maçonaria, e nunca falará (HODAPP, 2005), de forma livre, a Maçonaria elege os seus dirigentes, de acordo com os seus Estatutos e estes administrativamente desempenham o seu papel para o crescimento da ordem maçônica e de seus membros, tendo sempre como reflexos de suas ações, a construção de um mundo melhor.

Contribuir para o auxílio dos nossos semelhantes, causa um prazer inconcebível e que é verdadeiramente vivido por pessoas de uma disposição humana, que são naturalmente animados, pela simpatia, para estender a sua ajuda no alívio dos infortúnios dos outros, embora levar alívio aos aflitos é um dever de todos os homens, e mais particularmente ainda dos maçons, que pessoas ligadas entre si por uma cadeia indissolúvel de afeto sincero (PRESTON, 1867).

Vários foram os momentos em que a sociedade esteve diante de situações calamitosas, em diversos lugares do mundo, e como tem se verificado na História, a Maçonaria através de suas ações específicas sempre esteve de alguma forma envolvida com as suas ações fraternas, nessas lutas, levando o seu ideal e contribuindo para a construção de um mundo melhor. Como bem descreve Sachse (2007), ampliar a esfera da felicidade social é projeto digno de benevolência de uma instituição maçônica, e é mais fervorosamente desejado que mesmo o comportamento de cada membro dessa Fraternidade, bem como as publicações que revelam os princípios nos quais eles atuam, e isso tende

a convencer a humanidade de que o grande objetivo da Maçonaria é promover a felicidade do ser humano.

Dentro desse propósito é preciso ter sensibilidade em relação aos seus membros, inserindo-os como participante e também beneficiado dentro dos projetos da ordem para que possamos ter o ideal de fraternidade atendido em toda sua extensão. Os momentos de dificuldades do período pandêmico poderão ter os seus reflexos negativos demorados, até voltarmos à normalidade social, ficarão as lições e o aprendizado, e por isso, será necessário congregarmos de forma seria essa questão, avaliando os caminhos a serem percorridos para não cairmos em erros já superados, e ver com novos olhos, medir com uma nova régua os velhos novos maçons da pós-Pandemia. Nunca é demais lembrar que a evasão maçônica, tema relevante e bem discutido em outros momentos dentro da Maçonaria, pode parecer para alguns membros da ordem, como uma seleção natural, onde ficam na Maçonaria quem realmente se identifica com o ideal maçônico, porém nem sempre é o que ocorre, porque existem vários fatores a ser considerados e estudados, questões que já foram bem exploradas na Maçonaria, e que, trazendo este tema para o período pandêmico, será necessário ajustá-lo o resultado a essa questão, devendo ser observado os efeitos influenciadores causados pela Pandemia.

4. A oficina interior do autoconhecimento

A busca por soluções para acabar com a Pandemia, terá alcançado o seu resultado quando da eficácia do imunizante utilizado para controle da doença em questão (Covid-19), porém, a modulação dos efeitos da Pandemia no período pós pandêmico, deverá ser objeto de busca constante de soluções até que possamos ter uma situação mais livre desses reflexos deixados pela Pandemia. E como instituição iniciática, filosófica e filantrópica por tradição, a Maçonaria tem se mantido em seu propósito, ao logo da sua existência, sendo vários os momentos em que foi necessária a demonstração de coragem e de valor dos seus

membros para enfrentar situações adversas, como na ocorrência da gripe espanhola em 1918, causada pelo vírus influenza e que infectou cerca de quinhentos milhões de pessoas pelo mundo na época.

No contexto da gripe espanhola, Claudio (2003), relata um fato específico, mas que pode ser entendido como situação geral pandêmica da época, ao descrever a situação vivida pela população da cidade de Botucatu no estado de São Paulo, a qual acabara de receber no dia 1º de julho de 1918 a Delegacia Estadual de Saúde de Botucatu, e três meses depois de sua inauguração, a gripe espanhola já assolava toda a área, que diante do contágio que se mostrara praticamente inevitável, o medo não era mais contrair ou não a gripe, mas sim morrer ou não em decorrência dela, vindo o socorro para essas vítimas através de ações do poder público, da Igreja Católica e da Maçonaria, e para este caso, acredita-se que o número de mortos e enfermos pode ter sido ainda maior, por causa da crise sanitária instaurada no país, da desestruturação das repartições públicas e da interrupção dos Correios, havendo subnotificação dos casos, e dos registros de óbito ou mesmo a indicação errada da causa mortis nos cartórios civis.

O acervo da Loja Maçônica Guia Regeneradora de Botucatu, fusão das Lojas Guia do Futuro, fundada em 1875, em plena eclosão da questão religiosa no país, e da Guia Regeneradora, fundada em 1899, no permite dimensionar a força dos ideais maçônicos na estruturação da República, em suas bases político-ideológicas, em suas divergências internas e sua complexa sociabilidade que, no interior das lojas, protegidos pelos véus do segredo, os maçons arquitetavam uma forma social própria, baseada nos princípios da igualdade, da liberdade e da fraternidade (BARATA, 1994).

Vários foram os momentos históricos vividos pela sociedade e que teve a grandiosa participação da Maçonaria, instituição salutar colaborativa com o crescimento e desenvolvimento da humanidade, e todos esses grandiosos momentos históricos, foram necessários para a construção do ideal de solidariedade, para demonstrar a beleza do trabalho desenvolvido pela Maçonaria e para tornar homens bons ainda melhores dentro da ordem. E todo esse trabalho deve ser trazido

ao debate e a reflexão para que cada maçom possa se situar dentro da questão, e ver o seu importante papel, para manter viva a chama dessa grande luta que simbolicamente denominamos de desbaste da pedra bruta, como eternos aprendizes, é uma prestação de contas voltada para a auto reflexão, e não apenas um reflexo administrativo que deve ser considerado para os questionamentos futuros dentro da ordem.

A Pandemia nos trouxe a reflexão, sobre a força e a energia de gestos simples do dia a dia, através da ausência destes, como o simples aperto de mão, a falta de um abraço, a visita a um parente, as confraternizações. Vimos ruas vazias e escolas fechadas em alguns momentos, tivemos incertezas por conta da saúde de pessoas próximas, nos reinventamos no trabalho e nas relações, e tudo isso trouxe conseqüências que perdurarão por muito tempo em nossas vidas, mas que fazem parte de um processo necessário ao crescimento. Em algum momento deveremos discutir esses resultados, em toda a sua extensão, reavaliando as questões administrativas que devem ser tratadas, mas que merecem a atenção no que diz respeito à modulação dos efeitos da Pandemia em cada caso, pois não podemos discutir esses assuntos ignorando o momento excepcional que tivemos que enfrentar com conseqüentes prejuízos. Será inevitável, a lembrança de situações tristes como a despedida de pessoas que gostávamos, e que partiram para o oriente eterno, mas será também o momento de refletir sobre o valor dos nossos atos e de manter acesa a chama que nos liga ao Grande Arquiteto do Universo, não deixando que a nossa ordem se torne apenas mais um ambiente de debates vazios com aparência de um clube, mas que tenhamos a firmeza e a grandeza que sempre existiu na Maçonaria para defender os seus ideais, vivenciados na vida de cada irmão.

O Mestre Maçom deve manter-se vigilante para que as paixões desprezíveis não vençam a virtude, pois ao se manter virtuoso, será exemplo e inspiração para os aprendizes, companheiros e mestres mais novos, e assim, será respeitado e considerado pelo grupo. Na jornada pelo caminho que conduz a essa "iluminação", o neófito, vai se desfazendo aos poucos, emergindo desse novo indivíduo, um ser mais iluminado, altruísta e fraterno. Os sentimentos egoístas vão sendo colocados de lado dando lugar ao desejo de compartilhamento. O

homem que se aprimora na grande fogueira do tempo é nascido de um desejo imensurável de ser coletivo, onde não cabe mais o pensamento minimalista de servir apenas aos seus próprios interesses (PAPUS, 1994).

5. Considerações finais

As experiências vividas no período pandêmico deverão ser consideradas e avaliadas para as próximas ações desenvolvidas pela Maçonaria na pós-Pandemia, visto que suas conseqüências na sociedade em geral perdurarão por certo tempo, devendo as questões administrativas da ordem, com reflexos ultrativos para este período, serem tratadas com ponderação, além da necessidade de considerarmos com mais primazia, o freqüente e cada vez maior, uso de tecnologias e ambientes virtuais nas relações entre os maçons, no contexto da Maçonaria, cuidando para que estes não sejam ferramentas desagregadoras e sem nenhuma contribuição positiva para os trabalhos da ordem, buscando o melhor do uso dessas tecnologias em benefício da Maçonaria, questões estas, que tiveram uma grande carga de influência no período pandêmico e que certamente terá seus efeitos prolongados. Também não se pode negar a existência do efeito pedagógico da publicidade das ações desenvolvidas que, mesmo de forma discreta, sempre foram divulgadas ou tiveram a sua devida notoriedade dentro e fora da Maçonaria, devendo assim, serem aproveitadas e exploradas com virtude, para alimentar a chama de cada membro e servir de exemplo nos seus atos individuais, e ainda mantendo a beleza do ideal maçônico, demonstrado através de suas ações para a sociedade, visto que vivemos em um momento voltado a estas questões tecnológicas e não podemos ignorá-las.

Na Pandemia, o momento em que lojas maçônicas estiveram fechadas, deixou a cada membro um espaço para reflexão e questionamentos, foi um marco para muitos que voltarão as suas lojas como um novo maçom, fazendo valer a máxima de “eterno aprendiz”. A ordem maçônica como instituição deve caminhar perto de seus

membros, levando até estes o acolhimento necessário e indispensável para agregar respeito e compromisso com cada um. A Pandemia afastou e em algum momento até desagregou, mas ficaram as lições e a Maçonaria que nunca foge a luta, se manteve em suas ações, mas há que se considerarem as dificuldades enfrentadas em toda a sua composição, e de forma mais direta nas bases, onde cada um dos seus membros recebeu diversos reflexos.

O novo maçom da pós-Pandemia deverá ser um sujeito mais reflexivo, e ponderado, voltado para o seu trabalho interior, oferecendo sempre que possível, um pouco de reflexão a cada ação desenvolvida, já que ficou bem forjada em nossas almas o quanto somos frágeis e o quanto fomos fortes diante das provas do mundo, ao conseguir vencer mais uma etapa da vida. Cada pilar que serve de base para manter o ideal maçônico vivo, deve ser cimentado e reforçado a cada momento, mas que não esqueçamos do verdadeiro objetivo do trabalho na oficina, que é tornamos homens melhores, despojando-nos dos vícios e buscando desenvolver as virtudes, e que isto, não se consegue somente com tarefas externas, é preciso a auto reflexão constante, lembrada através da simbologia maçônica e mantida através do compromisso de seus valorosos membros, irmãos pertencentes a uma fraternidade de valor imensurável, e que deve primar para que esses valores estejam fortalecidos no pós-Pandemia.

Referências Bibliográficas

BARATA, Alexandre Mansur. **A Maçonaria e a ilustração brasileira**. História Ciência e Saúde Man-guinhos. 1994.

BOLLER, Charles Evaldo. A Teoria do Conhecimento Maçônico. Unidos por Brasília, 2018. Disponível em: <<http://www.unidosporbrasil.com.br/index.php/aprendiz/144-teoria-do-conhecimen-to-maconico>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

CLAUDIO, Bertolli Filho. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918**: epidemia e sociedade. São Paulo: Paz e Terra; 2003.

HODAPP, Christopher. **Freemasons for Dummies**. Hoboken, NJ: Wiley Publishing Inc., 2005.

PAPUS, Geraud Encausse. **O que deve saber um Mestre Maçom**. Biblioteca Maçônica. São Paulo: Editora Pensamento, 1994.

PRESTON, William. **Illustrations of Masonry**. New York: Masonic Publishing and Manufacturing Co., 1867.

ROCHA, Luiz Gonzaga da. Acorde, Irmão!. Unidos por Brasília, 2018. Disponível em: <<http://www.unidosporbrasil.com.br/index.php/aprendiz/149-acorde-irmao>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

ROMEU, Jorge Luis; VALDÉS, Gustavo Pardo. **Demographic Study of Cuban Blue Lodge Masons: A Technical Discussion**. ESTADÍSTICA, 63, 181, pp. 57-75, 2011.

SACHSE, Julius Friedrich. **Washington's Masonic Correspondence As Found among the Washington Papers in the Library of Congress**. Whitefish, Montana: Kessinger Publishing, LLC, 2007.



@ gcfernandes7@gmail.com Instagram gc_fernandes

61 3552-0237 61 98576-8571

